



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**OS TEMBETÁS DO SÍTIO JUSTINO, SERGIPE:
Construindo uma análise tecnológica e cultural**

BEATRIZ DE SOUZA VELLOSO

Laranjeiras - SE

2022

BEATRIZ DE SOUZA VELLOSO

**OS TEMBETÁS DO SÍTIO JUSTINO, SERGIPE:
Construindo uma análise tecnológica e cultural**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ozorio de Almeida

Linha de Pesquisa: Arqueologia, Patrimônio e Sociedade

Agência Financiadora: CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior)

Laranjeiras - SE

2022

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO CAMPUS DE LARANJEIRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

V441t Velloso, Beatriz de Souza
Os Tembetás do sítio Justino, Sergipe: construindo uma análise
tecnológica e cultural / Beatriz de Souza Velloso; orientador Fernando
Ozorio de Almeida. - Laranjeiras, 2022.
151 f., il.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de
Sergipe, 2022.

1. Arqueologia - Brasil, Nordeste. 2. Cemitérios. 3. Indígenas - usos e
costumes. 4. Implementos líticos. 5. Restos humanos (Arqueologia).
I. Almeida, Fernando Ozorio de, orient. II. Título.

CDU 902(813.7)

CRB-5/1494

BEATRIZ DE SOUZA VELLOSO

**OS TEMBETÁS DO SÍTIO JUSTINO, SERGIPE:
Construindo uma análise tecnológica e cultural**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Arqueologia da Universidade
Federal de Sergipe em 18 de março de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fernando Ozorio de Almeida
Orientador – Universidade Federal de Sergipe

Prof^a. Dr^a. Daniela Magalhães Klokler – membro interno
1º Examinadora – Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Ângelo Alves Corrêa – membro externo
2º Examinador – Universidade Federal do Piauí

AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que me ajudaram e tornaram essa dissertação possível. Agradeço primeiramente ao Fernando, por abraçar o tema da pesquisa, por ser compreensível com as dores do momento que vivemos, por apoiar minhas decisões e mostrar o melhor caminho quando eu não sabia o que fazer. Agradeço pela excepcional orientação, por todo aprendizado e pelas oportunidades que me abriu ao longo da minha jornada na arqueologia!

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento, ainda que parcial, foi de suma importância para essa pesquisa se tornar real.

Às professoras Lorena e Daniela pelos comentários e sugestões que fizeram na qualificação, foram fundamentais para me incentivar a terminar esta pesquisa e torná-la melhor possível. Agradeço novamente à professora Daniela e também ao professor Ângelo, por aceitarem participar da banca de defesa e pelos inestimáveis conselhos e elogios transmitidos.

A toda equipe do MAX, pelo acolhimento e oportunidade de trabalhar com esse acervo maravilhoso.

Agradeço imensamente ao Victor, pois foi quem me encorajou a fazer a seleção, ajudou a pensar o tema, provocou reflexões sobre o sítio e a quem confiei as primeiras leituras. Obrigada!

Aos amigos que fiz em Sergipe, agradeço primeiro à Larissa, pelo seu apoio e companhia desde a graduação, pelas ajudas nas escavações e pelas palavras de incentivo quando eu mais precisava. Vou te carregar pra vida!

A Silvia e Emanuel por terem me hospedado em Laranjeiras, pela companhia no estágio, nas disciplinas e campos que fizemos juntos. Ao Thauan, por monitorar a minha primeira exumação de casulo. A Amanda, Miguel, Juliana e ao professor Bruno pelas colaborações nas escavações. Teria sido muito mais difícil sem vocês!

Agradeço também a minha irmã Karine, por fazer as ilustrações que eu não consegui dar conta e aceitar embarcar comigo na mudança para Sergipe.

Aos meus avós, aos quais também dedico este trabalho, por terem sempre me incentivado a estudar e chegar onde eles nunca tiveram a oportunidade de ir.

Aos meus pais, que me apoiaram como puderam em todas as escolhas profissionais que fiz.

E, por fim, à minha bisavó Alice (*in memoriam*), pois um dos motivos de gostar tanto da arqueologia é porque ela é capaz de contar a história daqueles que tiveram sua ancestralidade apagada, como a senhora!

RESUMO

Esta pesquisa teve como objeto de estudo os enfeites labiais – também conhecidos como tembetás, botoques ou labretes – encontrados em sepultamentos do sítio Justino, Sergipe, Brasil, um cemitério indígena pré-colonial e de contato localizado nas margens do baixo curso do rio São Francisco. Pautando-se em bibliografias arqueológicas, históricas e etnológicas, esta dissertação teve como objetivo compreender as relações sociais, simbólicas e tecnológicas das populações indígenas de Xingó com os tembetás. Para tanto, desenvolvemos uma metodologia para analisar esses adornos, a qual acreditamos poder colaborar com futuras pesquisas sobre tembetás em contextos arqueológicos. Também realizamos exumações e análises de sepultamentos, que resultaram em reflexões sobre o sítio Justino e sobre as relações de convívio e trocas culturais entre diferentes comunidades indígenas que povoaram o baixo São Francisco, contribuindo para a construção de um panorama da história indígena regional.

Palavras-chave: Arqueologia do Baixo São Francisco. Cemitérios Indígenas. Adornos Labiais. Adornos Líticos.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objeto de estudio los ornamentos labiales – también conocidos como tembetás, botoques, labretes o bezotes – encontrados en entierros en el sitio de Justino, Sergipe, Brasil, un cementerio indígena precolonial y de contacto ubicado a orillas del curso inferior del río San Francisco. Basada en bibliografías arqueológicas, históricas y etnológicas, esta disertación tuvo como objetivo comprender las relaciones sociales, simbólicas y tecnológicas entre las poblaciones indígenas de Xingó y los tembetás. Por lo tanto, desarrollamos una metodología para analizar estos adornos, que creemos puede contribuir a futuras investigaciones sobre tembetás en contextos arqueológicos. También realizamos exhumaciones y análisis de entierros, que resultaron en reflexiones sobre el sitio de Justino y sobre las relaciones de convivencia e intercambios culturales entre diferentes comunidades indígenas que poblaron el bajo São Francisco, contribuyendo para la construcción de un panorama de la historia indígena regional.

Palabras claves: Arqueología del Bajo Río São Francisco. Cementerios indígenas. Adornos de labios. Adornos líticos.

ABSTRACT

This research aimed study the lip ornaments – also known as tembetás, botoques, labrets or lip plug – found in burials at the Justino site, Sergipe, Brazil, a pre-colonial and contact indigenous cemetery located on the banks of the lower course of the São Francisco River. Based on archaeological, historical and ethnological bibliographies, this thesis aimed to understand the social, symbolic and technological relationships between the indigenous populations of Xingó and the Tembetás. Therefore, we developed a methodology to analyze these adornments, which we believe can contribute to future research on tembetás in archaeological contexts. We also carried out exhumations and analyzes of burials, which resulted in reflections on the Justino site and on the relationships of conviviality and cultural exchanges between different indigenous communities that populated the lower São Francisco, contributing to the construction of an overview of regional indigenous history.

Key words: Archeology of Lower São Francisco River. Indigenous Cemeteries. Lip adornments. Lytic adornments.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. CORPOS E ADORNOS: CONHECENDO O OBJETO DE ESTUDO	19
1.1 Tembetás, botoques ou labretes?	21
1.2 Tembetás em contextos arqueológicos	24
1.3 Os tembetás segundo os cronistas	26
1.4 Os múltiplos adornos labiais dos povos originários	29
2. NAS ÁGUAS DO VELHO CHICO: O SÍTIO JUSTINO E SEU ENTORNO	36
2.1 Um panorama das ocupações humanas no baixo São Francisco.....	39
2.1.1 Os primeiros moradores de Xingó	39
2.1.2 Os povos originários do rio Opará	42
2.2 Sítio Justino: das escavações às interpretações	50
3. DO SABER AO FAZER: ANALISANDO OS TEMBETÁS	61
3.1 Metodologia para o estudo tecnológico dos tembetás.....	61
3.2 A produção dos tembetás do sítio Justino	67
3.2.1 Obtenção das matérias-primas	67
3.2.2 Técnicas empregadas e produto final	70
4. AS PESSOAS E SEUS TEMBETÁS.....	80
4.1 Os sepultamentos com tembetás: descrição e contextualização espacial.....	80
4.1.1 Justino - Setor I.....	82
4.1.2 Justino - Setor II	88
4.2 Uso e reuso dos tembetás: discussão dos resultados	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
APÊNDICES	115

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do sítio Justino e de outros sítios encontrados durante o PAX.....	15
Figura 2 - Homem Parakanã, etnia de língua Tupi-Guarani do sudeste da Amazônia, com tembetá de quartzo leitoso (foto: Lux Vidal, 1980).....	21
Figura 3 - Rondó Suyá com botoques auriculares e labial (foto: Jesco, 1959).	22
Figura 4 - Homem Xetá com labrete de resina preso por pino de madeira (foto: Vladimir Kozák, 1958).	22
Figura 5 - Distintos adornos labiais e furador apresentados em Ribeiro (1988).	23
Figura 6 - Sítios arqueológicos com tembetás no Nordeste brasileiro.	25
Figura 7 – Dois chefes Tupinambá paramentados ostentando tembetás nos lábios e nas faces.	26
Figura 8 – Sepultamento de homem Tupinambá com tembetá no lábio.	28
Figura 9 – Chefe Kerenguatnuk e sua família (Gravura de Domenico Klemi Bonatti, 1821).	30
Figura 10 - Detalhe da pintura inferior em disco labial Kîsêdje (foto: Camila Gauditano, 2001).....	32
Figura 11 - Fotografia da última festa tradicional Laklânõ/Xokleng de perfuração labial (foto: Jules Henry, 1933).....	34
Figura 12 - Vista dos cânions e terraços fluviais do São Francisco antes da construção da UHE Xingó.....	36
Figura 13 - Vista dos cânions e lago do São Francisco a montante da UHE Xingó.....	37
Figura 14 - Detalhes de painéis rupestres em Canindé de São Francisco-SE.	40
Figura 15 - Detalhe do submédio-baixo rio São Francisco no Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú (1981).....	44
Figura 16 - Prato utilizado em ritual funerário do sítio Justino e prato utilizado para o ritual Xokó do <i>Ouricuri</i>	49
Figura 17 - Escavação de quadrículas do sítio Justino.....	50
Figura 18 - Perfil estratigráfico do setor I do sítio Justino.	51
Figura 19 - Planta baixa do sítio Justino com os dois setores escavados.....	52
Figura 20 - Diferentes tipos de tratamento de superfície da cerâmica do Justino: (A) digitado; (B) entalhado; (C) impresso; (D) exciso; (E) roletado.....	54
Figura 21 - Conjunto artefactual lítico do sítio Justino.	55
Figura 22 - Contas possivelmente de amazonita encontradas no sítio Justino.	55
Figura 23 - Vasilha associada ao sepultamento 34.....	58

Figura 24 - Atividades hipotéticas relacionadas a elaboração do ritual de banquete funerário no sítio Justino.....	59
Figura 25 - Conta de vidro <i>Drawn-Speo</i> associada ao sepultamento 137.....	60
Figura 26 - Detalhes de tembetás feitos de três minerais distintos.....	64
Figura 27 - Porções e medidas de análise do tembetá.	65
Figura 28 - Formatos dos tembetás e curvatura das partes proximais.....	66
Figura 29 – Variabilidade de matéria-prima e formatos de tembetás do Justino.	68
Figura 30 - Adornos líticos e afloramentos de matéria-prima na bacia do submédio e baixo São Francisco.....	70
Figura 31 – Prováveis sequências de técnicas empregadas para confecção dos tembetás.	71
Figura 32 - Artesão Parakanã confeccionando tembetá de quartzo leitoso.	73
Figura 33 - Tembetás de quartzo verde do sítio Justino.	74
Figura 34 - Superfícies do tembetá 13 vistas pelo microscópio digital.....	74
Figura 35 - Cadeia operatória dos tembetás de amazonita de Brejo Santo, Ceará.	75
Figura 36 - Tembetás de amazonita do sítio Justino.	76
Figura 37 - Algumas estrias de alisamento e polimento identificadas nos tembetás de amazonita.....	77
Figura 38 - Detalhes de possíveis marcas de picoteamento no tembetá 2.....	78
Figura 39 - Tembetás de quartzo arenito do sítio Justino.....	79
Figura 40 - Mandíbulas dos sepultamentos 119 (esquerda) e 132 (direita).	81
Figura 41 - Relação espacial dos sepultamentos com tembetás, cerâmicas e adornos do setor I do sítio Justino.	83
Figura 42 - Croquis e acompanhamentos dos sepultamentos com tembetás anteriores à cerâmica no sítio.....	84
Figura 43 - Croquis e acompanhamentos do sepultamento 116.....	85
Figura 44 - Croqui e acompanhamentos do sepultamento 109.	86
Figura 45 - Croquis e acompanhamentos do sepultamento 119.....	87
Figura 46 - Distribuição espacial dos sepultamentos do setor II do Justino.....	89
Figura 47 - Croqui do sepultamento 156 durante a exumação do casulo e seu enxoval funerário.....	90
Figura 48 - Croquis e acompanhamentos dos sepultamentos 131 e 142.....	91
Figura 49 - Croquis e acompanhamentos dos sepultamentos 139 e 132.....	92
Figura 50 - Croqui do sepultamento 138 com contas de vidro associadas.....	93
Figura 51 - Sepultamento 164 com tembetá de arenito dentro de vasilha cerâmica.	94

Figura 52 - Diferentes aparências que teriam os tembetás do Justino em uso labial.	95
Figura 53 - Similaridade entre contas de ossos e conchas de alguns sepultamentos.....	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Datações disponíveis para a Área Arqueológica de Xingó.	39
Tabela 2 - Dados comparativos entre as duas áreas de escavação do Justino	53
Tabela 3 - Fases e ocupações do Justino propostas por Fagundes (2007).....	56
Tabela 4 - Atributos analisados nos tembetás do Justino	63
Tabela 5 - Conjunto de tembetás do sítio Justino.....	67
Tabela 6 - Características gerais dos sepultamentos estudados do setor I.....	82
Tabela 7 - Características gerais dos sepultamentos estudados do setor II.	88
Tabela 8 - Comparação entre os indivíduos com tembetás achatados de quartzo arenito.....	96

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice I - Levantamento dos tembetás arqueológicos no Nordeste Brasileiro.....	115
Apêndice II - Sepultamentos do sítio Justino (Setor I).....	117
Apêndice III - Sepultamentos do sítio Justino (Setor II).....	123
Apêndice IV - Tabela de análise dos tembetás do Justino.....	124
Apêndice V - Descrição dos sepultamentos analisados.....	130
Apêndice VI - Croquis de escavação do setor II do sítio Justino - detalhes dos níveis em que aparecem sepultamentos.....	144

LISTA DE SIGLAS E SÍMBOLOS

AAX – Área Arqueológica de Xingó

C14 – Carbono 14

CHESF – Companhia Hidrelétrica do São Francisco

MAX – Museu de Arqueologia de Xingó

PAX – Projeto Arqueológico de Xingó

TL - Termoluminescência

UFS – Universidade Federal de Sergipe

UHE – Usina Hidrelétrica

UTM -

Km – quilômetros

cm – centímetros

mm - milímetros

sep. – sepultamento(s)

INTRODUÇÃO

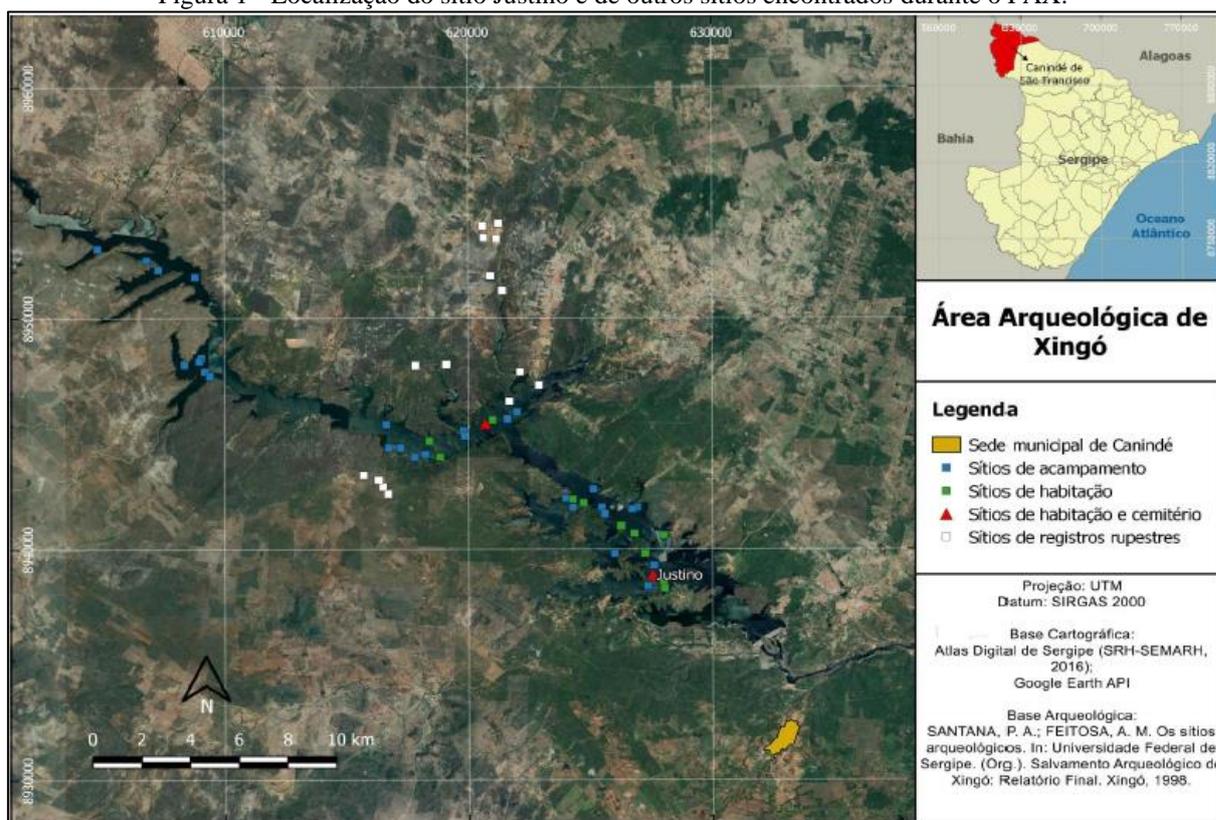
O uso de ornamentos labiais era um costume de diversos povos tradicionais da África, Ásia e América, remontando às culturas neolíticas que viveram no Irã, Síria e Sudão há pelo menos 8000 anos A.P. (FRAYER *et al.*, 2020; KEDDIE, 1989). As evidências arqueológicas de seu uso nesses continentes são, além dos adornos em si, desgastes dento-mandibulares em sepultamentos e representações em máscaras, esculturas e estatuetas adornadas. Assistido de leituras histórica e etnológica sobre os povos que utilizavam enfeites labiais, Keddie (1989) afirma que os *labret* são transmissores e conservadores de informações e culturas, pois estão ligados à expressão de identidades, cosmologias e simbolismos sociais.

Nas Américas, o ato de perfurar o lábio e adorná-lo com um objeto era compartilhado entre povos originários de Norte a Sul do continente: Inuits do Canadá; Mexica e Astecas do México; Mochica e Chimú do Peru; Guaranis da Bolívia, Paraguai e Argentina, para citar apenas alguns exemplos (KEDDIE, 1989; NETTO, 1877). Esses e tantos outros povos utilizavam ornamentos labiais muitas vezes similares morfológicamente, mas ligados a questões simbólicas únicas de cada comunidade. No Brasil, os adornos labiais são mais conhecidos como tembetás e são encontrados no registro arqueológico pré-colonial ao longo de todo o território nacional, principalmente em contextos funerários, como é o caso do sítio Justino.

O Justino estava localizado em um terraço fluvial às margens do rio São Francisco, no município de Canindé de São Francisco, Sergipe, na região Nordeste do país (Fig. 1). É um cemitério indígena pré-colonial e de contato, com datações recuadas até cerca de 8900 anos A.P., onde foram encontrados 168 sepultamentos com acompanhamentos funerários diversos, incluindo panelas e cachimbos cerâmicos, ossos faunísticos, instrumentos musicais e adornos feitos de material conchiliológico, osteológico, vítreo e lítico, como é o caso dos tembetás (VERGNE, 2004).

O sítio foi identificado na década de 1990 durante o licenciamento para a construção da Usina Hidrelétrica de Xingó e devido à urgência do salvamento arqueológico, as sepulturas humanas foram envoltas em “casulos de gesso” e levadas posteriormente ao Museu de Arqueologia de Xingó (MAX) (LINS DE CARVALHO, 2000). O MAX, vinculado à Universidade Federal de Sergipe, foi criado em 2000 com o objetivo de dar continuidade às pesquisas e de abrigar o material arqueológico encontrado durante o Projeto Arqueológico de Xingó (PAX) (LINS DE CARVALHO, 2000).

Figura 1 - Localização do sítio Justino e de outros sítios encontrados durante o PAX.



Fonte: BARRETO, 2020, p. 17.

Ao longo das três últimas décadas, as principais pesquisas arqueológicas da região foram conduzidas por docentes da UFS. Dentre as pesquisas desenvolvidas, foi através do projeto “Do Sertão para o Mar: A Fluidez de Pessoas, Ideias e Estilos Tecnológicos na História das Populações Ceramistas do Baixo São Francisco (AL-SE)” (2016-2018), coordenado pelos professores Fernando Ozorio de Almeida e Daniela Magalhães Klokler, que tive contato com o contexto arqueológico do baixo São Francisco. Desde 2018, tenho participado das exumações dos sepultamentos em casulos, escavação de sítios em abrigos com registros rupestres e desenvolvido pesquisa sobre a iconografia da região (VELLOSO, 2020).

Foi no âmbito de uma das campanhas do PROBASÃO, com o objetivo de exumar alguns casulos do Justino, que surgiram diversos questionamentos norteadores para esta pesquisa, após dois tembetás serem encontrados nos sepultamentos 119 e 132. Quantos outros tembetás existiam no sítio? Quem eram as pessoas que os utilizavam? Afinal, o que esses enfeites nos dizem sobre o Justino?

Em pesquisas anteriores sobre o sítio, os tembetás não foram incluídos nas análises do material lítico (FAGUNDES, 2007; MELLO, 2005). Também não existem discussões aprofundadas sobre esses adornos fora as descrições apresentadas por Silva (2013; 2017).

Além disso, nenhuma bibliografia até então havia apresentado a quantidade total de tembetás e a quais sepultamentos todos estavam associados.

Nesta pesquisa, analisamos dezesseis tembetás identificados no sítio até o momento, associados a quatorze sepultamentos estimados como masculinos, femininos e infantis, provenientes do início ao fim do uso do terraço como cemitério. Trata-se de um dos raros casos de inumação desse adorno em sepultamentos de crianças e mulheres no contexto brasileiro, já que os tembetás são conhecidos geralmente como parte do universo masculino, sobretudo de povos de língua Tupi (PROUS, 1991; SENE, 2007; SOUZA, 2008). Assim, o Justino se apresenta como um importante sítio para se entender e questionar padrões e determinações de gêneros atribuídos aos povos nativos americanos a partir de uma perspectiva ocidental.

O sítio se mostrou ainda um propício cenário para desenvolver metodologias de análise de tembetás, visto possuir uma quantidade relevante do adorno em distintas matérias-primas, variadas morfologias e, conseqüentemente, técnicas empregadas na sua fabricação. Embasamo-nos na perspectiva da antropologia da tecnologia (LEMONNIER, 1992) para estudar e compreender o significado da variabilidade formal dos tembetás e, a partir disso, aproximarmo-nos das relações simbólicas e sociais das populações originárias do baixo São Francisco.

Devido à complexidade de se interpretar o Justino pela quantidade e diversidade de sepultamentos e o amplo espaço temporal que ele abrange, consideramos que estudar os tembetás ajudaria a caracterizar melhor as sociedades que ocuparam o sítio, considerando serem ornamentos de extrema importância social entre todos os povos que os utilizavam e de serem objetos imbuídos de identidade desde a sua idealização.

Esta dissertação foi estruturada em quatro capítulos, sendo os dois primeiros teóricos e os demais destinados à descrição dos objetos estudados, dos procedimentos metodológicos realizados e dos resultados encontrados. O **primeiro capítulo** tem como objetivo apresentar a base teórica referente aos tembetás, a partir do diálogo entre arqueologia, história e etnologia, para caracterizarmos as complexas cosmologias sociais que permeiam o uso desses ornamentos corporais entre diferentes etnias indígenas. A princípio, apresentamos uma abordagem mais ampla sobre o uso de adornos ameríndios e a sua relação direta com a corporalidade e a noção de pessoa entre sociedades indígenas. Em seguida, nos destinamos a explorar os adornos labiais especificamente, incluindo a variabilidade de terminologias,

tecnologias, morfologias e significações sociais que recebe entre povos Tupi e Macro-Jê, principalmente.

Em seguida, o **segundo capítulo** está voltado à contextualização do sítio Justino, desde as pesquisas arqueológicas no baixo São Francisco até a história dos povos originários da região, incluindo um breve histórico da invasão europeia, visto se tratar também de um sítio de contato. Aprofundando-se mais no Justino, descrevemos as metodologias empregadas na sua escavação e as teorias sobre suas ocupações que se desdobraram a partir das diversas pesquisas sobre o sítio. Apresentamos ainda novas reflexões considerando os dois setores de escavação do sítio: Justino I e Justino II, sendo essa segunda área pouco explorada até o momento.

No **terceiro capítulo** realizamos a análise tecnológica dos tembetás do Justino, ao invés de se ater somente às descrições morfológica das peças. Por não haverem manuais de referência para análises de tembetás, um dos pontos cruciais da pesquisa foi construir um protocolo analítico, tendo como embasamento a antropologia das técnicas conceituada por Lemonnier (1992), as pesquisas sobre tembetás de Corrêa (2011) e Souza (2008) e leituras sobre outros artefatos líticos polidos. A partir disso, foi possível elaborarmos as cadeias operatórias dos diferentes tembetás do sítio.

O **quarto capítulo** foi destinado a entender a relação dos tembetás com as pessoas com as quais foram sepultados. Para isso, realizamos a análise da estrutura funerária e do contexto espacial dos sepultamentos com tembetás, observando se era possível encontrar uma conexão desses adornos com as posições de enterramento e outros objetos dos enxovais funerários e, ainda, se existem áreas específicas do cemitério em que esses indivíduos estavam sendo inumados. Por fim, apresentamos uma discussão sobre todas as questões levantadas ao longo da dissertação, a fim de demonstrar no que a análise dos tembetás auxiliou para obtenção de novas informações para o sítio e a área arqueológica de Xingó.

É importante salientar também que este estudo foi majoritariamente desenvolvido durante a pandemia ocasionada pelo vírus Covid-19 e, portanto, enfrentou uma série de dificuldades que deixaram lacunas para serem preenchidas em oportunidades posteriores: a) não foram exumados todos os sepultamentos inicialmente planejados; b) não foi possível ter contato com todos os esqueletos dos indivíduos sepultados com tembetás para reexaminar suas diagnoses biológicas e buscar marcas de desgastes dento-maxilares ocasionadas pelo uso prolongado de adornos labiais; c) não puderam ser consultadas as bibliografias históricas e etnológicas sobre as populações indígenas do São Francisco que não se encontravam em

meios digitais; d) e, de igual maneira, não foi possível realizar análises laboratoriais para averiguar com precisão a matéria-prima constituinte dos tembetás. Apesar desses limitantes, os quais encaramos como possibilidades futuras de enriquecer esta pesquisa, não tomamos os resultados aqui apresentados como rasos, preliminares ou incompletos. Por meio de um artefato subaproveitado em contextos arqueológicos - não apenas no Justino - levantamos importantes reflexões sobre a multiculturalidade dos tembetás e sobre a história indígena regional.

CAPÍTULO 1

CORPOS E ADORNOS: CONHECENDO O OBJETO DE ESTUDO

Inicialmente, é necessário esclarecermos que a noção de pessoa nas sociedades indígenas brasileiras difere da noção de pessoa ocidental. A primeira distinção é que sociedades ocidentais engrandecem o sentido interno e as particularidades de um indivíduo, já nas sociedades indígenas uma pessoa é principalmente um ser social, ou seja, é entendida como membro de uma comunidade específica (SEEGER *et al.*, 1979). Uma segunda diferenciação é que, enquanto no pensamento ocidental um ser biológico já é compreendido como pessoa, para as populações indígenas as pessoas são construídas e transformadas ao longo da vida de cada indivíduo, de acordo com as cosmologias e a organização social de cada etnia, nas quais a corporalidade tem papel de destaque (SEEGER *et al.*, 1979). É por meio de diferentes eventos ao longo da vida de um indivíduo que o corpo se torna socializado e é inserido de maneira gradativa e constante na comunidade: a partir do nome que lhe é atribuído, quando a criança desmama, quando começa a falar, quando entra em idade reprodutiva, entre outras fases da vida (SEEGER *et al.*, 1979).

Nesse sentido, a corporalidade está ligada ao fato de o corpo de um indivíduo não ser entendido nem como a totalidade de corpo, nem com a totalidade de pessoa. Certas partes e órgãos do corpo humano funcionam como idioma simbólico e, além da sua dimensão física, o corpo é um instrumento de transmissão de significados sociais e cosmológicos (SEEGER *et al.*, 1979). Isso explicaria porque ocorrem certas semelhanças entre artefatos quase universais - como o uso de adornos labiais por diferentes povos -, pois determinadas partes do corpo e seus sentidos são referências simbólicas sociais (SEEGER, 1980).

De acordo com Schaan (2007), a corporalidade e o gestual são características de sociedades de tradição oral por ser também uma forma de compartilhamento de conhecimentos e conceitos cosmológicos além da oralidade. Ainda segundo a autora:

A estética própria de um grupo social – as pinturas corporais, os ornamentos, as roupas, os objetos que carregam – comunica sobre o grupo a que o indivíduo pertence, sobre sua identidade individual e social. São códigos compartilhados por indivíduos que lhes atribuem significados semelhantes e, nesse sentido, esses objetos vêm a fazer parte de um mesmo sistema de significações (SCHAAN, 2007, p. 100).

A corporalidade está presente em diversas ocasiões da organização social indígena: restrições e prescrições alimentares ou sexuais, resguardos por doença ou luto, reclusões

pubertárias, bem como nos rituais de perfuração dos lábios (SEEGER *et al.*, 1979). Muitos desses momentos são marcados pela atribuição de adornos às pessoas, os quais estão ligados às suas funções sociais dentro da comunidade e também às distinções de gênero e de idade (SEEGER, 1980). Assim, os enfeites utilizados pelos indivíduos estão associados à sua identidade - que não é apenas pessoal.

É possível encontrar diversos exemplos na etnografia de ornamentações, pinturas e modificações corporais ligadas diretamente ao processo de construção da pessoa e a sua integração dentro de uma identidade comunitária. Nos mitos primordiais de algumas cosmologias amazônicas certos artefatos eram originalmente pessoas ou partes do corpo humano, enquanto determinadas partes corporais eram originalmente artefatos (SANTOS-GRANERO, 2012). Por isso, durante as fases da vida de um indivíduo dados adornos lhes são atribuídos como extensão do corpo, para que se tornem pessoas completas (SANTOS-GRANERO, 2012).

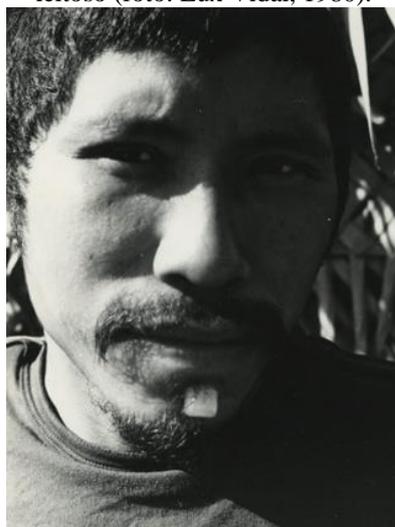
É importante salientar que os termos "adornos, ornamentos e enfeites" são usados na literatura e nesta pesquisa para se referirem a esses objetos associados à corporalidade indígena, mas devemos ter em mente que a ideia decorativa não comporta o significado deles como um todo. Apesar de terem também uma função estética, o ato e os objetos de "enfeitar" estão inseridos em uma complexa relação social e simbólica que vai além do que a nossa linguagem pode expressar.

Essa relação entre corpo e artefatos/adornos abordada, permeia também as despedidas de um ente querido. As formas de se desfazerem de um corpo (enterrado, queimado, cortado ou devorado) e quais presentes lhes são atribuídos são reflexos da cosmologia social e crenças sobre a morte. Cristiana Barreto (2008) aponta que os rituais funerários nem sempre reproduzem relações sociais cotidianas, mas são idealizados e ocorrem em circunstâncias especiais. A autora ainda destaca que esses rituais são representações das relações sociais e refletem concepções de vida, de morte e da relação com os ancestrais a partir do ponto de vista de uma cosmologia particular. Durante os rituais funerários uma nova identidade é conferida ao morto (BARRETO, 2008). O corpo que passa a vida sendo construído como pessoa, ao morrer se torna outro ser, que precisa ser ressocializado no mundo dos ancestrais, tendo a materialidade envolta nos rituais funerários um papel fundamental nesse processo (BARRETO, 2008).

1.1 Tembetás, botoques ou labretes?

Em decorrência da variedade de palavras encontradas na bibliografia para se referirem aos enfeites labiais, faz-se pertinente levantar algumas reflexões terminológicas. Os adornos labiais são mencionados na literatura por termos que evocam o seu formato, matéria-prima ou uso labial, como *lip-plug* em inglês ou *bezote/besote* em espanhol. No Brasil, é mais conhecido pela palavra de origem Guarani **tembetá**, formada pela junção de *tembé* (lábio) e *itá* (pedra) (STRADELLI, 1929). Aparece também como *metára*, *mbetára* ou *tametára* em registros sobre os Tupinambá (CARDIM, 1925; THEVET, 1944), todas prováveis variações de *tembetára* (*tembé*/lábio + *tára*/ornamento) (STRADELLI, 1929). Cabe ressaltar que nem todos os povos falantes do tronco linguístico Tupi tinham uma palavra específica pra esse adorno, como os Parakanã que os chamavam apenas de *itá* (Fig. 2) (VIDAL, 1985).

Figura 2 - Homem Parakanã, etnia de língua Tupi-Guarani do sudeste da Amazônia, com tembetá de quartzo leitoso (foto: Lux Vidal, 1980).



Fonte: LISA-USP.

Outro termo muito utilizado para se referir aos enfeites indígenas é botoque ou batoque, apelido dado pelos portugueses aos discos labiais e auriculares de madeira (Fig. 3), pois lhes remetiam rolhas de barril e tonel (BALDUS; WILLEMS, 1939). Essa expressão originou o apelido Botocudo para nominar inicialmente os povos de língua Borun que viviam no sul da Bahia, nordeste de Minas Gerais e norte do Espírito Santo e faziam uso desses adornos, mas ao longo do tempo foi atribuído genericamente a qualquer povo que utilizasse ornamentos labiais, independente da filiação linguística ou região geográfica (PARAISO, 2002). Desse modo, os Xetá (para citar apenas um exemplo), falantes de língua Guarani que

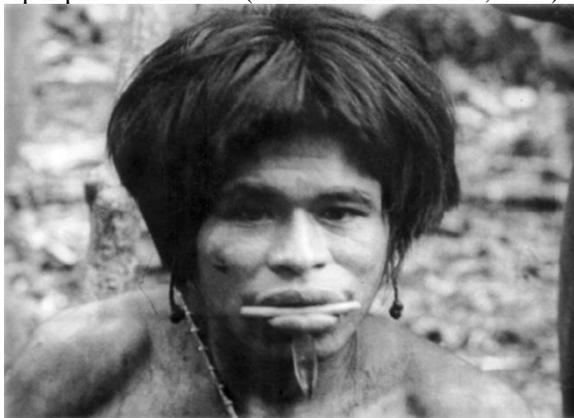
habitavam e seguem habitando o território do atual estado do Paraná, também receberam esse apelido, mesmo que fizessem uso de labretes de resina (Fig. 4) (KOZÁK, 1981).

Figura 3 - Rondó Suyá com botoques auriculares e labial (foto: Jesco, 1959).



Fonte: Instituto Socioambiental (ISA)

Figura 4 - Homem Xetá com labrete de resina preso por pino de madeira (foto: Vladimir Kozák, 1958).



Fonte: REIS, 2014, p. 157.

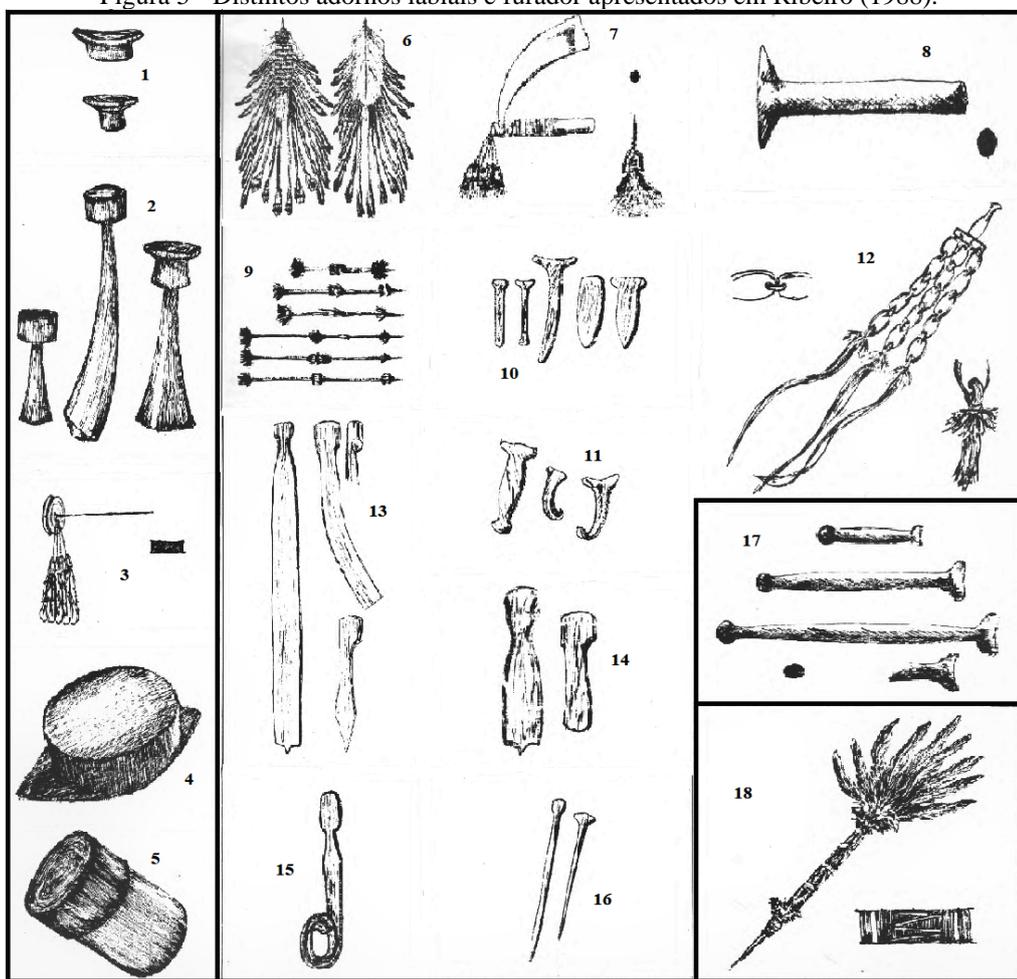
No primeiro ensaio escrito sobre os tembetás brasileiros, Ladislau Netto (1877) os descreve como joias preciosas dos antigos nativos e, tendo como base os relatos de cronistas, os associa principalmente aos Tupinambás e a outras nações Tupi da costa brasileira. Já os botoques, mais comumente usados no século XIX, para o autor seriam “grosseiros simulacros de madeira” feitos na tentativa de reproduzir os “primitivos e ricos adornos de pedra” (NETTO, 1877). Ainda de acordo com Netto (1877), na língua nativa dos Botocudos esses discos labiais se chamavam *kimua*, *gnima* ou *guimuá*, e os auriculares *guimatá*.

Essa dualidade étnica entre os tembetás e botoques foi reiterada por Baldus e Willems (1939) e se perpetuou na arqueologia, sendo reproduzida até bem recentemente. Souza (2008) distingue os tembetás dos botoques da seguinte maneira: o primeiro seria essencialmente de pedra, utilizado exclusivamente por homens nos lábios e bochechas, principalmente entre povos Tupi; o segundo era feito de material vegetal (madeira), poderia ser até quatro vezes maior que o tembetá e era ostentado nos lábios e orelhas de homens e mulheres de línguas Jê.

Embora seja evidente que houvesse um apreço dos adornos líticos pelos Tupi do litoral, não utilizaremos aqui essa diferenciação étnica, assumindo uma exclusividade do uso de tembetás por eles. Não obstante, adotaremos a definição com base nas matérias-primas de Riberio (1988) e empregaremos a palavra tembetá para se referir aos enfeites labiais feitos de minerais e rochas, mas sem lhes atribuir automaticamente uma filiação Tupi-Guarani, apesar da origem etimológica.

Berta Ribeiro (1988) também acrescenta nos verbetes sobre adornos labiais o termo labrete, palavra que deriva do latim *labrum* (lábio) e é utilizada para designar qualquer ornamento utilizado nos lábios, inclusive os piercings modernos. Para a autora, os labretes são enfeites pendentes feitos de materiais ecléticos e com formatos variados, destacando os tipos labrete emplumado, labrete-cavilha, de acúleo (espinho), de concha, de madeira, de miçangas, de osso e de fragmentos de madrepérola (Fig. 5)¹. Mesmo definindo labretes de madeira, Ribeiro (1988) também conceitua os botoques como adornos labiais de madeira leve e circular, que pelo tamanho podem ser um botão ou disco.

Figura 5 - Distintos adornos labiais e furador apresentados em Ribeiro (1988).



- 1) Botoques botão de madeira - Kayapó (p. 154); 2) Botoques botão de madeira com vareta - Kayapó (p. 154); 3) Botoque botão de madeira com vareta - Xikrin (p. 155); 4) Botoque disco de madeira - Kokraimoro-Kayapó (p. 155); 5) Botoque disco de madeira - Xikrin-Kayapó (p. 155); 6) Labrete emplumado - Urubus-Kaapor (p. 123); 7) Labrete-cavilha - Kayapó (p. 172); 8) Labrete de resina fragmentado - Borôro (p. 174); 9) Labretes de acúleos brancos de ouriço-cacheiro - Borôro (p. 173); 10 e 11) Labretes de concha - Karajá (p. 173); 12) Labrete de fragmentos de madrepérola - Borôro (p. 175); 13 e 14) Labretes de madeira de uso adulto - Karajá (p. 173-174); 15) Labrete de madeira de uso infantil - Karajá (p. 174); 16) Labretes de osso - Karajá (p. 174); 17) Tembetás de quartzo hialino e leitoso - Tapirapé? (p. 184); 18) Furador labial - Borôro (p. 171).

¹ Apesar das classificações de Berta Ribeiro (1988) não mencionarem os adornos labiais feitos de cerâmica, podemos incluí-los no vocábulo labrete.

Embora esta pesquisa seja exclusivamente sobre os tembetás, apresentaremos a seguir bibliografias arqueológicas, históricas e etnológicas sobre labretes e botoques igualmente, a fim de compreendermos melhor o universo envolto na perfuração labial e no uso de enfeites nos lábios entre os povos originários brasileiros.

1.2 Tembetás em contextos arqueológicos

Encontram-se adornos labiais em sítios arqueológicos ao longo de todo território brasileiro, em maior quantidade os tembetás, pois se conservam melhor no registro. Contudo, existem excepcionais labretes de madeira em abrigos-cemitérios associados à tradição Taquara-Itararé no Rio Grande do Sul (PROUS, 1991) e labretes marajoaras feitos de cerâmica para emular os ornamentos de pedras verdes (BARRETO, 2008). Ainda assim, existem poucos trabalhos voltados para tembetás – e adornos corporais no geral – que, como aponta Silva (2017), costumam ser apenas descritos (matéria-prima, tamanho e formato) quando encontrados em sítios arqueológicos.

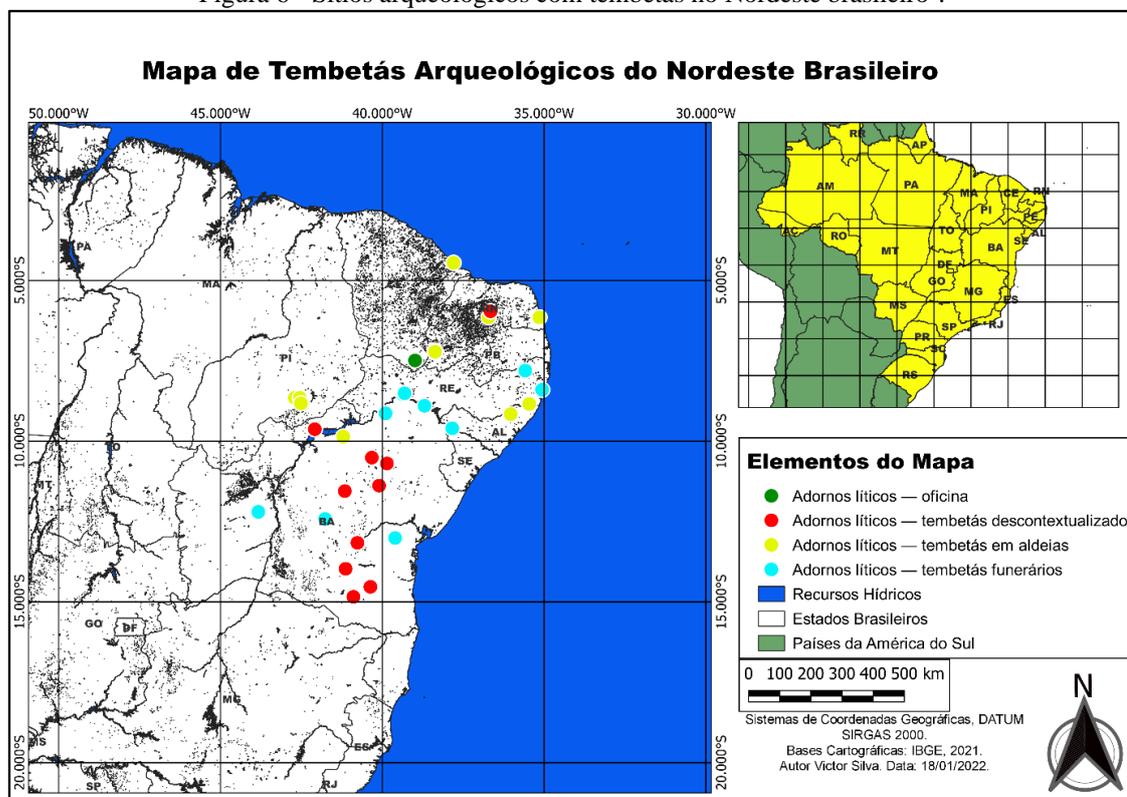
Devido ao subaproveitamento dos tembetás em pesquisas arqueológicas, é difícil apresentar um panorama sobre adornos labiais nos contextos pré-coloniais. É comumente apontado como um ornamento unicamente masculino e, portanto, considerado um distintivo de gênero e posição social (PROUS, 1991; SENE, 2007; SOUZA, 2008). Além de ser indicado como um adorno característico de povos Tupi (CORRÊA, 2011; PROUS, 1991; SOUZA, 2008).

Destacam-se nesse cenário as pesquisas de Claudia Rodrigues-Carvalho e Sheila Mendonça de Souza (1998), Daniela Cook e Sheila Mendonça de Souza (2012) e Glaucia Sene (2007), que apontam os desgastes dentais e mandibulares provocados pelo uso prolongado de tembetás no Sambaqui de Cabeçuda/SC, na Toca do Gongo/PI e na Toca do Gentio/MG, respectivamente; a fabricação de tembetás de amazonita e quartzo através de experimentação por Gustavo Neves de Souza (2008) e a construção de uma cadeia operatória de tembetás de amazonita, a partir da oficina Baixio dos Lopes em Brejo Santo/CE, feita por Angelo Corrêa (2011).

Em relação ao Nordeste, tanto André Prous (1991), quanto Gabriela Martin (2008), destacaram em suas sínteses haver uma preferência pela coloração esverdeada na matéria-prima dos tembetás da região, sendo encontrados adornos polidos de amazonita, quartzo verde e jade (nephrita), mas sem especificarem em quais contextos e sítios foram localizados.

Através do levantamento bibliográfico, conseguimos identificar tembetás em quase todos os estados nordestinos, com exceção do Maranhão² (Fig. 6). É notável a presença de tembetás em contexto funerários, especialmente às margens do médio-baixo curso do rio São Francisco (ETCHEVARNE, 1999; ETCHEVARNE *et al.*, 2009; FAGUNDES *et al.*, 2015; FERNANDES, 2011; LUNA, 2006; VERGNE, 2004, entre outros). No Parque Nacional da Serra da Capivara/PI, no Rio Grande do Norte e em Alagoas são mais comuns serem encontrados em aldeias à céu aberto (LIMA, 2006; MILLER, 2009; NOGUEIRA, 2011; PAIVA, 2011; TENÓRIO, 2010). Nos municípios de Brejo Santo e Fortim, ambos no Ceará, foram identificados sítios com indícios de produção de adornos com fragmentos, lascas e tembetás quebrados em amazonita, todos associados a ocupações Tupi (CORRÊA, 2011; ZANETTINI, 2019). Existe ainda uma grande quantidade de tembetás coletados por moradores locais, principalmente na Bahia e Rio Grande do Norte, que pertencem a coleções particulares ou foram doados a acervos museológicos, mas sem procedência exata conhecida (FIGUEIREDO FILHO *et al.*, 2014; MARTIN, 1980; OTT, 1944).

Figura 6 - Sítios arqueológicos com tembetás no Nordeste brasileiro³.



² Possivelmente, essa ausência é resultante de uma subnotificação dos tembetás arqueológicos do Maranhão, visto existirem diversas referências históricas sobre o uso de tembetás entre os indígenas do estado e serem encontradas estatuetas com representações de adornos labiais em sítios das estearias maranhenses (NAVARRO, 2022).

³ Os dados utilizados para a elaboração desse mapa se encontram no Apêndice I.

Esse panorama certamente se trata de apenas uma fração do cenário real, considerando o pouco destaque dado aos adornos nas publicações arqueológicas. Sem dúvida, se explorarmos os acervos de instituições museológicas e de pesquisa, encontraremos tembetás oriundos de outras localidades não mencionados nas bibliografias consultadas.

1.3 Os tembetás segundo os cronistas

Os primeiros documentos escritos sobre os povos indígenas brasileiros são majoritariamente referentes às populações Tupi, que no século XVI habitavam quase todo o litoral do Brasil (ABBEVILLE, 2008; CAMINHA, 2000; CARDIM, 1925; EVREUX, 1874; LÉRY, 1961; SOARES DE SOUSA, 1971; STADEN, 1930; THEVET, 1944). Tais obras, a partir do imaginário europeu, apresentam descrições dos tembetás utilizados por essas sociedades, os rituais de perfuração labial e ainda demonstram uma homogeneidade no costume de usar adorno labial entre aldeias Tupi do Maranhão até São Paulo.

Figura 7 – Dois chefes Tupinambá paramentados ostentando tembetás nos lábios e nas faces.



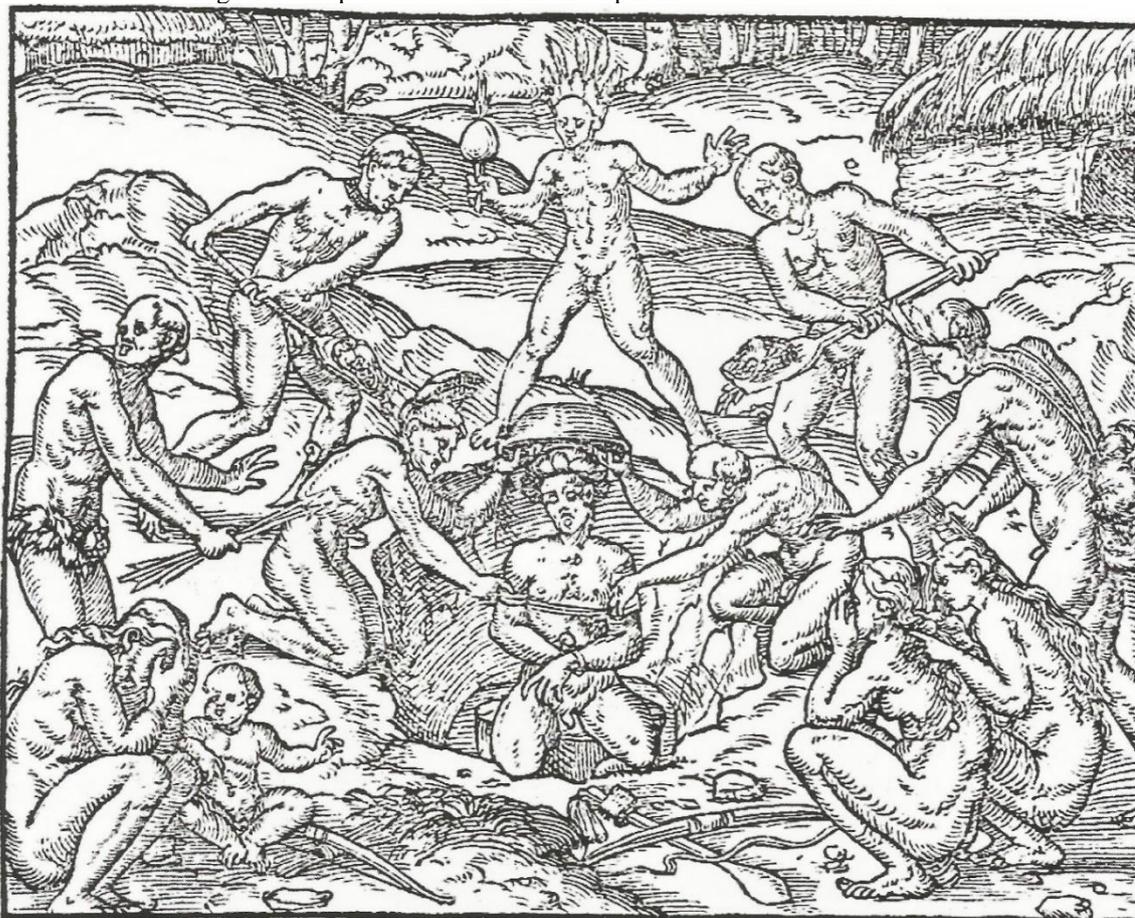
Fonte: STADEN, 1930, p.129.

Em geral, o tembetá era reservado aos homens, sendo um símbolo de virilidade e reconhecimento público da capacidade de serem guerreiros, principal papel masculino na sociedade Tupi (FERNANDES, 2006). O adorno também era uma expressão de hierarquia, já que a quantidade e o tamanho do tembetá variava conforme a importância do indivíduo, sendo o maior reservado ao chefe (STADEN, 1930). Há menções a indígenas que perfuravam também o lábio superior (SOARES DE SOUSA, 1971) ou que faziam três furos na boca, sendo o tembetá do meio o maior (ABBEVILLE, 2008). Além de usar o adorno nos lábios, alguns homens Tupinambá também inseriam tembetás nas bochechas (Fig. 7), sendo a perfuração nas faces realizada quando o guerreiro executasse um grande feito (THEVET, 1944).

O ritual de perfuração labial simbolizava o início da transição do menino para guerreiro, que ocorria quando a criança tinha entre 4 e 6 anos. A perfuração era precedida por três dias de festim com muita dança e cauinagem, na qual participavam os parentes, amigos do iniciado e convidados de aldeias vizinhas (ABBEVILLE, 2008). O furo era realizado com um espinho grosso ou osso de veado e caso a criança gritasse ou chorasse durante o ritual, sinalizava que teria pouco valor como guerreiro - o que raramente acontecia (ABBEVILLE, 2008; THEVET, 1944). A incisão era tratada com unguento e nela era inserida uma concha de caramujo, osso polido ou rolete de madeira responsáveis por manter o furo aberto até o jovem se tornar adulto (STADEN, 1930). Quando alcançada a idade do matrimônio ou fossem capazes de portar armas, recebiam o aguardado tembetá, que os acompanhava até na morte (Fig. 8) (CARDIM, 1925; STADEN, 1930).

Os tembetás foram descritos em formatos variados: poderiam ser pequenos e apresentar a aparência de uma moeda sob a boca, grossos do tamanho de uma polegada ou ainda finos e compridos até a altura do peito (CARDIM, 1925; STADEN, 1930; THEVET, 1944). As cores também eram diversificadas, podiam ser brancas, pardas, azuis ou verdes, a coloração mais apreciada. A preferência por minerais esverdeados, como amazonita ou quartzo verde, predominava nas tradições regionais do Nordeste – já que entre povos meridionais era mais comum que o tembetá fosse branco ou translúcido (PROUS, 1991). No contexto amazônico, as pedras verdes eram utilizadas na fabricação de contas e muiraquitãs devido a crença de que tinham propriedades protetoras contra diversas doenças (LIMA, 2010).

Figura 8 – Sepultamento de homem Tupinambá com tembetá no lábio.



Fonte: THEVET, 1944, p. 259.

Devido à escassez da matéria-prima esverdeada e considerando que no litoral não haviam jazidas desses minerais, foi observada pelos cronistas a existência de redes de trocas entre os indígenas. André Thevet (1944, p. 206) presenciou que povos vizinhos e amigos dos Tupinambá lhes traziam as pedras verdes já polidas de “uma alta montanha, que fica na terra dos canibais”. Segundo Evreux (1929, p. 95) “vi por uma pedra para o beijo dar o valor de mais de vinte escudos de mercadorias um tupinambá a um miariense, em nossa casa de São Francisco, no Maranhão”. Dessa forma, em distintos locais os Tupi estariam obtendo seus tembetás e/ou as pedras verdes para fabricá-los com outros povos do interior (PINTO, 1956; OTT, 1944).

Essas populações moradoras do interior que não falavam a língua geral ficaram conhecidas como Tapuias, que significa “inimigos contrários” aos Tupi, denominação utilizada geralmente para se referir a povos de tronco Macro-Jê ou etnias de línguas isoladas (DANTAS *et al.*, 1998). Existem escassos relatos referentes aos Tapuias que também usavam tembetás – como os Kariri, que serão apresentados no capítulo seguinte –, mas que indicam um apreço compartilhado pelas pedras verdes, ainda que não fique claro se também era

exclusividade masculina e se o simbolismo hierárquico era compartilhado. Medeiro Filho (1984, citado por SCHUSTER *et al.*, 2020) descreve os tapuias do Nordeste como:

[...] possuidores de pele “morena escura”, com cabelos pretos, muito grossos e ásperos, que homens e mulheres usavam longos. Durante a guerra, homens, mulheres e crianças pintavam seus corpos com pigmento extraído do fruto do jenipapo a fim de intimidar com um semblante terrível. Também obtinham tinta vermelha do suco de urucu e pintavam linhas brancas bem definidas nos corpos. Ornamentavam-se com penas coloridas, as orelhas furadas com ossos ou madeira e **nos lábios introduziam pedras, geralmente de cor verde** [...] faziam colares com algodão, que prendiam em diferentes partes do corpo, e possuíam uma espécie de sandália, produzida com a casca de planta denominada curaguá (SCHUSTER *et al.*, 2020, p. 185, grifo nosso).

Gabriel Soares de Sousa (1971) afirma que os Tapuias do rio “Seregipe” conviviam com os Tupinambá da região e compartilhavam o uso de pedras verdes nos lábios, obtidas pelos Tupinaé em uma serra no interior. Também segundo o autor, os Tapuias da Bahia, que eram músicos e cantores, mantinham o mesmo costume e fabricavam seus próprios tembetás em grandes dimensões com pedras verdes e azuladas encontradas no sertão (SOARES DE SOUSA, 1971).

Durante o processo de invasão e colonização europeia o tembetá foi caindo em desuso rapidamente, pois os portugueses desprezavam a aparência que o adorno proporcionava e proibiam seu uso (ABBEVILLE, 2008). Sendo assim, um dos poucos povos que conservaram a tradição de usar e fabricar tembetás até o século passado foram os Parakanã, que se mantiveram isolados até 1973 (VIDAL, 1985). Esse povo Tupi foi contactado devido à construção de grandes empreendimentos de engenharia na região que habitam, o sudeste do Pará, como a rodovia transamazônica. Chamou a atenção o fato de ainda lascarem e polirem pedras para fabricarem ferramentas e tembetás. O *itá* era produzido pelos homens mais velhos da comunidade, podendo levar meses para ser confeccionado em quartzo leitoso. Era de uso exclusivo dos homens adultos, enquanto os mais jovens usavam um adorno similar feito de madeira (VIDAL, 1985).

1.4 Os múltiplos adornos labiais dos povos originários

Os povos que utilizavam adornos labiais com maior quantidade de documentação histórica – fora os Tupinambás – são os já mencionados Botocudos. Além do apelido dado pelos portugueses, eram chamados também de Aimorés pelos Tupi do sul da Bahia, provavelmente por conta da madeira *emburé* utilizada na fabricação dos adornos labiais

(PARAÍSO, 2002). Outra possível explicação para essa denominação é que *aimoré* significaria “flauta ruim” em Tupi, pois devido ao uso da *kimua* os Botocudos não tocavam *boré* (flauta) pelos lábios, mas sopravam o instrumento pelo nariz, emitindo um som desagradável aos Tupi (BALDUS; WILLEMS, 1939).

De acordo com registros do século XVII, os Botocudos se automeavam como *Krén*, *Grén* ou *Guerén*. Já no final do século XIX, aparecem diversos relatos de pequenas comunidades que se autodenominavam com o nome de seus chefes: *Naknenuk*, *Kraknum*, *Nakreehé*, entre outras. Seriam falantes da língua Borun, filiada ao tronco Macro-Jê, e ancestrais dos atuais Krenak do vale do rio Doce (PARAISO, 2002).

Ao contrário do observado entre a maioria dos outros povos, os discos labiais e auriculares de madeira de barriguda (*emburé*) com os quais se adornavam eram de uso tanto masculino, quanto feminino (Fig. 9) (NETTO, 1877). Além disso, durante incursões pelo interior do país, Dom Pedro II encontrou comunidades de Botocudos no vale do rio Doce em que apenas as mulheres exibiam discos labiais (SILVA, 2016). Os furos eram feitos em crianças e alargados gradativamente por meio da troca por botoques cada vez maiores, podendo chegar até 8 cm de diâmetro (NETTO, 1877). Os mais idosos as vezes utilizavam adornos em formatos de cuias (NETTO, 1877).

Figura 9 – Chefe Kerenguatnuk e sua família (Gravura de Domenico Klemi Bonatti, 1821).



Fonte: Acervo da Pinacoteca de São Paulo.

Por atrapalharem o avanço na exploração das riquezas minerais e vegetais da região que habitava, Dom João VI declarou guerra justa aos Botocudos em 1808, sob o pretexto de

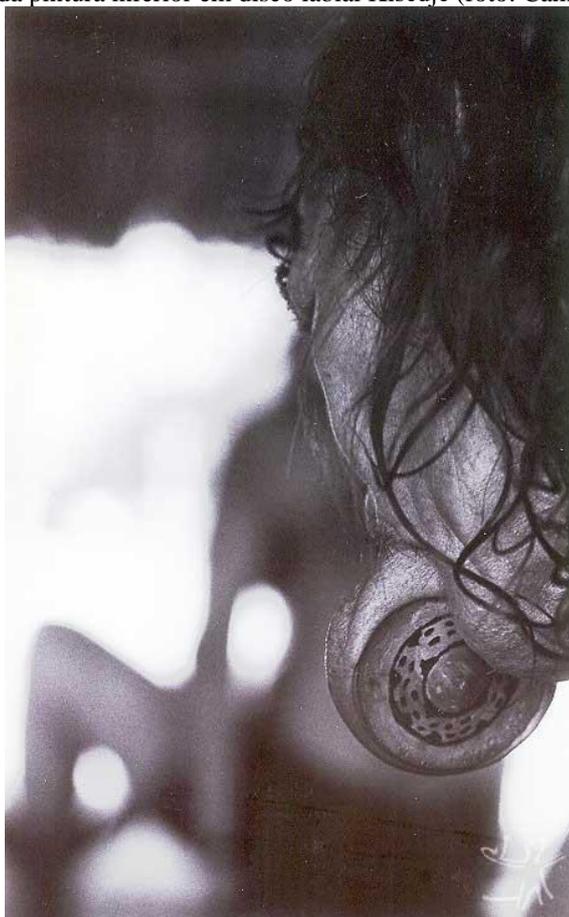
serem selvagens e canibais (PARAISO, 2002). Dessa forma, outros povos nativos que usavam adornos labiais foram também classificados como Botocudos, pois assim haveriam benefícios legais ao confrontá-los (PARAISO, 2002). Para corroborar com esse discurso, diversas charges publicadas em revistas da época retratavam esses indígenas sendo agressivos contra os brancos (SILVA, 2016).

No mesmo período, tornaram-se interesse científico de diversos pesquisadores, que pilhavam seus cemitérios para realizarem estudos craniométricos, o que culminou em indígenas Botocudos sendo exibidos em exposições antropológicas no Brasil e na Europa, onde muitas vezes morriam de pneumonia (PARAISO, 2002). Após a intensa e violenta perseguição, ao fim do século XIX não era mais comum encontrar pessoas que utilizassem botoque, os mais novos possuíam apenas o furo labial, mas haviam abandonado o adorno (NETTO, 1877).

O botoque labial também foi utilizado entre povos Jê setentrionais, porém somente pelos homens entre os Kĩsêdje e Kayapó. Os Kĩsêdje, conhecidos também como Suyá, tinham o botoque como um dos seus elementos de identidade, enquanto sociedade e pessoa (SEEGER, 1980). Era através da ornamentação com os discos labiais e auriculares, juntamente com seu canto *akia*, que estabeleciam a distinção de si com outros povos da sociedade alto-xinguana. Já que eram os únicos que possuíam essas três características, na concepção dos Kĩsêdje, portanto, seriam os únicos completamente humanos (SEEGER, 1980).

O uso desses ornamentos nos lábios e nas orelhas tinham a intenção de enfatizar a fala e a audição, sentidos valorizados entre os Kĩsêdje por serem considerados faculdades sociais/humanas; enquanto a visão e o olfato são faculdades animais/antissociais (SEEGER, 1980). Assim que entravam na puberdade, as orelhas dos indivíduos de ambos os sexos eram perfuradas para que esses pudessem ouvir e compreender bem. O furo no lábio era feito nos jovens com idades entre 15 e 20 anos, quando considerados homens completos. Passavam então a integrar a casa dos homens, onde deveriam se dedicar a praticar os cantos e a fabricar discos labiais cada vez maiores (SEEGER, 1980). Os botoques podiam chegar a 8 cm de diâmetro e eram pintados nas laterais e na parte superior com tinta vermelha de urucum (*Bixa orellana L.*) e na parte inferior eram feitos desenho circulares com tinta preta de jenipapo (*Genipa americana L.*), que representavam a constelação de Plêiades (Fig. 10) (SEEGER, 1980). Atualmente, apenas alguns idosos Kĩsêdje ainda usam botoques, mas os sentidos sociais ainda são valorizados.

Figura 10 - Detalhe da pintura inferior em disco labial Kĩsêdje (foto: Camila Gauditano, 2001).



Fonte: Instituto Socioambiental (ISA).

Entre os Kayapó, os quais possuem a estrutura linguística mais próxima dos Kĩsêdje, os homens também utilizam o botoque em valorização à oratória e ao canto masculinos. Turner (2012) relatou que entre os Kayapó a perfuração dos lábios ocorria logo após o nascimento dos meninos, sendo colocado um cordão de contas ou conchas para manter o furo aberto até o ritual de iniciação, quando os jovens começavam a utilizar pinos de madeira para alargar o furo gradativamente. Ao se tornarem chefes de família, os homens ganham maior autoridade social, exercida na oratória da casa comunal dos homens e na entoação do canto *ben*, representada através de um maior disco labial. Ao envelhecer, o homem diminui sua participação política na comunidade e seu papel honorífico é simbolizado por um adorno menor de madeira ou de cristal polido (*kruturam*), normalmente transmitidos como herança de família (TURNER, 2012).

Esses artefatos de pedra têm coloração clara leitosa, geralmente branco, cor associada à velhice e aos espíritos, podendo chegar a 15 centímetros de comprimento por 2,5 de

diâmetro (TURNER, 2012). Souza (2008) apresenta um relato do Padre Jaime Rodriguez Cândia de 1970, em que Bep-inhó, um idoso Kayapó, demonstra como fazer um *kruturam*:

[...] deve ser feito a partir de um cristal “grosso e comprido, para fazer bonito. Que se for fino da muito trabalho para fazer a cabeça.” Disse ainda que, para fazer um tembetá, como lhe fora requisitado pelo Padre, precisava “ir à serra para procurar um pedra para pulimentar o quartzo que le(sic.) foi entregue. (...) Ao dia seguinte(sic.) foi ao córrego que passa perto da casa, carregando a pedra e o cristal de quartzo.(...) Junto da água assentou o bloco de arenito, o molhou e começou a esfregar o cristal pelas arestas, seguindo (sic.) a direção da mesma aresta com um movimento de adianta para atrás. Nunca de lado pra o lado. Molhava freqüentemente a rocha. Nunca molhou o cristal, que foi desgastando, aresta após aresta até deixar um cilindro bastante perfeito, arredondando os extremos(sic.). Feito isso em poucas horas, começou afinar o corpo do *kruturam*, antes de fazer a cabeça. Nunca usou areia. (sic. SOUZA, 2008, p. 29-30).

Entre os povos da região central do Brasil, foi observada uma preferência por labretes. Os Apinayé, povo Jê que vive entre os rios Araguaia e Tocantins, utilizavam adornos de pena destinados apenas ao sexo masculino, sendo feito e mantido um furo labial pequeno. Coincidentemente, ou não, são povos que não dão a mesma ênfase a fala que os Kayapó e os Kĩsêdje (SEEGGER, 1980). Entre os Karajá, povo do tronco Macro-Jê, os compridos labretes de materiais ecléticos também eram de uso exclusivo masculino, sendo representados nas tradicionais bonecas cerâmicas Karajá como distintivos de gênero (CAMPOS, 2007). Outra especificidade é que algumas palavras da língua Karajá só tinham certa sonoridade devido ao uso do adorno labial, portanto, as mulheres não falariam todas as palavras do dialeto (CLEVE, 1903 *apud* BALDUS, 1954).

Os Jê meridionais utilizavam tembetás ou labretes de madeira, finos e compridos (KISTNER, 2016). Até o início do século XX, era utilizados pelos Laklãnõ/Xokleng do Vale do Itajaí, sendo a cerimônia de perfuração dos lábios o acontecimento mais importante na vida social masculina (Fig. 11), pois era quando o menino passava a ser adulto (KISTNER, 2016). Nesse ritual, acontecia a dança tradicional *ãgglag* e envolvia o preparo do *mõg*, uma bebida tradicional fermentada a base de mel e xaxim, dado para as crianças iniciadas pois tinha efeito anestésico e anti-inflamatório (ALMEIDA, 2015). Entre os Kaingang, outro povo Jê do Sul, era igualmente uma atribuição exclusivamente masculina (KISTNER, 2016).

Figura 11 - Fotografia da última festa tradicional Laklãnõ/Xokleng de perfuração labial (foto: Jules Henry, 1933)



Fonte: ALMEIDA, 2015, p. 23

O uso de adornos labiais exclusivamente masculinos também era uma característica dos Xetá ou Héta, falantes do dialeto Mbyia-Guarani e habitantes da Serra de Dourados, no Paraná (KOZÁK, 1981). Eram conhecidos como “botocudos” da região desde o século XIX, mas somente em 1954 contataram os colonos em decorrência da expansão cafeeira local. A perfuração labial era feita entre os meninos de 7 a 9 anos, a fim de transformar o *tikuen* (criança) em *kuen* (jovem) (REIS, 2014). O ritual *akuto membé* só terminava quando a bebida acabava, sendo obrigação dos parentes do iniciado fornecerem toda a comida e bebida do festim, motivo pelo qual haviam homens sem o furo labial, porque seus parentes haviam falecido ou não puderam providenciar os mantimentos (REIS, 2014). Após o ritual, os meninos ficavam reclusos até a incisão cicatrizar e quando findado o isolamento recebiam o labrete. O enfeite geralmente era feito de resina de jatobá (*Hymenaea courbaril*) em forma de projétil – cujo processo de fabricação foi descrito detalhadamente por Kozák (1981) – e fixados no interior da boca por um pino de madeira (Fig. 4).

Ainda que seja minoria, nem todos os povos Tupi restringiam os adornos labiais aos homens. Entre os Zo'é, falantes de língua Tupi-Guarani que vivem na região noroeste do Pará, o adorno labial *embe'pot* esculpido em madeira da árvore Poturu é utilizado por homens e mulheres igualmente (GARVE *et al.*, 2012). Segundo as tradições Zo'é, somente aqueles que usam o labrete são considerados verdadeiros seres humanos, os que não o utilizam são *kihari* (estrangeiros). A perfuração labial é realizada por um parente da criança iniciada com uma tábua afiada de macaco-aranha, sendo em seguida inserido um pequeno adorno de

madeira. O tamanho do labrete é aumentado gradativamente até atingir o tamanho máximo de 4 cm de diâmetro (GARVE *et al.*, 2012).

Além dos povos apresentados nesse capítulo, outras etnias dos troncos Macro-Jê e Tupi também utilizavam adornos labiais – como os Puri, Krahô, Kaiowá –, mas há vagas informações sobre seus costumes ligados ao ornamento. O uso de enfeites labiais entre os povos indígenas brasileiros evidentemente não se restringe aos dois troncos linguísticos enfatizados, mas os dados sobre outras etnias que têm ou tinham como tradição o uso de tembetás e labretes são limitados, havendo apenas poucos relatos e ilustrações principalmente sobre populações amazônicas, como os Mura, os Yanomami (GARVE *et al.*, 2012) e os Pawumwa (HASEMAN, 1912).

Através das bibliografias apresentadas, foi possível constatar a importância dada ao rito de perfuração labial para a iniciação social em diferentes povos, geralmente sendo precedido por diversos preparativos, dentre os quais a própria fabricação do adorno. Além disso, podemos perceber que os tembetás não se restringem apenas aos povos do tronco linguístico Tupi e que nem sempre adornos labiais são exclusivamente um ornamento masculino. Essa associação dos tembetás a uma sociedade específica e como símbolo de virilidade, reproduzida até hoje em pesquisas históricas e arqueológicas, foi construída em cima de um viés europeu e patriarcal que deve ser consultado de forma crítica e não generalista. Mesmo nos casos em que os ornamentos são de uso exclusivo masculino e distintivos de gênero, não aparecem como símbolo de uma masculinidade tal qual percebida na sociedade ocidental.

Nossa intenção ao discorrer sobre os botoques e os labretes de povos do Norte ao Sul do país não foi para construir paralelos etnográficos comparativos com as populações de Xingó. Entretanto, essas leituras foram cruciais para dar uma dimensão mais complexa aos tembetás estudados – para além de objetos funerários e da visão colonialista sobre eles – auxiliando nas futuras interpretações sobre o sítio Justino.

CAPÍTULO 2

NAS ÁGUAS DO VELHO CHICO: O SÍTIO JUSTINO E SEU ENTORNO

O sítio Justino está inserido na região hidrográfica do baixo São Francisco, que corresponde a todo curso do rio a partir das antigas quedas d'água de Paulo Afonso/BA até a sua foz, compondo toda a fronteira natural entre os estados de Sergipe e Alagoas (NOGUEIRA; SÁ, 2015). Além do curso principal do rio São Francisco, sua bacia é composta por vales dos diversos rios secundários e, na região de Xingó, muitos desses afluentes são sazonais (NOGUEIRA; SÁ, 2015). Ao longo do canal do rio, ocorrem descontinuamente os terraços fluviais (Fig. 12), predominantemente compostos de areia muito fina (60%), intercalada por camadas de lama compactada siltico-argilosa, chegando a alturas de 15 a 25 metros acima do nível máximo-médio do rio (AB'SÁBER, 1997).

Figura 12 - Vista dos cânions e terraços fluviais do São Francisco antes da construção da UHE Xingó



Fonte: PAX, 1998, p. 16.

De forma geral, boa parte da bacia do São Francisco está inserida no bioma da Caatinga e se encontra na região climática do semiárido nordestino, assim como a maior parcela do baixo curso (MEDEIROS *et al.*, 2014). A área do sertão apresenta temperaturas que variam de 18 a 27°C na maior parte do ano, tem grande incidência de radiação solar e se caracteriza por duas estações bem distintas: uma seca, de agosto a março, e a outra chuvosa

(PAX, 1998). A topografia de Xingó se destaca pela presença dos cânions do rio São Francisco e de seus afluentes, compostos por paredões íngremes de rochas graníticas e gnaisses (NOGUEIRA; SÁ, 2015), além do relevo aplainado na superfície do platô com abrigos e lajeiros rochosos característicos do pediplano sertanejo (PAX, 1998).

Figura 13 - Vista dos cânions e lago do São Francisco a montante da UHE Xingó



Foto: Victor Silva, 2019.

Com a instalação da UHE Xingó, o nível do rio subiu e boa parte da área dos cânions teve os terraços inundados formando lagos (Fig. 13). Anteriormente, o curso do rio nessa região era caracterizado por quedas d'água, dentre as quais estavam as antigas corredeiras de Xingó, as últimas do São Francisco antes de sua foz (NOGUEIRA; SÁ, 2015). Como destacam Almeida e Kater (2017), as cachoeiras são locais que podem ser considerados bolsões de história de diversos povos indígenas sul-americanos, ocupadas desde o Holoceno Inicial e servindo como lugar sagrado para rituais, encontros, visitas e/ou moradia, ideia corroborada pelas evidências arqueológicas da região de Xingó.

As pesquisas arqueológicas no baixo São Francisco se iniciaram efetivamente com o licenciamento para a construção da Usina Hidrelétrica de Xingó, justificado pela identificação de quatro sítios rupestres no município de Canindé de São Francisco/SE em 1985 (PAX, 1998). Na primeira fase do Projeto de Salvamento Arqueológico de Xingó (PAX), de 1988 a 1994, foram identificados 56 sítios arqueológicos na área a ser afetada pela construção da

barragem (Fig. 1): 15 sítios com gravuras e pinturas rupestres nos abrigos do platô e em paredões dos cânions e 41⁴ sítios a céu aberto nos terraços fluviais (que hoje se encontram inundados), de onde foram coletados vestígios líticos, cerâmicos, estruturas de combustão, ossos faunísticos, sepultamentos e sedimentos (PAX, 1998). Nos sítios a céu aberto foram feitas sondagens através de trincheiras de 2 metros de largura pela extensão do terraço, que variou de 5 a 75 metros; somente os cemitérios Justino e São José II foram escavados em ampla superfície (PAX, 1998). Os sítios identificados foram classificados em três categorias: acampamento, quando possuíam evidências de permanência temporária ou semi-temporária; habitação, quando foram identificados indícios de sedentarismo; e, por fim, cemitério e habitação, devido à presença de sepultamentos humanos (PAX, 1998).

Uma segunda etapa do PAX ocorreu entre 1995 e 1998, subsidiada pelo convênio da Petrobrás com a CHESF, permitindo as análises preliminares dos vestígios coletados e a continuidade das prospecções até a foz, que culminou na identificação de novos sítios rupestres e potenciais sítios a céu aberto. Entre 2003 e 2006, novas escavações foram realizadas a jusante da usina de Xingó nos sítios Barracão, Cipó, Barragem e Jerimum, encontrados em 1995 (VERGNE, 2007).

Após a criação do curso de graduação em arqueologia da UFS em 2007, as principais pesquisas em Xingó passaram a ser coordenadas por docentes de curso. Em 2012, a então professora Suely Amâncio coordenou a primeira escavação de um sítio rupestre da região, o Dom Hélder, dentro do Complexo da Eco Fazenda Mundo Novo, em Canindé de São Francisco/SE. Entre 2016 e 2018, o PROBASÃO desenvolveu pesquisas de revisão do material encontrado durante o PAX e prosseguiu com as escavações no Dom Hélder e em outros abrigos de Canindé, resultando na identificação de fragmentos e cachimbos cerâmicos sobre o platô⁵.

Após levantar um breve histórico das pesquisas arqueológicas desenvolvidas na região, apresentaremos adiante algumas interpretações resultantes das análises desses sítios, seguido de dados etno-históricos acerca das populações do baixo São Francisco, antes de adentrarmos às referências específicas sobre o sítio Justino.

⁴ No relatório final do PAX são mencionados possíveis 80 sítios a céu aberto encontrados durante as prospecções, mas apenas 41 foram selecionados para a realização de intervenções subsuperfície.

⁵ Essas informações se encontrarão detalhadas no relatório final do PROBASÃO, ainda em processo de elaboração.

2.1 Um panorama das ocupações humanas no baixo São Francisco

2.1.1 Os primeiros moradores de Xingó

A ocupação humana na região do baixo São Francisco remonta há pelo menos 8950 anos A.P., a partir das datações disponíveis para o sítio Justino (Tab. 1). A origem das primeiras populações a se instalarem nas margens desse rio ainda não é consentimento. Para Gabriela Martin (1998) seriam povos vindos do Centro-Oeste brasileiro. Em contrapartida, Bueno e Dias (2015) propõem que as grandes drenagens fluviais serviriam de corredor de acesso ao interior do continente pelas migrações vindas do litoral Norte e Nordeste, modelo no qual o rio São Francisco funcionaria como passagem para o planalto central em uma primeira fase do povoamento do território brasileiro.

Tabela 1 - Datações disponíveis para a Área Arqueológica de Xingó.

Sítio	Nv.	Data	Data Calibrada	Mét	Lab.	Fonte
Cipó	5	300 ±30 AP	1616-1671 AD (52.7%) 1504-1590 AD (39.3%)	C14	Beta	Schuster <i>et al.</i> , 2020
Porto Belo I	1	342±51 AP	-	TL	-	Fagundes, 2007
Porto Belo I	3	537± 85 AP	-	TL	-	Nunes, 2019
Porto Belo II	5	810 ± 30 AP	-	C14	-	Nunes, 2019
Justino	3	1280±45 AP	678-890 AD (100%)	C14	Lyon	Vergne, 2004
Saco da Onça I	6	1491±210 AP	-	TL	-	Fagundes, 2007
Curituba I	9	1588±140 AP	-	TL	-	Fagundes, 2007
Justino	6	1780±60 AP	196-420 AD (92.8%)	C14	Lyon	Vergne, 2004
Justino	8	1800±150 AP	-	TL	UFS	Vergne, 2004
Porto Belo I	9	2003±195 AP	-	TL	-	Fagundes, 2007
Justino	10	2050±140 AP	-	TL	UFS	Vergne, 2004
Justino	4	2191±276 AP	-	TL	UFS	Fagundes, 2007
Tanque	9	2240±30 AP	376-198 BC (92.8%)	C14	Beta	Schuster <i>et al.</i> , 2020
Vitória Régia I	6	2240±389 AP	-	TL	-	Fagundes, 2010
Justino	8	2530±70 AP	806-477 BC (98.3%)	C14	UFBA	Vergne, 2004
Justino	10 ⁶	2650±150 AP	1130-402 BC (98.9%)	C14	UFBA	Vergne, 2004
Justino	13 ⁷	3270±135 AP	1891-1222 BC (100%)	C14	UFBA	Vergne, 2004
São José II	18	3500±110 AP	-	C14	Beta	Luna, 2001
Justino	15	3865±398 AP	-	TL	UFS	Fagundes, 2007
São José II	19	4140±90 AP	-	C14	Beta	Luna, 2001
Justino	20	4380 AP	-	C14	Beta	Luna, 2001
Justino	20	4496±2255AP	-	TL	UFS	Vergne, 2004
Justino	20 ⁸	4790 ± 80 AP	3664-3361 BC (99.3%)	C14	Beta	Vergne, 2004
Justino	30	5570±70 AP	4453-4330 BC (100%)	C14	Beta	Vergne, 2004
Justino	40 ⁹	8.950±70 AP	8872-7813 BC (99,4%)	C14	Beta	Vergne, 2004

⁶ Carvão datado da fogueira 19 na quadra FL 51/55 (FAGUNDES, 2007).

⁷ Carvão datado da fogueira 9 na quadra AE 16/20 (FAGUNDES, 2007).

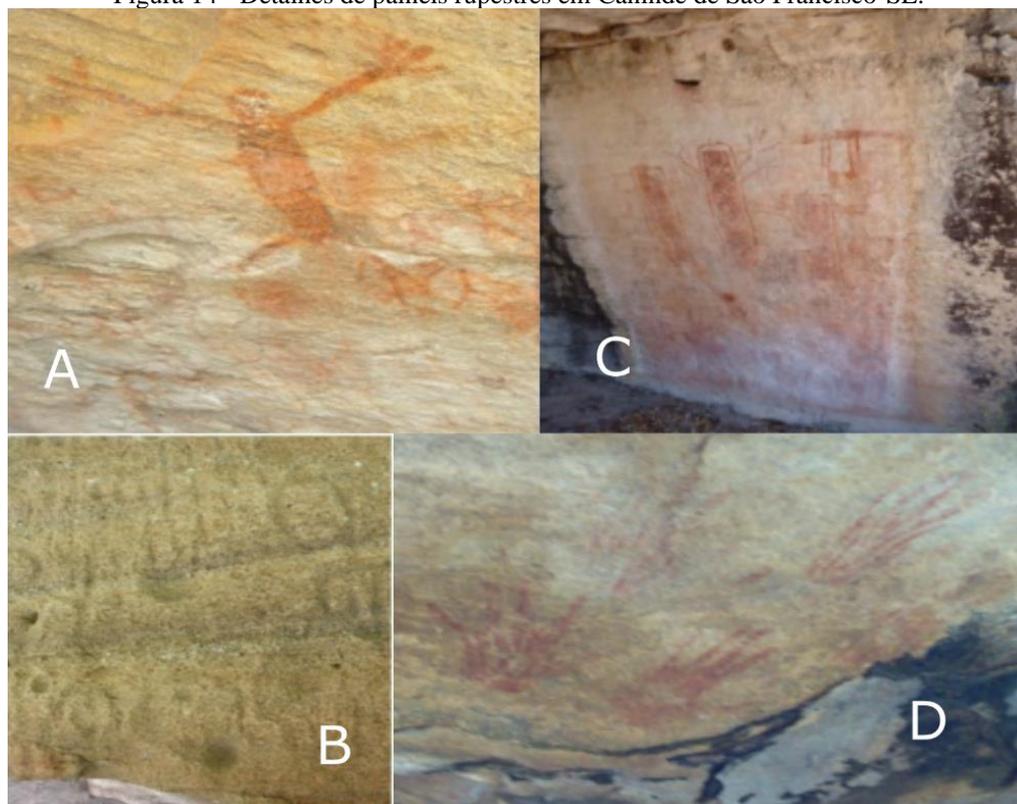
⁸ Carvão datado da fogueira 16 na quadra FL 41/45 (FAGUNDES, 2007).

⁹ Carvão datado da fogueira 25 na quadra AE 26/30 (FAGUNDES, 2007).

A ocupação dos terraços do baixo São Francisco no Holoceno inicial se caracteriza por uma indústria lítica expedita de caçadores-coletores, com utilização da matéria-prima local, sobretudo seixos de quartzo, para a fabricação de instrumentos multifuncionais (FAGUNDES, 2007). A característica indústria lítica da tradição Itaparica, identificada no submédio São Francisco e que se dispersou pelo Centro-Oeste em época aproximada ao início da ocupação humana no baixo São Francisco, não é encontrada em Xingó (FAGUNDES, 2007).

Outro vestígio deixado pelas primeiras populações humanas na região são as pinturas e gravuras rupestres em abrigos e matacões rochosos sobre o platô. Suely Amâncio (2013) afirma que o registro rupestre na área de Xingó mostra parentesco com as quatro tradições conhecidas no Nordeste: Agreste, São Francisco, Nordeste e Itacoatiara (Fig. 14), mas não se encaixa propriamente em nenhuma, demonstrando um possível fluxo de grupos na região e ao mesmo tempo uma identidade regional. Essas características, singularidade e heterogeneidade, estão presentes em todo o registro arqueológico de Xingó.

Figura 14 - Detalhes de painéis rupestres em Canindé de São Francisco-SE.



Descrição: (A) Antropomorfo do sítio Letreiro; (B) Cúpulas do sítio Vale dos Mestres III; (C) Sítio Patrocina; (D) Pinturas de mãos do sítio Vale dos Mestres I. Fonte: AMÂNCIO-MARTINELLI, 2013.

Os primeiros pesquisadores acreditavam que os registros gráficos foram feitos somente por caçadores-caçadores moradores do platô, que seriam povos distintos das

populações ceramistas sedentárias, as quais posteriormente ocuparam os terraços (AB'SÁBER, 1997; LUNA, 2006). Em pesquisas recentes foram encontrados um cachimbo e fragmentos cerâmicos nos abrigos do platô, além de correlações entre os motivos iconográficos registrados nas rochas e nas superfícies cerâmicas, demonstrando que se os povos ceramistas não fizeram alguns desses painéis, ao menos estariam os utilizando e ressignificando (VELLOSO, 2020).

A ocupação ceramista começou bem cedo no baixo São Francisco, há cerca de 5570 anos A.P. (LUNA, 2001), sendo uma das cerâmicas mais antigas da América do Sul. Essa cerâmica também apresenta traços regionais, sem filiação com tradições conhecidas, que Luna (2001) descreve como: manufatura acordelada e/ou modelada, com antiplástico de areia; queima redutora; pasta escura; formas pequenas e médias, com contorno simples e aberto; tratamentos de superfície plásticos incisos, corrugados e escovados, principalmente em níveis mais profundos (15-20); presença de cachimbos e painéis cerâmicos associados a enterramentos primários.

As recentes revisões do material cerâmico indicam que a região de Xingó teve sua longa ocupação ligada a povos falantes de língua Macro-Jê devido as semelhanças com as cerâmicas Una do Brasil central (paredes finas e queimas redutoras), Itararé-Taquara dos Jê do Sul (combinação de técnicas de manufatura acordelada e modelada) e da Pedra do Caboclo (formas e ângulos, com inflexões), associada a um contexto Macro-Jê do Nordeste brasileiro (SCHUSTER *et al.*, 2020). Alguns elementos, como os tratamentos de superfície unglado, corrugado (geralmente associados à tradição Tupiguarani) e zonados-hachurados (semelhantes aos de contextos amazônicos) também estão presentes em Xingó, reafirmando o contato entre diferentes povos nessa região (SCHUSTER *et al.*, 2020).

Em alguns sítios, como o próprio Justino, há a presença de louças e cerâmicas torneadas nas camadas superiores, materializando o contato dos povos originários com os invasores europeus (SCHUSTER *et al.*, 2020). Os vestígios cerâmicos de sítios como o Cipó e Porto Belo I e II também apontaram uma certa coerência técnica na forma de fabricar as cerâmicas por um longo período, assemelhando-se, inclusive, com os potes produzidos pelas atuais louceiras Kariri e Xokó (NUNES, 2019; SCHUSTER *et al.*, 2020). Essas evidências sugerem que os antepassados desses povos estariam ocupando esses terraços, ou ao menos os visitando com frequência, levantando a possibilidade de se construir uma história de longa duração para o baixo São Francisco (SCHUSTER *et al.*, 2020).

2.1.2 Os povos originários do rio Opará

O rio São Francisco foi documentado pela primeira vez por Américo Vespúcio (1503 *apud* MARTIN, 1998), que chegou em sua foz no dia 4 de outubro de 1501 e o batizou em homenagem ao santo do dia. Entretanto, diz-se que *Opará*¹⁰ seria o nome dado ao rio pelos indígenas Caeté que viviam na sua margem esquerda, onde atualmente é o estado de Alagoas (MARTIN, 1998). Ao descrever o rio São Francisco, Gabriel Soares de Sousa (1971) afirma que suas águas eram fartas em pesca, seu entorno rico em caça e seu solo muito fértil, sendo por isso almejado por todos os povos indígenas da região. Além dos Caeté, o autor descreve o rio como sendo habitado pelos Tupinambás na margem sul da sua foz e por inúmeras comunidades Tapuias no interior (SOARES DE SOUSA, 1971).

Os Caeté (*Kaeté* ou *Caaété*) foram povos Tupi que se estendiam da foz norte do São Francisco, onde guerreavam com os Tupinambá da outra margem, até a foz do rio Paraíba, onde viviam em guerra com os Potiguara (SOARES DE SOUSA, 1971). Foram descritos principalmente por Hans Staden (1930 [1557]) e Gabriel Soares de Sousa (1971 [1587]), que destacam suas habilidades para a guerra, navegação com embarcações de palha e aptidão para música e dança, mas sem mencionar os ornamentos corporais que utilizavam, apenas que tinham o mesmo estilo de vida, costumes e língua que os Tupinambá e Potiguara. Eram considerados inimigos da coroa portuguesa por manter acordos com os franceses e a notícia de que haviam consumido em ritual antropofágico o bispo Pero Fernandes Sardinha foi o estopim para Mem de Sá ordenar “guerra justa” aos Caeté em 1562 (DANTAS *et al.*, 1998). Em 1587, Gabriel Soares de Sousa afirma que já não existia mais o povo Caeté, os sobreviventes foram vendidos como escravos para diversas capitânicas ou se assimilaram a outros povos indígenas no interior.

Na margem oposta do São Francisco, da sua foz até a foz do rio Real, abrangendo todo o litoral do atual estado de Sergipe, viviam indígenas Tupinambá distribuídos em quase trinta aldeias unidas por interesses comuns e ligações de parentesco, mas que rivalizavam com os Tupinambá da Bahia (DANTAS, 2013). Não iremos nos debruçar sobre os Tupinambá neste tópico, em vista de já terem sido significativamente descritos no capítulo anterior. Entretanto, vale ressaltar que em Sergipe, assim como os Caeté de Alagoas, os Tupinambá mantinham acordos de escambo de pau-brasil com os franceses e mantiveram uma forte resistência à

¹⁰ Foi grafado por Gabriel Soares de Sousa (1587) e pelo Padre João de Azpilcueta (1555) como “o *Parã*”. Opará possivelmente é resultado da junção na fala de duas palavras: o artigo definido ‘o’ do português e ‘*pará*’, que significa rio em Tupi.

colonização portuguesa. Assim, na metade do século XVI, diferentemente da Bahia e de Pernambuco, o território sergipano ainda era controlado pelos nativos, sob a liderança dos chefes das aldeias aliadas, como Boipeba, Aperipê, Japarutuba, Siriri e Serigy (DANTAS, 2013). Vistos como empecilho para expansão da colônia, os portugueses declararam “guerra justa” aos índios de Sergipe, que os enfrentaram em contínuas batalhas entre os anos 1575 e 1590, ano considerado marco da conquista do estado, após um combate em que cerca de 1600 indígenas foram mortos e outros 4 mil escravizados (DANTAS, 2013). Os demais sobreviventes fugiram para o sertão, onde continuaram sendo perseguidos conforme a expansão da invasão portuguesa.

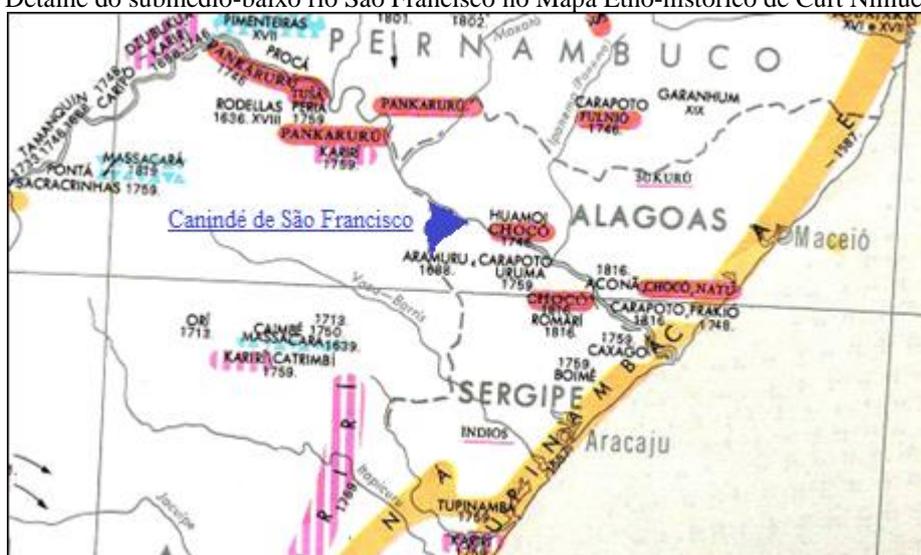
As incursões de missionários já eram praticadas no interior nordestino desde 1562, mas sem êxito em se assentarem no sertão devido às doenças que se propagavam após o contato dos padres com os povos nativos (FERRARI, 1957). Os sertões foram explorados pelos europeus sobretudo a partir do século XVII, após a expulsão dos holandeses, sendo a ação missionária de jesuítas, capuchinhos, carmelitas e franciscanos o principal meio de interiorizar a invasão no continente. Acreditava-se que os indígenas catequisados (“mansos”) não atacariam os pastos e plantações que os brancos avançavam pelo território nacional (DANTAS, 2013). A partir do final do século XVII até meados do XVIII, os missionários passaram a fixar-se em aldeamentos com os indígenas, muitas vezes de etnias distintas e até inimigas, forçadas a conviverem enquanto sofriam um etnocídio gradual por demonização de suas práticas, costumes e saberes ancestrais (DANTAS, 2013).

No interior, os europeus encontraram uma grande diversidade étnica e linguística entre os habitantes Tapuias, oposta à homogeneidade observada entre os Tupi da costa (DANTAS *et al.*, 1998). Através dos registros de missionários que estiveram nos aldeamentos às margens do submédio-baixo São Francisco (MAMIANI, 1699; NANTES, 1979; NANTES, 1896; etc.), temos conhecimento de que entre esses tapuias estavam povos Kariri, Pankararu, Tuxá, Xokó, Aramuru, Karapotó, Prakió, Natú, Aconã, entre outros (DANTAS *et al.*, 1998), conforme podemos visualizar no mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú (Fig. 15).

Pela escassa documentação referente aos Tapuias do sertão do São Francisco, não há conhecimento sobre a língua nativa e o estilo de vida de muitas dessas comunidades. Os Tapuias com maior quantidade de relatos históricos na região, que nos permite compreender melhor seus costumes, cosmologias e enfeites corporais, são os Kariri (*Cariri* ou *Kiriri*). A partir dos registros da língua Kariri, como os do Padre Luis Mamiani (1699) e do Frei Bernardo de Nantes (1896 [1709]), foi possível realizar reconstruções linguísticas que a inclui

como uma família pertencente ao tronco Macro-Jê (URBAN, 1998). Os Kariri habitavam um amplo território no interior nordestino e possuem pelo menos quatro dialetos identificados: *Dzubukuá*, dos moradores das ilhas e proximidades do submédio e baixo São Francisco, abrangendo os estados da Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas; *Kipeá* da região dos Cariris Novos e Velhos, na Paraíba, Pernambuco e sul do Ceará; *Kamuru* e *Sapuyá*, ambos do oeste baiano (DANTAS *et al.*, 1998; LOWIE, 1946). Existem substanciais relatos sobre os Dzubukuá-Kariri das ilhas do vale do São Francisco, entre os municípios de Glória/BA e Cabrobó/PE, que valem a pena serem explorados considerando a proximidade geográfica e ambiental com a região de Xingó.

Figura 15 - Detalhe do submédio-baixo rio São Francisco no Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú (1981).



Os Kariri foram inicialmente considerados amigos dos portugueses e descritos como povos pacíficos que não praticavam antropofagia (CARDIM, 1925). Por meio das palavras registradas da língua Kariri, é possível conhecer alguns objetos que faziam parte da sua cultura material, como os cordões nodados (*kiekoto*) utilizados para enumeração, cachimbos (*paewi*), cavadeiras (*dehebá*), machados de pedra (*bodzô*), raladores (*erú*), peneiras (*kyhiki*), uma arma do tipo "prancheta de jogar", o *bybytè*, entre outros (MAMIANI, 1699). Eram horticultores de mandioca (*muike*), milho (*masichi*) e feijão (*ghinhè*) e realizavam "catanças" de frutas e vegetais da estação, como caju, mandacaru e ouricuri (FERRARI, 1957; MAMIANI, 1699). Utilizavam canoas ou jangadas (*eyemé*) para se locomover pelo São Francisco, além de serem capazes de atravessar o rio a nado, e eram exímios pescadores com redes (*muhé*), anzóis (*yacroró*) e cestos (MAMIANI, 1699; NANTES, 1979). Para a caça

usavam arcos (*seridze*) e flechas (*buicú*) de madeira e armadilhas (MAMIANI, 1699). Moravam em casas rústicas (*ara, era*) feitas de barro e telhado de palha de palmeira (NANTES, 1979), provavelmente similar às casas de taipa ainda comuns no sertão. Fabricavam potes de cerâmica (*ruño*) moldados na base e acordelados em cima (LOWIE, 1946).

Como já mencionado, a cerâmica Kariri ainda é produzida com técnicas, formatos e funções semelhante às tradicionais, ainda que tenham sido adotados fornos para a queima das cerâmicas. Dentre os utensílios fabricados pelas mulheres Kariri estão “potes” globulares e moringas para armazenamento de água, pequenos potes globulares com tampas para uso ritual, panelas de cozinhar, tigelas hemisféricas de múltiplas funções, frigideiras e cuscuzeiros (NUNES, 2019; SCHUSTER, 2018).

Outra atividade desenvolvida pelas mulheres Kariri era a tecelagem de algodão, sendo incumbência delas fabricar as redes em que dormiam até quatro pessoas (FERRARI, 1957). Como parte do rito de iniciação feminino, eram feitas escarificações nos braços como sinal de que seriam boas fiandeiras e tecelãs (LOWIE, 1946). Além de artesãs, as mulheres Kariri tinham um importante papel social e exerciam uma espécie de matriarcado no qual “dominavam seus maridos”. A poligamia, o divórcio e a liberdade sexual feminina foram relatadas com aversão por padres como Martinho de Nantes (1979).

A liderança de um chefe ou cacique se dava a quem tivesse maior apoio dos parentes (sem especificarem se era papel exclusivamente masculino ou não), entretanto, esse título só tinha poder em tempos de guerra (LOWIE, 1946). Não havia uma construção da figura do guerreiro entre os homens Kariri: seus ritos de iniciação estavam ligados ao seu papel como caçador e pescador.

Durante a iniciação masculina ocorriam cerimônias com danças e cantos que duravam cerca de dez dias, na qual os jovens deveriam presentear com caça e pesca os mais velhos. Nesse período, os jovens só poderiam se alimentar do caldo de farinha de mandioca ou de milho. Antes da caça ou pesca os mais velhos queimavam ossos de animais ou espinhas de peixe para dar sorte e misturavam suas cinzas em um suco de ervas amargas que os iniciados bebiam. Em seguida, faziam-lhes incisões na pele com dentes pontiagudos de animais impregnados de cera misturada às cinzas, criando uma espécie de tatuagem (NANTES, 1979). Outra cerimônia ligada à iniciação masculina era o rito de perfuração labial e auricular realizado nos meninos com cerca de 10 anos de idade, testemunhado pelo holandês Elias Herckman entre os Kariri da Paraíba:

reúnem-se os amigos e o mais velho deles levanta o menino e o mantém suspenso, de modo que os outros lhe abrem um furo no lóbulo ou parte inferior de cada orelha, bem como, no lábio inferior, acima do queixo, onde introduzem uma pedrinha verde, branca, preta ou colorida e, nos buracos das orelhas, pauzinhos adrede preparados. Estes são os sinais de sua virilidade. Em seguida as mulheres fazem a festa com gritos e lamentações do costume (HERCKMAN, 1639 *apud* SIQUEIRA, 1978, p. 85).

Além de adornos auriculares e labiais, fazia parte da ornamentação corporal dos homens Kariri o uso de protetores penianos. Era comum em ambos os sexos as pinturas corporais feitas de urucum (*brucrenké*) ou jenipapo (*me*), uso de enfeites de penas (*badi*) e colares de ossos (*bebà*), substituídos posteriormente pelos de contas obtidas com os portugueses (*myghy*) (LOWIE, 1946; MAMIANI, 1699; NANTES, 1979; NANTES, 1896; PINTO, 1956; SIQUEIRA, 1978). Através do seguinte trecho, retirado da catequese escrita pelo capuchinho Bernardo de Nantes em 1709, sabemos que pelos menos até início do século XVIII os *Dzubukuá-Kariri* do submédio São Francisco ainda utilizavam enfeites labiais e que a catequização teria tido forte influência no desuso desse adorno:

O vosso antigo Deos Politaõ, que tinheis por hum fermosissimo mancebo, he hum Deos falso: cuidáveis que elle tinha o poder de vos deparar a caça, de vos fazer afortunados para a pescaria, não há tal. Tomastes hum por outro, Politaõ por Jesu Christo: elle he que verdadeiramente vos faz afortunados & venturosos; porque elle vos deparou as grandes delicias & riquezas de Ceo. Politaõ vos fazia levar a sua marca do botoque nos beiços, que elle vos mandava furar com sensíveis dores em final de vossa escravidão. Mas Jesu Christo sem vos causar dor, pelo lavacro do Santo Bautismo vos marca por seus filhos & vos põem em liberdade. (sic. NANTES, 1896, p. 212)

As palavras do frei sugerem que o rito de perfuração labial e o uso do botoque/tembetá seria para os Kariri um reconhecimento da devoção à divindade ou ainda um tipo de amuleto que lhes concederia sorte em suas atividades de caça e pesca. A cosmologia Kariri registrada é composta justamente por divindades que cuidavam do cultivo da terra, da caça, dos rios e da pesca, para as quais prestavam homenagens com oferendas de parte dos seus alimentos em festas com danças, pinturas corporais, vestimentas cerimoniais, consumo de bebidas e de fumo (NANTES, 1979).

As três divindades principais desses povos eram o grande pai e deus dos céus *Touppart*¹¹ e seus dois filhos gêmeos que brigaram até a morte de um deles: *Poditã* (*Politão*, *Peditã*), deus das chuvas, da caça, da pesca e da fartura, e *Wanaguidze* (*Araquizã*, *Uariquidzam*, *Warakidzã*), divindade dos sonhos para a qual faziam festas duas vezes ao ano

¹¹ Também registrado como *Tupar* e *Tupã*, indicando assim uma afinidade com as crenças Tupi ou uso de uma terminologia padronizada por parte dos religiosos para descrever as divindades de diferentes povos.

clamando por saúde, bom tempo e fartura (PINTO, 1956). Entretanto, como aponta Estevão Pinto (1956), a existência de uma trindade divina e a morte de um irmão pelo outro sugerem que essa narrativa já estivesse afetada pela mitologia cristã.

Touppart teria presenteado os Kariri com o fumo, chamado *batzé*, para que lhes curassem as doenças e tirassem aflições e por isso o tabaco seria tão presente nos ritos e oferendas Kariri. O pajé era a figura responsável por curar os doentes com o sopro do fumo, pinturas de jenipapo para proteção, rezas e cantos específicos. Caso o doente não melhorasse, acreditava-se tratar de um feitiço e se alguém viesse a ser acusado da feitiçaria, poderia ser morto pelos parentes do enfermo. Portanto, era comum que a morte de alguém estimado, exceto quando idoso, resultasse em outras mortes de possíveis feiticeiros (NANTES, 1979). Martinho de Nantes (1979) relata que por vezes foi ameaçado e acusado de feitiçaria pelos nativos, pois em seu primeiro ano como missionário presenciou uma peste que assolou os indígenas. Em decorrência das doenças que trouxeram, os padres e religiosos foram considerados os feiticeiros dos europeus (NANTES, 1979).

Existem poucas informações sobre os ritos funerários dos povos da região. Entre os *Kiriri* das aldeias do Saco dos Morcegos, Natuba, Canabrava e Geru, localizadas entre o noroeste da Bahia e o sul de Sergipe, locais em que são comumente encontradas urnas funerárias da tradição Aratu, era tradição que os mortos fossem inumados em potes cerâmicos (MAMIANI, 1699). Também foi registrado nessas aldeias o costume de espalharem as cinzas do morto ao redor da casa em que viveu. Após o enterro, o viúvo ou viúva cortava o cabelo e se isolava da aldeia por um tempo indefinido (PINTO, 1956). Pelo contexto arqueológico, essa prática funerária também era comum aos Kariri e Xukuru de Palmeira dos Índios/AL, que costumavam enterrar seus mortos em igaçabas ovoides e cônicas, respectivamente (TORRES, 1974).

Pela falta de dados suficientes sobre as línguas originárias das demais populações que viviam às margens do submédio-baixo São Francisco, algumas etnias da região como os Xokó, Xukuru e Tuxá são hoje conhecidas como povos de línguas isoladas ou sem filiação conhecida, enquanto que os Fulniô, Pankararu e Karnijó são considerados possivelmente ligados ao tronco Macro-Jê, mas diversos o suficiente para não serem enquadrados como Kariri (URBAN, 1998). Para Urban (1998), essa grande quantidade de línguas isoladas no Nordeste, associada à concentração de falantes Macro-Jê na região, pode significar que um antigo foco de dispersão Macro-Jê teria ocorrido em algum local entre os rios São Francisco e Tocantins.

Esses povos sertanejos apresentam elementos culturais similares ou aparentados entre si. Para Dantas e colaboradores (1998), tais elementos seriam demonstrativos de um convívio amistoso entre essas comunidades, ainda que em encontros sazonais, devido à pressão ambiental provocada pela caatinga, que levaria os grupos humanos a se concentrarem nas regiões mais favoráveis, como os terraços e ilhas do São Francisco. Para os autores, as influências interculturais entre essas populações, evidenciadas pelos intercâmbios de objetos entre as aldeias e os encontros em ocasiões festivas, se deram apesar dos aldeamentos missionários e não apenas por conta da coexistência imposta por eles (DANTAS *et al.*, 1998).

Através da etnografia, das reconstruções linguísticas e da história oral, foram identificados traços remanescentes de organizações clânicas entre os Kariri, os Pankararu e os Fulniô. Esses últimos, moradores de Águas Belas/PE, costumavam chamar os Xokó de Porto Real do Colégio/AL de avô de um dos seus cinco clãs, o “do Peixe”. Segundo a tradição oral Fulniô a exogamia desapareceu entre esse povo no século XIX, mas a existência de um clã que incorporava nos rituais elementos Xokó é indicativo de possíveis alianças por casamentos entre os povos da região no passado (PINTO, 1956).

Os Xokó são um povo ribeirinho do baixo São Francisco que se distribuiu - ao longo dos séculos até hoje - em aldeias entre Paulo Afonso/BA e Penedo/AL. Os maiores registros desse povo são provenientes da Aldeia de São Pedro, em Sergipe, fundada no século XVII por capuchinhos. Os Xokó lá aldeados foram levados de Pão de Açúcar/AL, onde passaram a conviver com os Aramuru, nativos da ilha. Ao longo dos anos de opressão europeia, um dos principais símbolos da identidade Xokó são as vasilhas cerâmicas feitas pelas mulheres conforme os ensinamentos ancestrais (Fig. 16), sem uso de tornos e fornos no seu processo de fabricação (DANTAS, 1997). A cerâmica Xokó era tão conceituada na região que as louceiras costumavam fornecer utensílios para povos não ceramistas, como os Fulniô (HOHENTHAL, 1960).

Já os Fulniô são especialistas na arte da cestaria com palha de Ouricuri (*Syagrus coronata*) e Caroá (*Neoglasiovia variegata*), com a qual fabricam vestes cerimoniais, objetos para uso cotidiano e para comércio local. Tanto homens quanto mulheres fabricam as peças de palha e algumas são decoradas com motivos pintados em tinta de jenipapo ou índigo (anis). A palmeira do ouricuri foi tão importante que um dos rituais vivenciados por grande parte dos povos do Nordeste leva seu nome (PINTO, 1956).

Figura 16 - Prato utilizado em ritual funerário do sítio Justino e prato utilizado para o ritual Xokó do *Ouricuri*.



Fonte: SCHUSTER *et al.*, 2020. Fotos: Railda Nascimento (2019) e Elaine Vasconcelos (2019).

O ritual do Ouricuri, ainda que com particularidades entre cada etnia, geralmente ocorre anualmente, afastado da aldeia, exclusivamente para os homens, com uso de máscaras e de caráter secreto, motivo pelo qual não se tem muitas informações do que ocorre na cerimônia. Outro ritual importante e compartilhado entre os povos da região é o *Toré*, no qual os membros da comunidade dançam e cantam ao som de maracás com o objetivo de se comunicarem com os encantados, seus ancestrais. Conduzida pelo pajé, a ingestão do vinho da Jurema (*Mimosa nigra*, Hub.; *Acacia hostilis*, Mart.; *Mimosa hostilis*, Mart.) é a ponte capaz de levar os participantes a um transe mediúnic em que se manifestam os encantados (NASCIMENTO, 1994).

Com a expulsão da Companhia de Jesus em 1760 e a posterior Lei de Terras de 1850, a situação dos indígenas foi se tornando cada vez mais instável em séculos de genocídio, etnocídio, perseguição, fuga e rebeliões. Somente no fim do século XX, especialmente após a Constituição de 1988, que os povos originários do baixo São Francisco passaram a ter seus territórios reconhecidos e assegurados por lei, geralmente nos locais de antigos aldeamentos (DANTAS *et al.*, 1998).

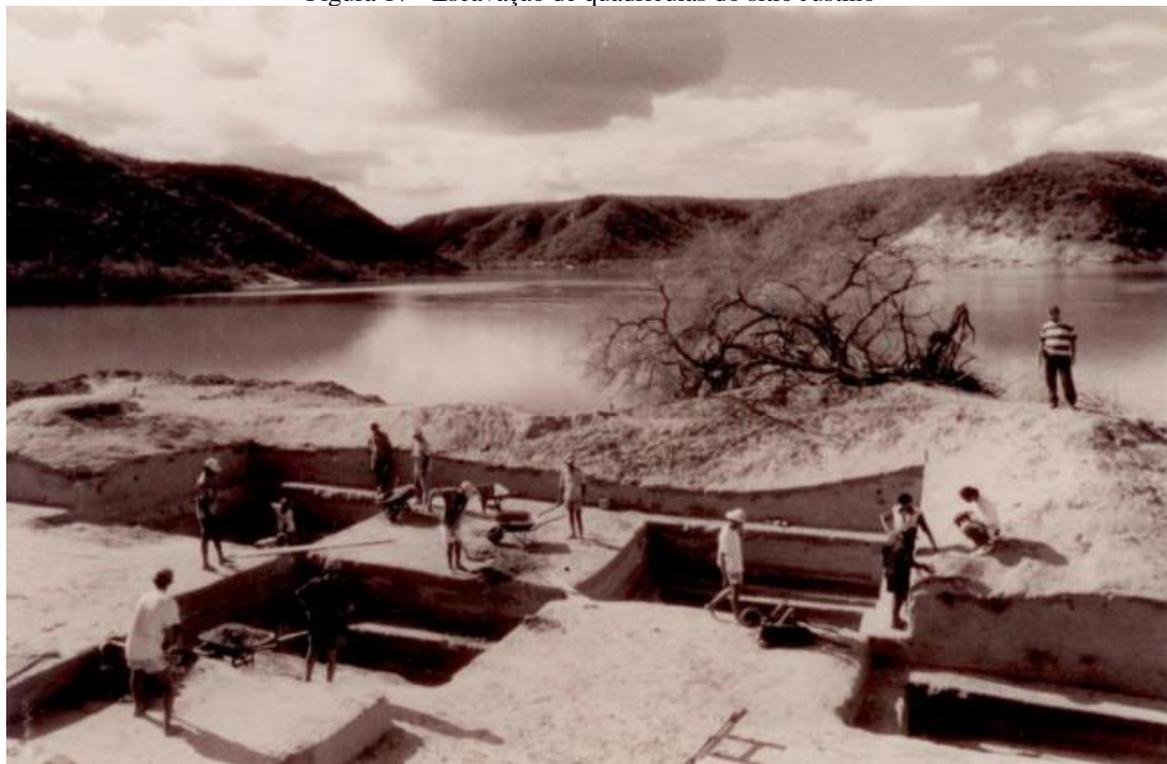
Nossa intenção neste tópico foi apresentar brevemente informações históricas sobre os povos indígenas que habitavam e habitam as margens e arredores do baixo São Francisco, tendo em vista que o Justino se trata também de um sítio do contato. Em especial, buscamos nessas literaturas aspectos de suas cosmologias ligadas ao uso de enfeites corporais e ritos funerários. Nesse sentido, obtivemos maiores informações acerca dos povos Kariri, já que

devido à rápida expansão da invasão europeia no Nordeste, a documentação relativa aos outros povos é muito escassa e relativamente recente. Todavia, ela nos apresenta um rico contexto de relações harmônicas, reuniões cerimoniais e intercâmbio cultural entre as diferentes comunidades indígenas do baixo São Francisco.

2.2 Sítio Justino: das escavações às interpretações

Em 1990, durante as prospecções do PAX, o sítio Justino foi encontrado na fazenda Cabeça do Nego, em Canindé de São Francisco/SE, nas coordenadas UTM 24L 627561E 8938881N (BARRETO, 2020). Em decorrência da presença do material cerâmico observada na superfície do sítio, a princípio foram abertas duas trincheiras perpendiculares (54x2m e 20x2m), alinhadas à margem do rio São Francisco, com a proposta de realizar uma leitura estratigráfica, conforme a metodologia adotada pelo PAX. Conforme foram encontrados esqueletos inteiros nas sondagens, decidiu-se por escavar o sítio quase em sua totalidade (Fig. 17), seguindo a metodologia de superfícies amplas de Leroi-Gourhan (1950), proporcionando observar também a distribuição espacial dos vestígios (PAX, 1998).

Figura 17 - Escavação de quadrículas do sítio Justino



Fonte: PAX, 1998, p. 69.

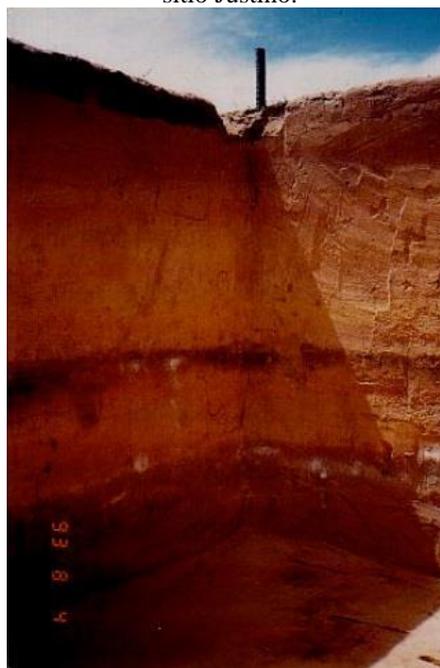
Conforme descrito no relatório final (PAX, 1998, p. 60), foram utilizados os seguintes procedimentos para a escavação:

- 1) limpeza da área;
- 2) levantamento topográfico, altimétrico e planimétrico;
- 3) estabelecimento de um sistema de referência através de um quadriculamento de 5x5m;
- 4) decapagem por níveis artificiais, definida segundo a técnica de Wheeler;
- 5) ampliação da escavação, abrangendo toda área e atingindo o embasamento rochoso;
- 6) plotagem dos vestígios encontrados;
- 7) levantamento do perfil dos cortes deixados pela escavação;
- 8) desenhos dos planos dos enterramentos e das fogueiras;
- 9) realização dos cortes estratigráficos;
- 10) levantamento topográfico dos sítios e dos vestígios *in situ*;
- 11) engessamento dos enterramentos para posterior escavação em laboratório.

As intervenções no Justino duraram até 1994, sendo o sítio da região com a maior área escavada e com a maior profundidade estratigráfica: 23m de largura x 55m de comprimento, totalizando 1265 m² (setor I); 6,40m até o embasamento rochoso, escavados em 64 níveis artificiais de 10cm (setor I) (PAX, 1998). Por meio da leitura estratigráfica das trincheiras foram identificadas quatro camadas naturais no sítio (setor I), conforme observamos na Fig. 18. Considerando as especificações de sítios de terraço (sedimento muito fino, movimentação e integração das camadas), Fagundes (2007) classifica a estratificação do Justino como ‘complexa’.

Por meio das plantas e croquis existentes na documentação do Museu de Arqueologia de Xingó, sabe-se que um segundo setor do sítio Justino foi escavado no mesmo terraço, há cerca de 35 metros a Noroeste do setor I (Fig. 19). Outras duas novas trincheiras foram abertas, de 55x2m e 34x2m, além de novas unidades de 5x5m em uma superfície de 15x40m (CARVALHO, 2006). De acordo com Luna (2001), o setor II foi escavado seguindo a mesma proposta de níveis artificiais de 10cm até atingir o embasamento rochoso com 17 níveis, alcançando 1,70m de profundidade. Devido à ausência de dados, não sabemos como era o

Figura 18 - Perfil estratigráfico do setor I do sítio Justino.

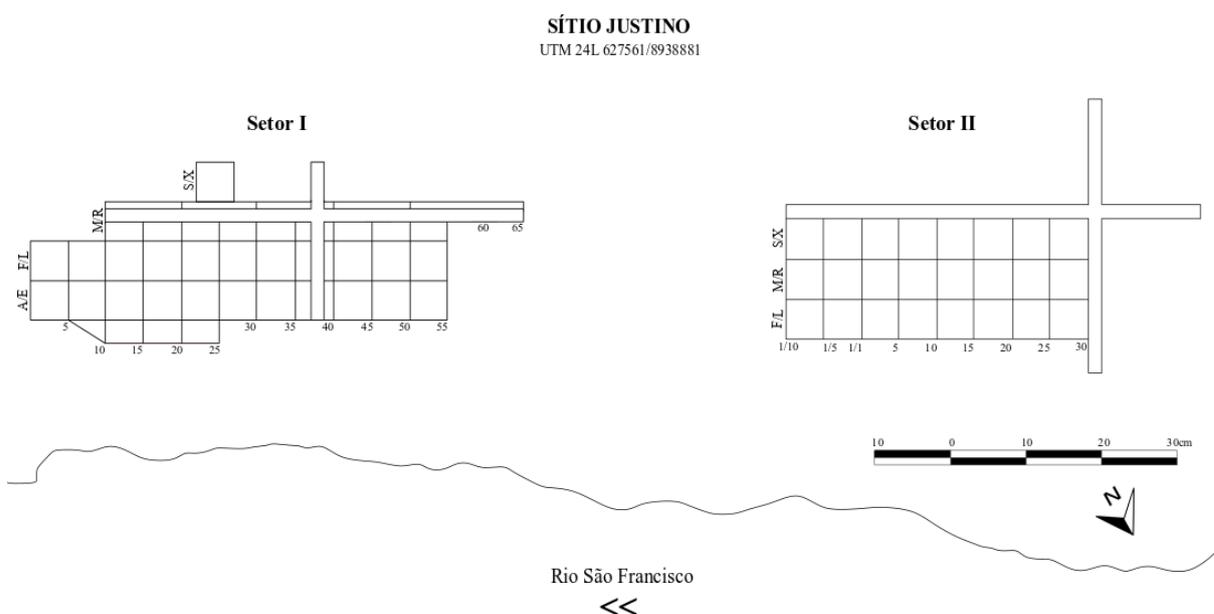


Fonte: CARVALHO, 2006, p. 249.

perfil estratigráfico do setor II.

As unidades escavadas foram nomeadas por meio de um sistema alfanumérico individual para cada setor, com linhas de A a X e colunas de 1 a 65 no setor I e de F a X e 1/10 a 30 no setor II, o que resultou em algumas unidades com nomes repetidos entre as áreas de escavação¹².

Figura 19 - Planta baixa do sítio Justino com os dois setores escavados



Fonte: BARRETO, 2020, p. 22.

As escassas informações sobre o segundo setor nos relatórios e nas bibliografias de referência do sítio acabaram acarretando algumas confusões nas apresentações dos dados sobre o Justino. As pesquisas sobre o sítio geralmente apresentam os dados relativos às duas áreas em conjunto, não distinguindo o setor de proveniência dos vestígios coletados (CARVALHO, 2006; DANTAS; LIMA, 2014; FAGUNDES, 2007; SILVA, 2017; VERGNE, 2004), ou se referem somente aos sepultamentos e fogueiras do primeiro setor (BARRETO, 2020; SILVA DOS SANTOS, 2018). Tal situação não desmerece os resultados das análises anteriores, mas evidencia a necessidade de que em trabalhos futuros sejam repensadas as propostas de ocupação do sítio que tomam como base as distribuições estratigráficas e espaciais dos vestígios sem distinguir as áreas escavadas.

Cabe mencionar que esta pesquisa não considera que os dois setores se tratem de sítios diferentes. A semelhança entre os sepultamentos e a proximidade das duas áreas nos permite

¹² Existem 10 unidades escavadas que apresentam nomenclaturas idênticas em ambos os setores, são estas: FL1/5; FL6/10; FL11/15; FL16/20; FL21/25; FL26/30; MR 11/15; MR 16/20; MR 21/25; MR 26/30.

supor que o setor II seja uma expansão mais recente do setor I, conforme já observado em outros sítios encontrados nos mesmos terraços (LUNA, 2001; NUNES, 2019). Porém, a ausência de dados sobre as datações no Justino II não nos permite afirmar que os sepultamentos de determinados níveis dessa segunda área sejam diretamente contemporâneos aos enterramentos dos mesmos níveis do setor I¹³.

Para distinguir os sepultamentos e materiais coletados referentes a cada setor, tomamos como principal embasamento os croquis do sítio que se encontram no acervo documental do MAX. Correlacionando com os dados apresentados nas obras citadas acima, conseguimos obter a uma relação comparativa entre os setores, especificada abaixo na Tab. 2. As unidades, níveis, números dos sepultamentos, estimativas bioarqueológicas e acompanhamentos funerários referentes a cada setor se encontram detalhadas nos Apêndices II e III.

Tabela 2 - Dados comparativos entre as duas áreas de escavação do Justino

		Sítio Justino	
		Setor I	Setor II
Escavação	Área	1265m ²	824m ²
	Unidades	32	24
	Níveis	64	17
	Profundidade atingida	6,4 metros	1,7 metros
Dados dos esqueletos	Total de sepultamentos	154	14
	Número mínimo de indivíduos	177	14
	Adultos	135	9
	Femininos	24	1
	Masculinos	50	7
	Indeterminados	61	1
	Infantis	19	5
	Sepultamentos Secundários	37	1
Mobiliário funerário com: Nº de sepultamentos	Tembetá	6	8
	Adorno de vidro	1	3
	Adorno de osso ou concha	14	5
	Cachimbo	10	3
	Vasilhame cerâmico	16	9
Fogueiras		30	6

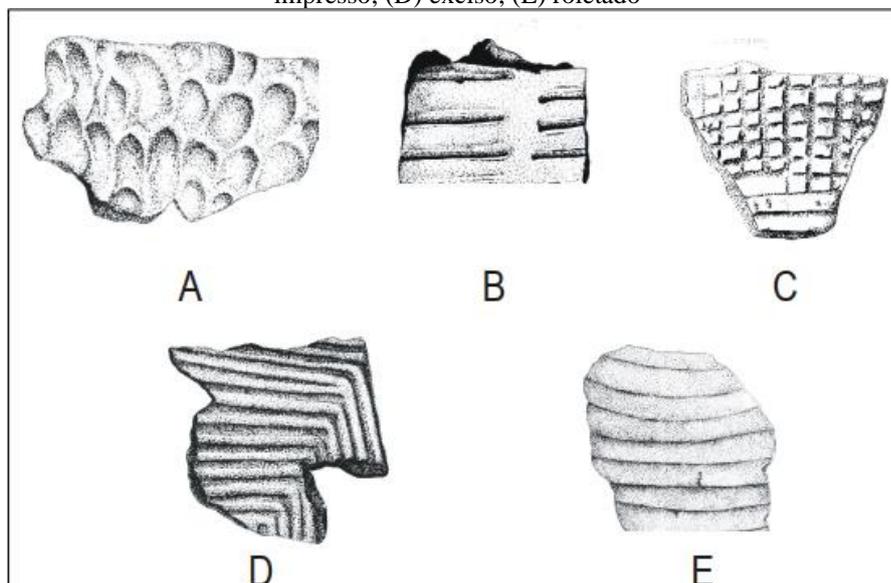
¹³ Não tivemos acesso à localização exata de todas as amostras datadas, sabemos apenas os níveis de proveniência e não as quadras. Existem 7 datações indubitavelmente relativas ao setor I e outras 7 que podem ser de qualquer uma das áreas.

Acrescentamos que, para distinguir a quantidade de peças líticas (6080), fragmentos cerâmicos (14743), ossos faunísticos (18624), carvões (17020 gramas) e ocre (174) coletados de cada área, será necessário um trabalho minucioso de investigação e quantificação em meio à documentação e ao acervo da reserva técnica do MAX, o que não se insere no objetivo desta pesquisa.

Nos relatórios de salvamento existem poucas informações sobre o Justino fora a localização, composição vegetal da área, metodologias e quantidade de material coletado (LINS DE CARVALHO, 2000; PAX, 1998). Os dados interpretativos preliminares sobre o sítio foram apresentados nas teses escritas em anos subsequentes, que analisaram os materiais arqueológicos do Justino e de outros sítios de Xingó separadamente. Assim, a descrição do material cerâmico se encontra em Luna (2001), as análises tecnológicas dos líticos da região em Fagundes (2007), as análises bioarqueológicas dos esqueletos em Carvalho (2006) e a descrição das sepulturas e dos enxovais funerários em Vergne (2004).

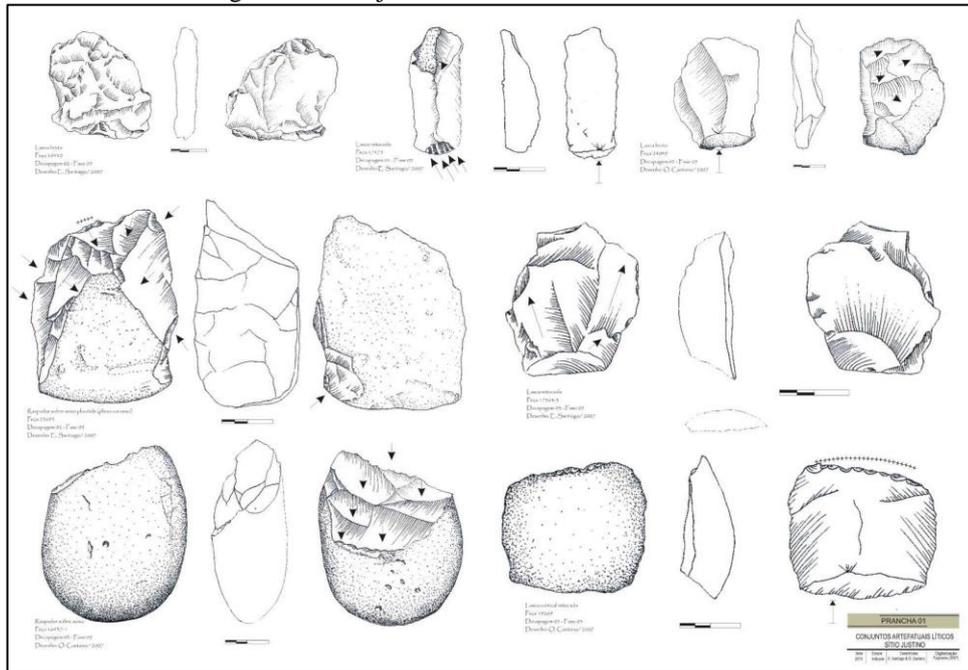
Luna (2001) concluiu em sua tese que a grande maioria dos vestígios cerâmicos da Área Arqueológica de Xingó apresentam características regionais, já descritas anteriormente nesse capítulo. Em relação ao Justino, a autora destacou uma maior densidade de fragmentos com tratamentos de superfície decorativos no cemitério do que nos demais sítios (Fig. 20). Destacou a presença de cachimbos tubulares ou em formato de rabo de peixe e de trinta painéis alisados com uso secundário como enxoval funerário em vinte e quatro sepulturas, sobre os esqueletos ou como urnas (LUNA, 2001).

Figura 20 - Diferentes tipos de tratamento de superfície da cerâmica do Justino: (A) digitado; (B) entalhado; (C) impresso; (D) exciso; (E) roletado



Desenhos: SANTIAGO, 2004 *apud* FAGUNDES, 2007, p. 476.

Figura 21 - Conjunto artefactual lítico do sítio Justino.



Fonte: FAGUNDES, 2010, p. 10.

O material lítico do Justino foi primeiro estudado por Mello (2005) e depois por Fagundes (2007). Mello (2005) analisou as peças lascadas do Justino e concluiu que a indústria lítica do sítio era composta a partir de seixos e blocos disponíveis na região, principalmente de quartzo, com pouca quantidade de instrumentos (Fig. 21) (MELLO, 2005). Fagundes (2007), por sua vez, aponta um uso habitacional para o Justino correlacionando os líticos com a abundante presença de cerâmica e remanescentes de fauna. Para o autor, a baixa densidade de instrumentos se explicaria pela noção de expediência da indústria lítica de Xingó (FAGUNDES, 2007). Nenhum dos dois autores cita em suas análises a existência de tembetás e contas líticas no sítio (Fig. 22).

Figura 22 - Contas possivelmente de amazonita encontradas no sítio Justino.



Fonte: Acervo do MAX.

Em relação ao material polido da Área Arqueológica de Xingó, Fagundes (2007) apresenta onze lâminas polidas encontradas no Justino, uma no sítio Vitória Régia I e uma no sítio Porto Belo I, com marcas intensas de uso no gume. Fagundes (2007) destaca que, assim como observado no sudoeste do Piauí, já existiam artefatos polidos em ocupações pré-ceramistas de Xingó, pois algumas das lâminas do Justino estavam associadas aos sepultamentos anteriores à presença da cerâmica no cemitério.

Após analisar os sepultamentos do Justino em busca de padrões nas práticas mortuárias, Vergne (2004) apresenta uma divisão para o sítio tendo como base os acompanhamentos funerários, as datações e os níveis (ou decapagens, como chama a autora). Vergne (2004) separou o sítio cronologicamente em quatro cemitérios sobrepostos (D, C, B e A) com as seguintes características:

D) Anterior à 8950 anos A.P. (níveis 43 a 52): 5 sepultamentos de grupos caçadores-coletores com enxoval funerário diversificado, sem evidências de hierarquização social.

C) Entre 5570 e 4790 anos A.P. (níveis 15 a 18): 37 sepultamentos de transição entre grupos-caçadores coletores e ceramistas.

B) Entre 3270 e 2650 anos A.P. (níveis 9 a 15): 70 sepultamentos com maior distinção de gênero, idade e status social, tendo os enterramentos masculinos com mais de 35 anos enxovais funerários mais ricos.

A) Entre 2530 e 1280 anos A.P. (níveis 4 a 8): 40 sepultamentos também com diferenciação social observada nos acompanhamentos, sobretudo de indivíduos mais velhos.

Embasado nessa interpretação dos cemitérios, Fagundes (2007) propôs cinco fases subdivididas em nove ocupações para o Justino a partir dos dados resultantes da análise lítica:

Tabela 3 - Fases e ocupações do Justino propostas por Fagundes (2007).

Cemitérios (Vergne)	Fase	Nº de ocupações	Níveis	Datações
D	1	1	59 – 51	Sem datação
		2	50 – 43	Sem datação
	2	1	42 – 35	8950 ± 70 AP (decapagem 40)
C	3	1	34 – 29	5570 ± 70 AP (decapagem 30)
		2	28 – 22	Sem datação
		3	21 – 16	4790 ± 80 AP (decapagem 20)
B	4	1	15 – 09	3270 ± 135 AP (decapagem 13) 2650 ± 150 AP (decapagem 10) 2530 ± 70 AP (decapagem 08)
A	5	1	08 – 04	1780 ± 60 AP (decapagem 06)
		2	03 – 01	1280 ± 45 AP (decapagem 03)

Fonte: Adaptado de FAGUNDES, 2007, p. 371.

Essa divisão é utilizada em trabalhos até o presente, porém apresenta certas problemáticas, conforme levantado por Lopes de Oliveira (2021). A primeira é a divisão dos cemitérios por níveis, sendo que Vergne (2004) só apresenta em sua tese os níveis finais em que cada sepultamento foi encontrado¹⁴. Como aponta Silva (2017), é anatomicamente impossível que um corpo humano esteja enterrado em apenas 10 cm, visto que somente o crânio tem entre 16 e 19 cm de largura. Dessa forma, ocorre que alguns sepultamentos considerados como do “cemitério B” foram evidenciados no “cemitério A”¹⁵ e sepulturas que começavam no que seria “cemitério B” foram classificadas como do “cemitério C”¹⁶.

Outro dado controverso é a composição dos enxovais funerários com diversos fragmentos cerâmicos, instrumentos e lascas líticas apresentados como distinção social por Vergne (2004). Luna (2001) não relata fragmentos associados aos sepultamentos, com exceção daqueles provenientes das painéis enterradas inteiras durante o ritual funerário. A partir das plotagens dos níveis nos croquis do sítio, observamos a presença de fragmentos cerâmicos e líticos próximos aos sepultamentos, mas distantes o suficiente para se questionar se são mesmo parte de um enxoval intencional depositado na cova com os indivíduos, ou se são vestígios resultantes dos rituais funerários e outros usos do terraço naquele espaço (Apêndice VI). Portanto, nesta pesquisa consideraremos como enxoval funerário apenas os adornos, cachimbos, ossos faunísticos e vasilhames cerâmicos inteiros ou que puderam ser remontados que foram associados aos enterramentos.

Por fim, contestaremos a atribuição de datações relativas de forma contemporânea por toda a horizontalidade do sítio, visto se tratar de uma área com 1250 m² (só no setor I) e que geralmente desconsidera a existência do setor II. Além disso, existem sepulturas acompanhadas por contas de vidro - claro indício de que esses enterramentos ocorreram no período colonial - entre os níveis 7 e 11 e uma datação de 1280 anos A.P. para o nível 3 (SILVA, 2017). Este questionamento, todavia, não representa uma objeção e descrença aos resultados das datações realizadas no sítio, somente apontamos que elas não devem ser atribuídas aos sepultamentos que não estavam próximos das amostras datadas.

Essas primeiras pesquisas sobre o Justino trouxeram relevantes dados sobre o sítio e se mantêm como referências até o presente, sobretudo por serem a conexão com um sítio de

¹⁴ Para identificar os níveis iniciais e finais dos sepultamentos do Justino (Apêndice II e III), combinamos os dados existentes nas plotagens dos croquis de nível com os dados apresentados em Vergne (2004). Na maioria dos casos, isso gerou um intervalo de 30 a 40 cm para cada sepultura, que correspondem com a proposta de Silva (2017).

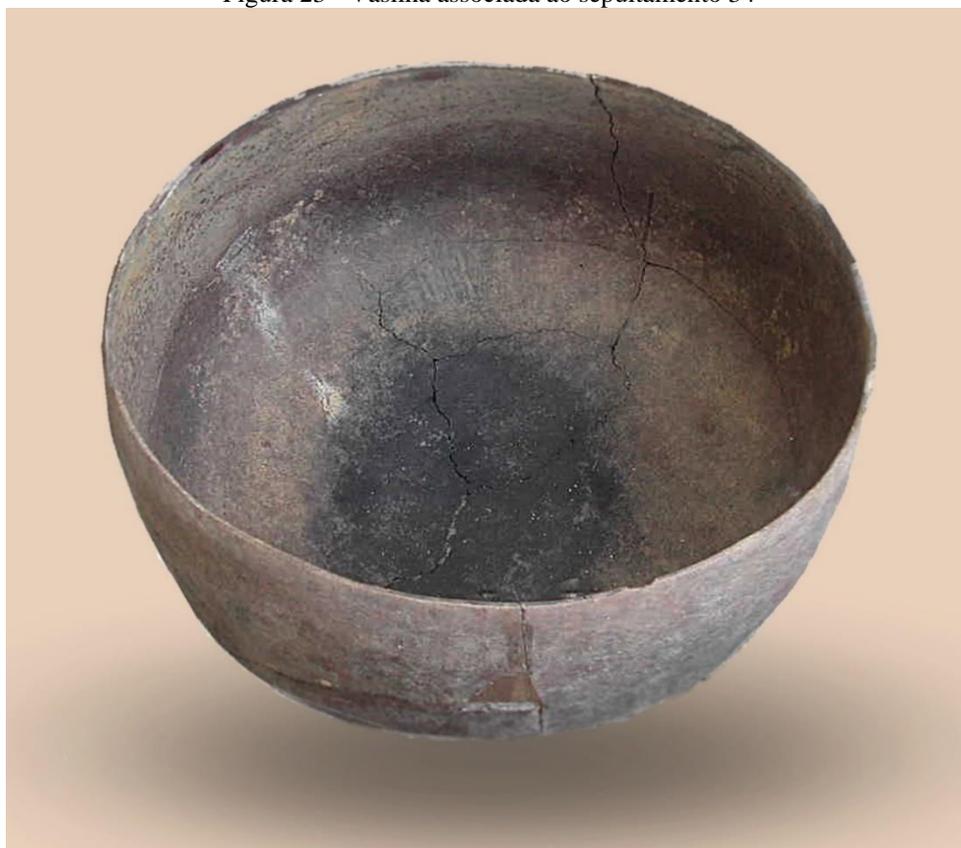
¹⁵ Sep. 44, 46, 48, 54, 56, 90, 91, 93, 140, 109 e 164.

¹⁶ Sep. 97 e 108.

extrema importância para a região e que não se encontra mais acessível por estar inundado. E é por ser tão significativo, complexo e com uma variada materialidade que o Justino continua sendo alvo de pesquisas e rendendo novas informações em cada uma delas.

Dantas e Lima (2014) reexaminaram os trinta vasilhames cerâmicos inteiros - ou que puderam ser remontados - que estavam associados aos enterramentos e observaram que a maioria apresentava fundo côncavo, ausência de decoração, bordas diretas e sem reforço, lábios quase sempre arredondados (Fig. 23). Constataram também que quase todas as vasilhas apresentavam fuligem nas faces internas e externas e manchas de oxidação na base, indicativos do uso para preparo de alimentos. Por meio de dados etnográficos e experimentais, concluíram que vinte e nove desses vasilhames demonstravam terem sido utilizados para cozinhar alimentos, mas não de forma contínua, bem como possuíam poucos arranhões e lascamentos, conforme teriam panelas de uso doméstico. Sendo assim, os autores interpretaram que esses potes teriam sido utilizados para preparar alimentos poucas vezes antes de serem incorporados ao enxoval funerário, indicando que essas cerâmicas foram fabricadas para servir a um banquete funerário para os vivos e os mortos (DANTAS; LIMA, 2014).

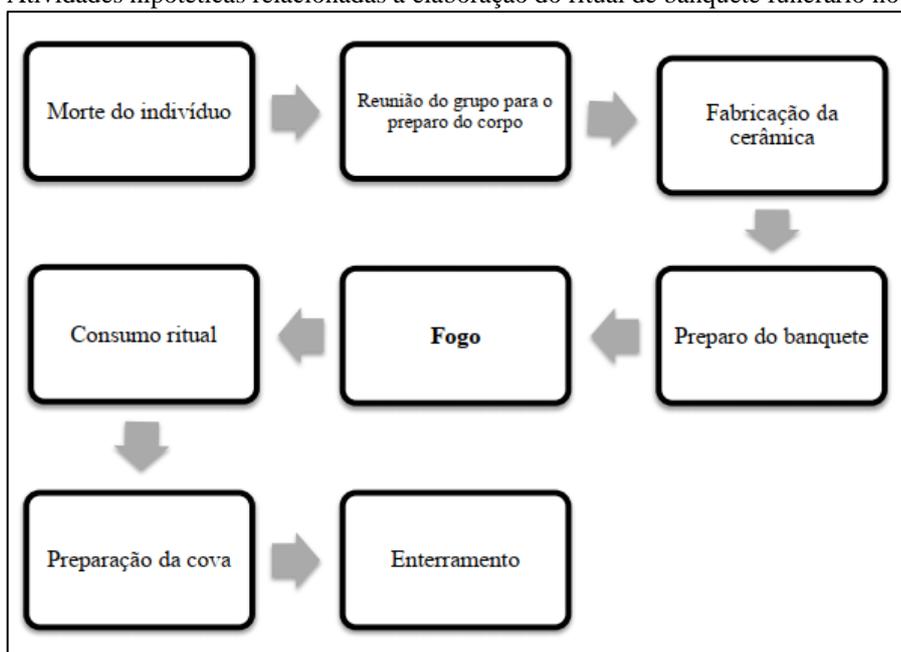
Figura 23 - Vasilha associada ao sepultamento 34



Fonte: Acervo do MAX.

Refletindo sobre o processo de elaboração do banquete funerário (Fig. 24), Silva dos Santos (2018) discorre sobre a relevância que o uso do fogo teria na cosmologia das populações do Justino. Ao analisar a dispersão horizontal e vertical das fogueiras e dos sepultamentos, o autor verificou a existência de duas fogueiras em contexto de cova, com alto teor ritual, e de outras fogueiras próximas aos sepultamentos com vasilhames cerâmicos que poderiam estar ligadas ao preparo do banquete. Este é um importante trabalho para demonstrar outras possibilidades de interpretar a distribuição espacial dos vestígios arqueológicos no cemitério para além da maneira homogênea por níveis, mas em agrupamentos associados às fogueiras, que por sua vez teriam importância e papel específico, seja de finalizadora do sepultamento ou de preparo do ritual mortuário (SILVA DOS SANTOS, 2018).

Figura 24 - Atividades hipotéticas relacionadas a elaboração do ritual de banquete funerário no sítio Justino.



Fonte: SILVA DOS SANTOS, 2018, p. 51.

Como já mencionado, a descoberta de quatro sepultamentos com contas de vidro no Justino rompeu com a cronologia de fim do uso do terraço próximo há mil anos antes do presente, evidenciando inclusive os vestígios de cerâmicas históricas nos níveis superiores do sítio que haviam sido ignorados anteriormente (SCHUSTER *et al.*, 2020; SILVA, 2013). Como a datação mais recente do sítio não se encaixava mais (1280±45 anos AP), Silva (2017) se desvincilhou dos cemitérios de Vergne (2004) e sugeriu uma nova interpretação para o Justino, baseando-se na arqueotanatologia para estipular 30 cm como o espaço mínimo

necessários no solo para uma cova humana. Dessa forma, o recorte estratigráfico de 40-140 cm, em que há sepultamentos associados aos vasilhames cerâmicos, ficaria dividido em três intervalos: I (40-70 cm) com 32 sepultamentos; II (70-100 cm) com 72 enterramentos; e III (100-140 cm) com 26 sepulturas (SILVA, 2017). A autora destacou as unidades AE 16/20, MR 31/35, FL 31/35 e MR 6/10 como aquelas que apresentam vestígios do contado. Entretanto, devido às já apontadas informações limitadas sobre o setor II do sítio, Silva (2017) não notou que três dos sepultamentos com vidro são da segunda área de escavação e que as unidades MR 31/35 e FL 31/35 se repetem em ambos os setores.

Silva (2017) explorou em sua tese as contas de vidro enquanto evidência do contato entre os indígenas e europeus, temática que ainda requer maiores estudos no Justino para além dos adornos de vidro. Ao buscar a origem dessas contas, Silva (2017) observa uma prevalência de peças fabricadas em Veneza e chega a uma datação relativa mínima para esses enterramentos, devido à presença de contas com manufatura *Drawn-Speo*, produzidas especificamente entre o século XVII e XIX (Fig. 25).

Figura 25 - Conta de vidro *Drawn-Speo* associada ao sepultamento 137.



Fonte: SILVA, 2017, p. 149.

Apresentamos neste capítulo algumas das pesquisas sobre o sítio e a Área Arqueológica de Xingó, não simplesmente como síntese dos dados sobre as ocupações, mas para construir um histórico das narrativas sobre o Justino e demonstrar o quanto novos olhares sobre esse sítio têm apresentado resultados proveitosos. As lacunas aqui apontadas, buscam ser um convite para revisitações ao Justino, que mesmo sendo o sítio com maior densidade de trabalhos na região, não se esgotou. É nesse contexto que esta pesquisa se insere, buscando explorar o que ainda não foi investigado, os tembetás.

CAPÍTULO 3

DO SABER AO FAZER: ANALISANDO OS TEMBETÁS

3.1 Metodologia para o estudo tecnológico dos tembetás

Para enriquecer a pesquisa sobre os tembetás buscamos pensar eles através da abordagem tecnológica, ou seja, produzir informações sobre esses adornos a partir do seu sistema de produção (LEMONNIER, 1992). Conceituada por Lemonnier (1986; 1992), a “antropologia da tecnologia” parte do pressuposto que a cultura material é produzida por técnicas diretamente relacionadas com a sociedade que as desenvolveu. Dessa forma, analisar os objetos sob essa perspectiva pode nos informar sobre o ‘saber-fazer’ de um determinado grupo e sobre os conhecimentos técnicos passados por gerações (FOGAÇA; BOËDA, 2006).

Neste âmbito, tecnologia pode ser entendida como “o conjunto de artefatos, comportamentos e conhecimentos empregados pelo ser humano na transformação e utilização do mundo material” (SILVA, 2002, p. 121). E a técnica, por sua vez, consiste na ação humana que leva a alguma transformação da matéria, executada a partir de cinco componentes interrelacionados: a matéria (incluindo o próprio corpo humano), energia, objetos (artefatos, ferramentas ou meios de trabalho), gestos e conhecimento específico (LEMONNIER, 1992).

Para Lemonnier (1992), as técnicas estão inseridas em sistemas tecnológicos que devem ser analisados considerando: a técnica em si e a interrelação de seus elementos; a tecnologia desenvolvida por uma dada sociedade; e que o sistema tecnológico está integrado a um sistema sociocultural maior e a outros fenômenos culturais. O ponto de partida de um estudo tecnológico é a descrição da cadeia operatória de um objeto (SILVA, 2002).

A cadeia operatória diz respeito às sequências de atividades envolvidas na transformação de qualquer matéria pelos seres humanos (LEMONNIER, 1992). Cada procedimento executado para a fabricação de um artefato corresponde a uma escolha técnica, feita tanto com base nos sistemas culturais em que está inserida, quanto em razão das propriedades físico-químicas e performance dos materiais modificados (SCHIFER; SKIBO, 1997).

O estudo das cadeias operatórias é bastante recorrente em pesquisas sobre produções ceramistas e de indústrias líticas lascadas, porém é menos utilizada no caso dos artefatos polidos, já que o polimento geralmente apaga os estigmas de técnicas empregadas nas etapas de produção anteriores (FALCI; RODET, 2016). Além disso, estamos trabalhando com uma

coleção de objetos finalizados e, portanto, não temos contato com restos de lascamento ou polidores ligados às diferentes sequências de fabricação dos tembetás. Ainda assim, é possível identificar e reconstruir as técnicas empregadas em cada etapa de produção dos adornos, por meio dos estigmas identificados e do conhecimento sobre a fabricação de tembetás. Além disso, buscamos a reconstrução de uma “história de vida” desses ornamentos (SCHIFER; SKIBO, 1997), pensando além da transformação da matéria-prima bruta em artefatos desejados, no uso e reuso dos adornos, da sua idealização até o seu incremento na estrutura funerária.

Para alcançar o objetivo de proporcionar informações e reflexões sobre as escolhas, gestos e técnicas dos artesãos e artesãs do baixo São Francisco, foi necessário desenvolvermos um método analítico e descritivo das características observáveis na amostra estudada. Por não haverem manuais voltados para a análise desse tipo de artefato, para pensarmos a seleção dos atributos e metodologias aplicadas nesta pesquisa utilizamos além de referências sobre tembetás (CORRÊA, 2011; SOUZA, 2008), pesquisas acerca de contas líticas (FALCI *et al.*, 2020; FALCI; RODET, 2016), muiraquitãs (AMARAL, 2017; NAVARRO *et al.*, 2017), lâminas polidas (PROUS *et al.*, 2002; RODET *et al.*, 2014) e bens lapidários do México (CIRIACO, 2020; TÍSOC; CIRIACO, 2019). Uma provável justificativa para a inexistência de métodos para análises dos adornos labiais até o presente é a variedade de materiais com os quais são feitos, levando a uma fragmentação dos estudos sobre esses ornamentos.

Buscamos aqui dar um primeiro passo em direção a esse método analítico ao construirmos um roteiro de estudo para os tembetás do Justino – a partir das propriedades observadas na nossa amostra -, o qual esperamos ser aproveitável e adaptável em outros contextos. Por se tratarem de poucas peças, procuramos realizar uma análise qualitativa e ordenar as características examinadas de modo que pudessem indicar a mentalidade e as escolhas tecnológicas por trás da confecção de um tembetá até o seu uso, como adorno pessoal e funerário.

Abaixo, explicitaremos cada atributo analítico selecionado para a análise tecnológica dos tembetás, distribuídos em campos voltados para a identificação dos adornos, composição, indicativos de técnicas de produção, morfologias do produto final e marcas de uso. Os dados observados a partir dessa análise foram tabulados para facilitar a identificação de relações entre eles e se encontram no Apêndice IV.

Tabela 4 - Atributos analisados nos tembetás do Justino

<p>A. Identificação</p> <p>1. N° do tembetá</p> <p>2. Sepultamento associado</p> <p>3. Sexo biológico</p> <p>4. Faixa etária</p> <p>5. Localização na estrutura funerária</p> <p>6. Setor do sítio</p> <p>7. Unidade</p> <p>8. Níveis</p> <p>B. Composição</p> <p>9. Matéria-prima</p> <ul style="list-style-type: none"> . Amazonita . Quartzo . Quartzo Arenito <p>10. Cor</p> <ul style="list-style-type: none"> . Verde . Branco 	<p>C. Produção</p> <p>11. Técnicas da transformação</p> <p>12. Marcas de picoteamento</p> <p>13. Estrias de alisamento</p> <p>14. Marcas de polimento</p> <p>15. Local das marcas</p> <p>D. Morfologia</p> <p>16. Altura (mm)</p> <p>17. Parte proximal (mm)</p> <p>18. Garganta (mm)</p> <p>19. Parte distal (mm)</p> <p>20. Espessura (mm)</p> <p>21. Peso (g)</p>	<p>22. Forma</p> <ul style="list-style-type: none"> . T alongado . T achatado . Cônico . Cilíndrico <p>23. Curvatura da parte proximal</p> <ul style="list-style-type: none"> . Reta . Côncava . Convexa <p>E. Uso</p> <p>24. Desgaste por uso</p> <p>25. Local do desgaste</p> <p>F. Estado de preservação</p> <p>26. Preservação</p> <ul style="list-style-type: none"> . Inteiro . Fragmentado <p>27. Fragmentação</p>
---	--	--

A identificação dos tembetás tem como objetivo organizar a coleção estudada. Os tembetás estão identificados no MAX com o número do sepultamento em que foram encontrados, mas por motivos de clareza, atribuímos nessa dissertação uma numeração sequencial aos adornos analisados que vai de 1 a 16. Essa numeração não foi inscrita em todas as peças, somente nos tembetás de 1 a 3 por serem provenientes do mesmo sepultamento. Para identificar a procedência da peça estudada criamos ainda campos para características gerais dos sepultamentos aos quais estão associadas, o local da estrutura funerária em que foi encontrada, o setor do sítio do qual foi coletada (I ou II), unidade e níveis dos enterramentos.

A composição dos tembetás se refere à matéria-prima com a qual foram feitos e, no caso do Justino, foram identificados três minerais distintos (Fig. 26). Tomamos como referência a Seção de Materiais Didáticos do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo (IGc-USP)¹⁷ para classificar essas matérias-primas como amazonita, quartzo e quartzo arenito, mas destacamos que análises arqueométricas e mineralógicas detalhadas são indicadas para resultados precisos. Separamos ainda um campo para a coloração dos minerais, em decorrência da já indicada relevância simbólica das pedras verdes para diversas populações indígenas do Norte e Nordeste do Brasil, indicando este ser um importante fator para a seleção da matéria-prima (AMARAL, 2017; LIMA, 2010; RODET *et al.*, 2014).

¹⁷ Disponível em: <https://didatico.igc.usp.br>

Figura 26 - Detalhes de tembetás feitos de três minerais distintos.



Descrição: (A) tembetá 1 de amazonita (sep. 109); (B) tembetá 7 de quartzo verde (sep. 160); (C) tembetá 11 de quartzo arenito (sep. 164). Fotos: Beatriz Velloso, 2021. Fotos fora de escala.

Considerando que estamos trabalhando com uma coleção de peças finalizadas, para concebermos uma cadeia operatória do processo de produção dos tembetás, utilizamos como referência dados observados a partir das leituras etnológicas (VIDAL, 1985), da arqueologia experimental (SOUZA, 2008) e de cadeia operatória de tembetás em sítios com vestígios de etapas da fabricação do adorno (CORRÊA, 2011; ZANETTINI, 2019). A partir dessas pesquisas, foi possível compilar o conhecimento acerca da aptidão de cada mineral e apontar possíveis técnicas empregadas na transformação do suporte rochoso até o artefato planejado, como lascamento, picoteamento, alisamento e polimento. Combinado a isso, buscamos observar através do microscópio digital a existência de estrias de alisamento ou polimento nos tembetás e, em caso positivo, a porção da peça em que são visíveis e a direção delas em relação à porção do adorno.

Para orientar na classificação da morfologia final das peças, na terminologia das porções dos tembetás e na mensuração, utilizamos as nomenclaturas apresentadas em Souza (2008). Todas as medidas indicadas na Fig. 27 foram tiradas com um paquímetro e cada peça foi pesada em uma balança de precisão.

A primeira medida registrada foi a altura total do tembetá. A largura foi tirada em três porções distintas: parte proximal, que se refere à parcela do tembetá que ficaria no interior da boca, sendo sua largura equivalente à extensão do desgaste dento-mandibular ocasionado pelo uso contínuo; garganta, a área imediatamente abaixo da parte proximal, correspondente ao tamanho do furo labial existente para atravessar o tembetá; e parte distal, a porção mais afastada do interior da boca e a mais visível quando em uso. Por fim, foram mensuradas a maior espessura da peça e o peso do tembetá, o qual influencia no quanto o adorno penderia o lábio e se ele ficaria em contato constante com a gengiva (SOUZA, 2008).

Figura 27 - Porções e medidas de análise do tembetá.



Foto: Beatriz Velloso, 2021. Fotos fora de escala.

Classificamos quatro formatos de tembetás no Justino (Fig. 28): T achatado, em que a parte proximal é maior que a altura, ficando visível por fora da boca só a parte distal, geralmente circular; T alongado, quando o corpo é maior que a parte proximal e a haste decorativa fica pendurada sob o lábio; cônico, em que o corpo afunila até a parte distal; e cilíndrico, forma que só ocorre em peças fragmentadas, não sendo possível verificar se teriam abas laterais que lhes dessem o formato de T ou se eram encaixados na boca por uma segunda peça. Também identificamos as curvaturas da parte proximal (quando existente no tembetá), podendo ser reta, côncava ou convexa em relação ao corpo, pois indica o tipo de encaixe na mandíbula e onde seria mais provável apresentar desgaste por uso, nos adornos e nas mandíbulas.

Figura 28 - Formatos dos tembetás e curvatura das partes proximais.



Foto: Beatriz Velloso, 2021. Foto fora de escala.

Da mesma forma que a utilização prolongada de adornos labiais causa desgastes e alterações dento-mandibulares nos seus usuários (COOK; SOUZA, 2012; GARVE *et al.*, 2012; SENE, 2007), verificamos a possibilidade de existirem marcas de desgaste por uso na parte proximal do tembetá, ocasionada pela fricção com os ossos da mandíbula. Por não haver uma base de dados para comparação, não sabíamos se seria possível observar esse tipo de abrasão e se existiria uma variabilidade de marcas. Por meio da análise visual e tátil, identificamos que a parte proximal de algumas peças era mais lisa que o resto do corpo, o que nos pareceu indicativos de possível desgaste por uso.

Por interferir na morfologia final e na porção analisada, separamos um campo para indicar o estado de preservação do tembetá: inteiro ou fragmentado. Em caso positivo, observamos ainda o nível de fragmentação, local de quebra, se a peça foi colada ou se está com fragmento(s) faltante(s).

Optamos por analisar os tembetás de forma independente dos sepultamentos, visto que em alguns casos eles foram depositados como presente funerário, pois não possuem marcas que indiquem que foram utilizados em vida pelo indivíduo com o qual foi enterrado. Apresentaremos a seguir observações em relação à obtenção de matéria-prima, sequências de produção e desgastes por uso nas peças. A discussão relativa à presença dos tembetás nos rituais funerários, sua relação com os sepultamentos e dispersão intra-sítio será apresentada no quarto capítulo.

3.2 A produção dos tembetás do sítio Justino

Nesta pesquisa, analisamos os dezesseis tembetás que foram identificados no sítio Justino até o momento. Existem outros três possíveis adornos no sítio¹⁸, de acordo com Vergne (2004), mas que por não se encontrarem no acervo do MAX foram excluídos desta pesquisa. O Justino apresenta, além da grande quantidade de tembetás, uma grande variedade entre eles, seja de formatos ou de matéria-prima. Em síntese, temos a seguinte coleção no sítio:

Tabela 5 - Conjunto de tembetás do sítio Justino

Setor	Nº	Sep	Matéria-prima	Morfologia	Setor	Nº	Sep	Matéria-prima	Morfologia
I	1	109	Amazonita	T alongado*	II	9	138	Amazonita	T alongado
I	2	109	Quartzo arenito	T achatado	II	10	140	Amazonita	T alongado
I	3	109	Quartzo arenito	T achatado	II	11	164	Quartzo arenito	Cônico
I	4	119	Quartzo arenito	T achatado	II	12	132	Quartzo arenito	T achatado
I	5	116	Quartzo verde	T achatado	II	13	142	Quartzo verde	T alongado
I	6	158	Amazonita	Cilíndrico*	II	14	139	Quartzo arenito	T achatado
I	7	160	Quartzo verde	Cilíndrico*	II	15	131	Quartzo verde	T alongado
I	8	161	Quartzo verde	Cilíndrico*	II	16	156	Quartzo arenito	T achatado

*Peças fragmentadas.

3.2.1 Obtenção das matérias-primas

A primeira escolha tecnológica feitas ao longo da produção dos tembetá é a seleção da matéria-prima, tendo como parâmetros o objeto final projetado e desejado, os minerais disponíveis na região, sua aptidão ao polimento ou ainda sua coloração (RODET *et al.*, 2014). As três matérias-primas da amostra do Justino aparecem em quantidade aproximada, sendo cinco de quartzo esverdeado (Fig. 33), quatro de amazonita (Fig. 36) e sete de quartzo arenito (Fig. 39). É possível observar também uma relação entre forma final e matéria-prima no sítio, sendo os tembetás achatados preferencialmente de quartzo arenito e os alongados de pedras verdes (Fig. 29).

O arenito é uma rocha sedimentar granulosa formada por grão de quartzo, feldspato e/ou outros fragmentos líticos cimentados por sílica (SiO₂), mudando suas características conforme maior ou menor presença desses minerais (ARAÚJO, 1992). Quanto maior a proporção do material silicoso, melhor vai ser sua aptidão ao lascamento; se houver menos, ele não conseguirá ser lascado, mas poderá ser picoteado e polido; e em menor quantidade ainda, não apresentará resultado satisfatório para nenhum tipo de transformação de matéria

¹⁸ Provenientes dos sepultamentos 134, 154 e 145, todos do setor I do Justino.

(ARAÚJO, 1992). O quartzo arenito (também chamado de arenito quartzoso ou ortoquartzito) é um tipo de arenito assim classificado por ser composto por mais de 95% de grãos de quartzo, motivo pelo qual geralmente apresenta a coloração branca (PETTIJOHN *et al.*, 1973).

Apesar de ter origem majoritariamente litorânea, na bacia sedimentar do São Francisco ocorrem quartzos arenitos com granulometria e friabilidade variados, sendo frequente encontrá-los na Formação Tacaratu, que tem esse nome por ter sido identificada na Serra de Tacaratu/PE, mas ocorre até o Povoado Curitiba, em Canindé de São Francisco/SE (CARVALHO, 2010; SANTOS *et al.*, 1998). Durante o levantamento bibliográfico não identificamos nenhum outro sítio arqueológico com adornos feitos dessa matéria-prima e sua escolha como suporte pode ter se dado pela disponibilidade na região, mas não há ainda pesquisas sobre a aptidão ao polimento do quartzo arenito encontrado em Canindé. Os tembetás de quartzo arenito do Justino apresentam uma granulometria de fina à média, a olho nu, estando a maioria levemente friável ao manipular.

Figura 29 – Variabilidade de matéria-prima e formatos de tembetás do Justino.



Foto: Beatriz Velloso, 2021.

O quartzo (SiO_2) é um mineral metamórfico da classe dos silicatos, sendo basicamente sílica em fase estável (GUZZO, 2008). Esse cristal é considerado um dos minerais mais abundantes na crosta terrestre e ocorre no Brasil em veios hidrotermais, pegmatitos, drusas em basalto ou depósitos eluviais e aluviais (GUZZO, 2008). O quartzo costuma ter coloração branca ou transparente, mas pode ser encontrado de forma natural em diversas cores (GUZZO, 2008). A coloração esverdeada pode ser ocasionada por processos de

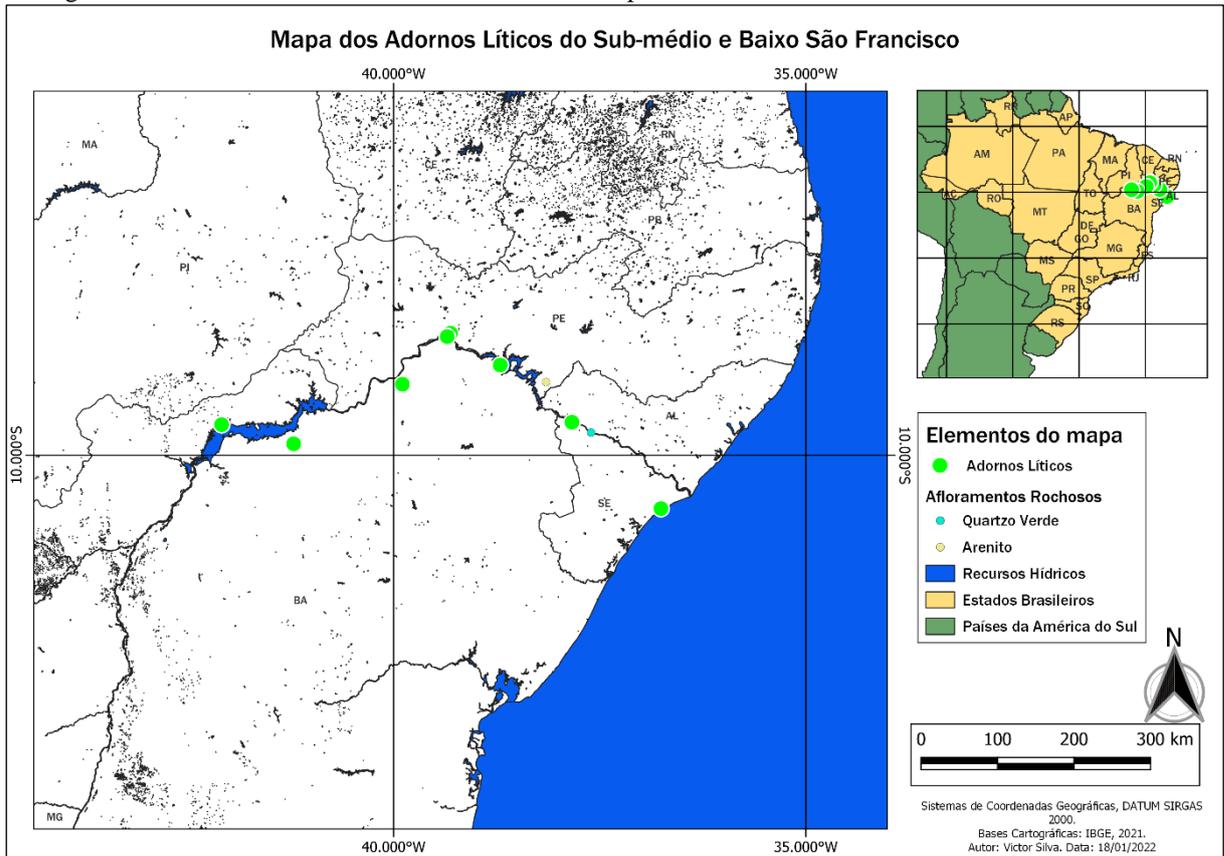
alteração do mineral em associação com outros de cor verde, como diopsídio e hornblenda verde (CAVALCANTI, 2008). Os adornos de quartzo do sítio apresentam uma superfície bastante homogênea após o polimento, mas também há uma variabilidade de tons de verde entre as peças, que vão de amarelado, azulado ao verde escuro.

A amazonita (KAlSi_3O_8) é o nome popular pelo qual é conhecida a variedade verde do feldspato alcalino microclínio (LIRA; NEVES, 2013). Geralmente, forma-se junto às rochas ígneas como pegmatitos, granitos, granodioritos e sienitos (LIRA; NEVES, 2013). O feldspato se caracteriza por ter clivagem em 90° , o que torna a amazonita bastante suscetível à fragmentação em ângulos quase retos quando trabalhada (LIRA; NEVES, 2013). A amazonita apresenta coloração de verde a azulada ocasionada por impurezas de chumbo, sendo comum apresentar micro ou macro inclusões de albita branca (pertitas), formam um padrão marmorizado que facilita a distinção da amazonita das outras pedras verdes em uma avaliação macroscópica (LIRA; NEVES, 2013; OSTROUMOV, 2012). Entre os tembetás de amazonita do sítio Justino, os tons de verde variam tanto quanto o tamanho das pertitas.

De acordo com o CPRM (Serviço Geológico do Brasil), há a presença de plagioclásio, microclínio e quartzo azulado nos granitoides do povoado Currealinho, parte do Complexo Canindé (SANTOS *et al.*, 1998). O povoado fica às margens do Rio São Francisco no município de Poço Redondo/SE, vizinho de Canindé de São Francisco, sendo um interessante lugar para realizar prospecções arqueológicas futuramente a fim de averiguar se este seria um local de extração de matéria-prima pelos povos originários de Xingó. Nesse caso, significaria que essas populações estariam captando matéria-prima para os tembetás em um raio de pelo menos 25 km.

Apesar do quartzo e da amazonita reagirem de forma distinta ao lascamento e polimento, é provável que o critério de seleção de ambas as matérias-primas seja o mesmo: a coloração esverdeada. Como já apresentado, as pedras verdes tinham grande importância entre comunidades indígenas amazônicas e do Nordeste, sendo atribuídas a esses minerais fins medicinais, terapêuticos e simbolismos religiosos (LIMA, 2010). Considerando ainda a existência de adornos líticos esverdeados em Pirambu/SE (SIMÕES, 2014) e nos sítios do submédio São Francisco (LUNA, 2006), é possível pensarmos também no fornecimento dessas pedras verdes a partir de Xingó em redes de trocas de ornamentos entre os povos originários da região (Fig. 30), conforme relatado no Maranhão (D'EVREUX, 1874).

Figura 30 - Adornos líticos e afloramentos de matéria-prima na bacia do submédio e baixo São Francisco.

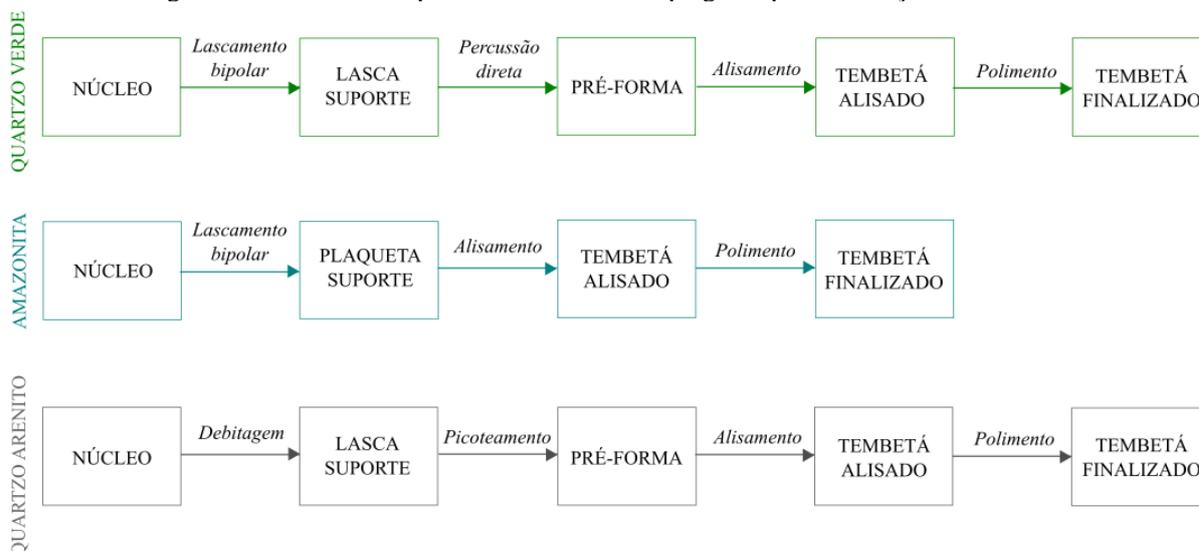


3.2.2 Técnicas empregadas e produto final

As pesquisas relativas à indústria lítica do Justino e da Área Arqueológica de Xingó (FAGUNDES 2007; MELLO, 2005) não identificaram lascas, fragmentos ou núcleos de amazonita, quartzo arenito e quartzo verde que indicassem a produção de tembetás nesses sítios. Sendo assim, podemos concluir que os tembetás enterrados no Justino não foram fabricados no cemitério. Mesmo aqueles produzidos com fim ritualístico estariam sendo produzidos em outro lugar e levados para o funeral já finalizados.

A sequência produtiva de um tembetá é relativamente padronizada (Fig. 31), contém etapas de debitagem do núcleo para obtenção de suportes, lascamento ou picoteamento para diminuição da matéria e obtenção de uma pré-forma, alisamento até o formato desejado e o polimento final (CORRÊA, 2011; SOUZA, 2008). A existência de três minerais distintos no sítio reflete, no mínimo, três caminhos possíveis para a produção dos tembetás, conforme o esquema abaixo. Lembrando que essas técnicas podem não ocorrer de forma linear.

Figura 31 – Prováveis seqüências de técnicas empregadas para confecção dos tembetás.



Cada etapa dessa perpassa por variações de gestos, ferramentas utilizadas, tempo empregado a depender do conhecimento técnico, escolhas do artesão, desempenho da matéria-prima, porção do tembetá trabalhada primeiro e o formato desejado. Quanto maior o número de pesquisas e experimentações com determinada matéria-prima, estudos sobre sítios com presença de polidores, lascas e fragmentos relacionadas à manufatura de um tembetá, maior será a precisão da reconstrução de etapas produtivas e apontamentos sobre a variabilidade de escolhas tecnológicas.

Quartzo verde

Os tembetás de quartzo verde são aqueles aptos a maior combinação de técnicas e também foram aqueles que apresentaram maior variabilidade morfológica. Sua produção se inicia pela limpeza dos núcleos, que através da debitagem é capaz de obter suportes para a elaboração de instrumentos (FOGAÇA; BOËDA, 2006). Para Souza (2008) obter uma lasca-suporte de quartzo para o seu tembetá, fez o lascamento bipolar, que permite a retirada de lascas mais robustas.

A etapa seguinte seria o lascamento com objetivo de reduzir o material até obter uma forma específica desejada. Souza (2008) utilizou percussão direta e um percutor duro nessa etapa para dar à lasca de quartzo um formato mais próximo ao cilíndrico.

Obtida a pré-forma almejada, inicia-se o alisamento da peça. Aqui utilizaremos a distinção de alisamento e polimento apresentada por Prous e colaboradores (2002), pois é visível nos tembetás um acabamento final responsável por uma superfície mais lisa que apaga

as estrias na maioria das peças. Para os autores, o que distingue as duas técnicas é a granulometria do abrasivo utilizado, sendo o alisamento mais grosseiro, o qual deixa estrias visíveis macroscopicamente; e o polimento, ao usar um abrasivo muito fino, cria um acabamento brilhoso na peça (PROUS *et al.*, 2002).

Para o alisamento do tembetá de quartzo, dos suportes testados experimentalmente por Souza (2008), os que renderam melhores resultados foram “bacias” de arenito ou de gnaisse com adição de areia grossa e água. Notou ser necessário o acréscimo ou troca da areia a cada cinco minutos, quando os grãos ficavam muito “rolados”. O rendimento observado por Souza (2008) foi da diminuição de 3 gramas de matéria por hora de alisamento, sendo estimado cerca de 20 horas de trabalho contínuo para produzir um tembetá em forma de “T” alongado.

Contudo, em registros sobre a fabricação desses adornos por artesãos indígenas, não fora utilizada areia no alisamento dos tembetás. *Bep-inhó*, um senhor Kayapó-Gorotire com cerca de 70 anos, produzia tembetás (que ele chamava de *kruturam*) os alisando em blocos de arenito, com movimentos repetitivos para frente e para trás (CÂNDELA, 1970 *apud* SOUZA, 2008). O artesão trabalhava ao lado de um riacho, onde poderia umedecer o bloco com frequência, mas nunca molhava o quartzo diretamente. Primeiramente, ele alisava toda a superfície do quartzo em poucas horas, deixando um cilindro quase perfeito, em seguida afinava o corpo do tembetá, trabalhando a parte proximal por último (CÂNDELA, 1970 *apud* SOUZA, 2008). Também no Pará, Lux Vidal (1985) testemunhou a confecção de tembetás de quartzo leitoso pelos homens mais velhos Parakanã através da abrasão em um bloco rochoso (Fig. 32), levando de 2 a 3 meses para fabricarem cada peça (VIDAL, 1985). Não é especificado na literatura, mas para a delineação da garganta e de outros detalhes do tembetás é provável que uma plaqueta menor de arenito ou outra rocha fosse utilizada.

Após alcançado o formato desejado, a última etapa é o polimento final. O único tembetá de quartzo verde em que foram observadas discretas estrias de alisamento foi o 13, identificadas nas partes distal e proximal. As demais partes do corpo apresentam uma superfície rugosa (Fig. 34a), que se assemelha aos traços de um acabamento polido realizado com sílex em artefatos de obsidiana (CIRIACO, 2020). Todos os tembetás de quartzo verde do Justino apresentam essa superfície, resultante do polimento fino.

Figura 32 - Artesão Parakanã confeccionando tembetá de quartzo leitoso.



Fonte: VIDAL, 1985, p. 54.

Foram observados três formatos distintos entre os tembetás de quartzo verde (Fig. 33): dois em “T” alongado, mas com hastes do corpo não muito grandes, que em uso não ficariam muito pendida para fora do lábio; dois estão fragmentados e por isso apresentam formato cilíndrico, possivelmente também tinham as abas que davam a forma de “T” alongado, mas com hastes maiores que os anteriores; e o último com forma de “T” achatado de grande dimensão. Todos apresentam espessuras muito divergentes, indicando uma falta de padrão entre o tamanho dos furos labiais necessários, que iriam de 15 a 38 mm de diâmetro. Nas peças com parte proximal presente também não há uma preferência entre as curvaturas, sendo um levemente convexo, um reto e um côncavo.

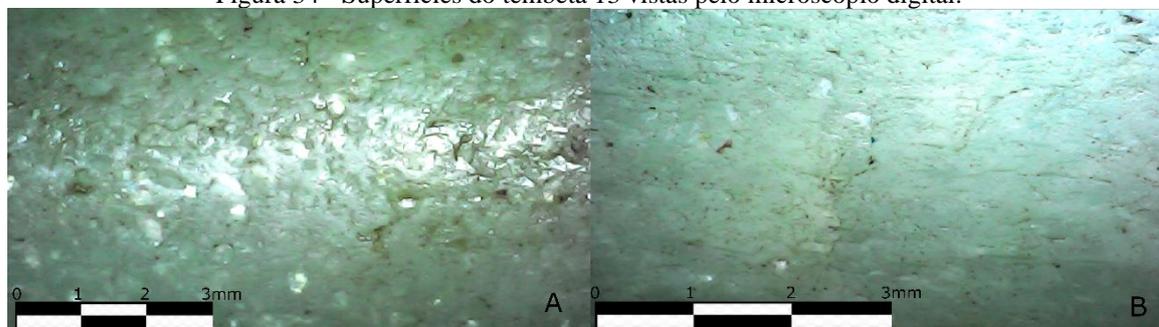
Figura 33 - Tembetás de quartzo verde do sítio Justino.



Foto: Beatriz Velloso, 2021.

A parte interna das três partes proximais inteiras aparentam serem mais lisas visualmente e ao toque, com ausência das marcas de polimento notadas no resto do corpo, o que nos faz acreditar serem indícios de abrasão por uso. Sobretudo se considerarmos que somente a parte central da parte proximal do tembetá 13, levemente convexo, não apresenta estrias de alisamento ou marcas de acabamento polido (Fig. 34), parte que ficaria em contato constante com os dentes e a gengiva.

Figura 34 - Superfícies do tembetá 13 vistas pelo microscópio digital.



Descrição: (A) superfície do corpo rugosa; (B) superfície central da parte proximal mais lisa (provavelmente por abrasão de uso).

Amazonita

A amazonita não reage bem ao lascamento e picoteamento devido a sua clivagem natural, apesar de já ter sido encontrado um fragmento de tembetá com marcas de picoteamento no estado de São Paulo (SOUZA, 2008). Em sítios com vestígios de etapas de produção de tembetás desse mineral no Ceará, constatou-se a realização de lascamentos suaves, aproveitando-se da clivagem da amazonita para formar plaquetas (CORRÊA, 2011; ZANETINNI, 2019). As lascas resultantes dessa etapa não apresentam gume e têm talão esmagado, o que indica o lascamento sobre bigorna (CORRÊA, 2011; ZANETINNI, 2019).

Souza (2008) constatou não ser efetivo usar areia para alisar amazonita, sendo o melhor rendimento sobre bloco de arenito com adição de água, reduzindo 5,3g de matéria por hora de alisamento. Nos citados sítios cearenses, foram encontrados plaquetas e seixos de arenito com desgastes por alisamento passivo, indicando serem as ferramentas utilizadas nessa etapa (CORRÊA, 2011; ZANETINNI, 2019). Primeiramente, as plaquetas de amazonita eram alisadas em sua totalidade, depois abertas canaletas para a criação da garganta, seguido do corpo e, por fim, alisadas a parte distal e proximal (Fig. 35). Para o polimento final, foram utilizadas plaquetas de rochas com granulometria muito fina, como o xisto micáceo (CORRÊA, 2011).

Figura 35 - Cadeia operatória dos tembetás de amazonita de Brejo Santo, Ceará.



Fonte: CORRÊA, 2011, p. 230.

Apesar desses sítios cearenses estarem em um contexto Tupi e o Justino não, ao assumirmos a hipótese de redes de troca de matéria-prima para adornos, elas podem englobar também trocas simbólicas e de conhecimentos tecnológicos. Ott (1944) e Pinto (1956) já supuseram anteriormente que os tembetás e a matéria-prima para fazê-los eram obtidas pelos Tupi do litoral com os Tapuias do sertão, onde era mais propício encontrar as estimadas pedras verdes.

Todos os quatro tembetás de amazonita do sítio Justino têm um formato alongado, estando dois fragmentados (Fig. 36). O tembetá 1 não possui uma das abas e o 6 está fragmentado e colado no meio, além de não possuir parte proximal, o que lhe confere um formato cilíndrico, apesar de ser notável a discreta depressão de uma garganta.

Figura 36 - Tembetás de amazonita do sítio Justino.

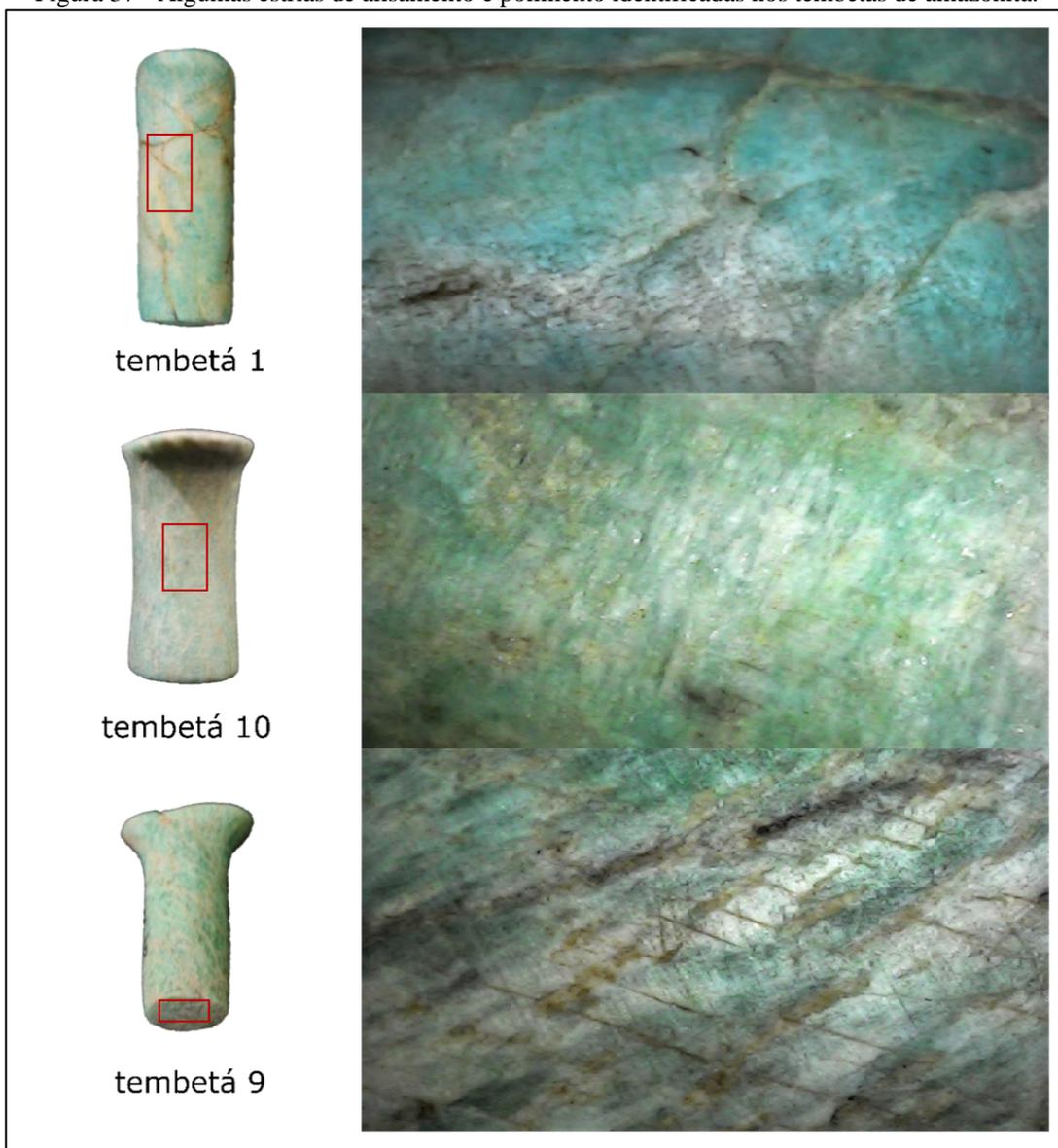


Foto: Beatriz Velloso, 2021.

Os quatro adornos apresentam estrias de alisamento, sendo que três (1, 9 e 10) apresentam marcas paralelas e diagonais no corpo que condizem com os movimentos indicados na Fig. 35-7. Esses mesmos tembetás possuem dimensões, formatos de parte proximal e garganta muito semelhantes, além de terem sido encontrados em sepultamentos de período aproximado. O outro tembetá de amazonita apresenta estrias longitudinais ao corpo (Fig. 37), indicando um movimento de alisamento diferente, além de ser bem mais estreito que os demais.

Dos quatro, somente o tembetá 1 apresenta partes do corpo com o mesmo acabamento observado nas peças de quartzo verde. Já o tembetá 9 apresenta estrias mais grossas e profundas na parte distal do que no resto do corpo, o que significa o uso de abrasivos com granulometrias diferentes, sendo o com grãos mais finos para o polimento final. Dessa forma, inferimos que os tembetás de amazonita foram finalizados de maneiras distintas.

Figura 37 - Algumas estrias de alisamento e polimento identificadas nos tembetás de amazonita.



Quartzo Arenito

O arenito é um tipo de material geralmente utilizado como polidor, calibrador e afiador, sendo mais utilizados como suporte de instrumentos em sua forma silicificada (ARAÚJO, 1992). O quartzo arenito não apresenta muito cimento silicoso, o que não o torna apto a lascamentos elaborados. Após a obtenção de suportes para os tembetás com uma técnica de debitagem (possivelmente também bipolar), a próxima etapa provável seria o picoteamento com o uso de um percutor pequeno a fim de avançar na diminuição de matéria e obter uma pré-forma, conforme indicam as marcas existentes na parte distal do tembetá 2 (Fig. 38). Em seguida, seria feito o alisamento e o polimento até alcançar o formato e acabamento desejados, conforme o esquematizado na figura 31.

Figura 38 - Detalhes de possíveis marcas de picoteamento no tembetá 2.



Fotos: Beatriz Velloso, 2021. Fotos fora de escala.

Entretanto, quase não foram identificados estigmas de alisamento nesses tembetás para realizarmos maiores interpretações, somente na parte inferior das abas da parte proximal do tembetás 3. Os tembetás 11 e 12 apresentam linhas multidirecionais quando vistos pelo microscópio digital, talvez resultantes do polimento. Também não foram encontrados indicativos de desgaste por uso na parte proximal dessas peças, possivelmente em decorrência da friabilidade do material.

Na pesquisa bibliográfica não foram identificadas análises e experimentações que nos ajudasse a pensar em instrumentos utilizados e no tempo gasto nesses processos. Certamente, este tipo de material se desbasta com mais rapidez que o quartzo e a amazonita, sendo assim, levaria bem menos tempo para ser feito que os demais. Porém, necessitaria também de delicadeza e habilidade por ser um material friável. Para entender melhor o processo de fabricação desses tembetás de quartzo arenito seria importante realizar experimentações com esse mineral.

Com exceção do tembetá 11, de morfologia cônica exclusiva no sítio, o formato mais comum feito com esse tipo de mineral foi o “T” achatado, de pequena ou grande dimensão (Fig. 39). Os pequenos têm alturas e formatos muito aproximados, divergindo principalmente na largura da parte proximal e no diâmetro da parte distal. As partes proximais vão de retas a côncavas, variando conforme o aumento da largura para proporcionar melhor encaixe anatômico mandibular. Em uso, apareceria por fora da boca apenas o círculo da parte distal.

Já os de grande dimensão não têm encaixe anatômico para o uso labial, não são simétricos e nem têm acabamento uniforme como os demais, apresentando até possíveis sinais de picoteamento na parte distal. Isso demonstra que esses adornos não teriam sido utilizados nos lábios, podendo terem sido feitos exclusivamente para o ritual funerário, assunto que discutiremos com mais profundidade no capítulo seguinte.

Figura 39 - Tembetás de quartzo arenito do sítio Justino.

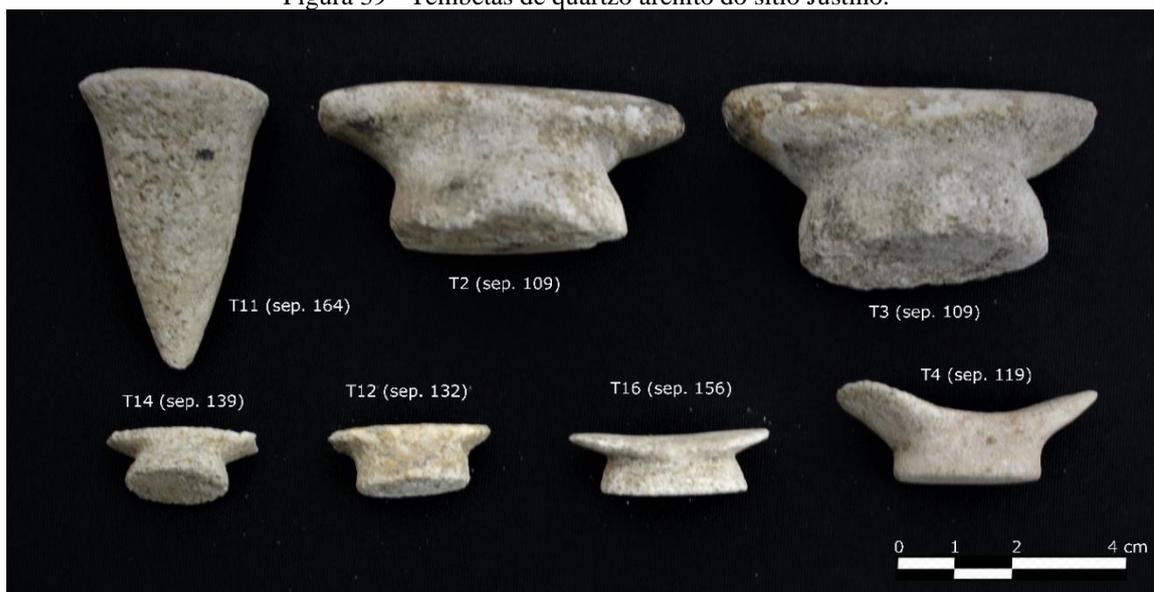


Foto: Beatriz Velloso, 2021.

As horas de trabalho necessárias pra se obter os tembetás, distribuídas ao longo de dias ou meses, demonstra que uma só peça demandaria bastante do corpo e da mente do seu fabricante. Souza (2008) destaca durante as experimentações a necessidade de mudança de posição constante devido às dores e ao desconforto nas pernas e na coluna, e também na mão e no pulso ocasionadas pela força empregada e pela repetição dos movimentos.

Todo o processo de fabricação dos tembetás, desde a distância para a captação do suporte mineral, conhecimento técnico empregado e tempo dedicado no processo de produção, não se assemelha à indústria lítica expedita da região (FAGUNDES, 2007). Isso evidencia uma grande importância simbólica e social ligada à fabricação e utilização dos tembetás e a existência de um fazer artesanal especializado na produção desses adornos.

É importante ainda termos em mente que toda a cadeia operatória de um tembetá do Justino, a depender da finalidade com a qual foi confeccionado, está inserida em outro processo produtivo: seja nas etapas de preparação de um ritual de perfuração e iniciação, seja na elaboração dos rituais funerários.

CAPÍTULO 4

AS PESSOAS E SEUS TEMBETÁS

4.1 Os sepultamentos com tembetás: descrição e contextualização espacial

Como já exposto, o Justino se destaca pelo grande número de sepultamentos e seu rico enxoval funerário, incluindo os ornamentos corporais com os quais os indivíduos foram enterrados. Ainda que esses adornos já tenham sido foco em outras pesquisas (CASTRO, 2009; SANTOS, 2020; SILVA, 2013; 2017), os tembetás ainda não haviam sido alvo de densas análises. Por esse motivo, não havia nas bibliografias sobre o sítio uma relação dos tembetás do Justino e os sepultamentos nos quais foram encontrados, menos ainda uma publicação atualizada que contasse com os tembetás identificados durante as exumações de casulos ocorridas entre 2013 e 2018 (sep. 139, 119, 132).

Considerando esses recém descobertos tembetás no Justino, propusemos a escavação de casulos a fim de aumentarmos a amostra de adornos labiais do sítio. Foram exumados três sepultamentos no âmbito desta pesquisa (122, 152 e 156)¹⁹, resultando na identificação de mais um tembetá no enterramento 156. Com isso, totalizaram dezesseis tembetás no sítio, provenientes de quatorze sepultamentos. Nesta dissertação não focaremos nas escavações dos casulos, a metodologia utilizada e outros resultados encontrados nessas exumações se encontram no relatório entregue à coordenação científica do MAX, onde está disponível para consulta.

Nosso objetivo neste capítulo é apresentar a descrição das sepulturas com tembetás e sua contextualização espacial dentro do sítio, a fim de discutir quais as relações entre os tembetás e as pessoas com os quais foram enterrados e o que isso nos diz sobre as comunidades que construíram o Justino. Para isso, iniciamos elaborando uma análise descritiva dos sepultamentos da amostra, a fim de perceber similaridades e diferenças entre eles e identificar possíveis relações de gênero e/ou idade. Sistematizamos as análises dos enterramentos se atentando para elementos do ritual funerário e do indivíduo, observando as seguintes categorias²⁰:

¹⁹ Inicialmente foram selecionados sete sepultamentos para serem escavados durante esta pesquisa. Apenas esses três foram exumados em decorrência das limitações impostas pela pandemia do vírus covid-19.

²⁰ Os dados descritos detalhadamente sobre cada sepultamento estudado se encontram no apêndice V.

Estrutura funerária

1. Tipo de Tratamento: primário ou secundário, individual, duplo, triplo, etc.;
2. Posição: decúbito dorsal, ventral, lateral direito, lateral esquerdo ou sentado;
3. Unidade;
4. Níveis;
5. Acompanhamentos Funerários: tembetás, adornos de material faunístico, adornos de vidro, cerâmicas, ossos faunísticos;
6. Estruturas associadas: fogueiras, concentrações de materiais e outros sepultamentos dentro da mesma unidade.

Dados osteológicos

1. Idade;
2. Sexo biológico;
3. Patologias ósseas;
4. Patologias e desgastes dentários.

Não conseguimos revisar todos os esqueletos da amostra, portanto, os dados osteológicos dos indivíduos foram retirados de Carvalho (2006). Somente pudemos refutar ou concordar com suas estimativas de sexo e idade nos sepultamentos que exumamos (119, 132, 156). Carvalho (2006) identificou desgastes e perdas dentárias *ante mortem* em diversos esqueletos, mas nada que sugerissem terem sido provocados pelo uso de adornos labiais.

O desgaste ósseo ocasionado pelo uso contínuo de enfeites labiais se apresenta principalmente na parte central mandibular e nos dentes incisivos centrais e laterais inferiores (GARVE *et al.*, 2012; SENE, 2007). Esse tipo de abrasão varia conforme o formato e o tamanho do adorno, sendo a largura da parte proximal do tembetá um referencial para identificar a área de atrito com os ossos. Devido ao estado de conservação e a presença de resinas consolidantes nos sepultamentos que escavamos, não foi possível procurar desgastes dento-mandibulares característicos nas mandíbulas que tivemos acesso (Fig. 40).

Figura 40 - Mandíbulas dos sepultamentos 119 (esquerda) e 132 (direita).



Fotos: Beatriz Velloso, 2021. Fotos fora de escala.

Para coletar informações sobre a estrutura funerária, combinamos os dados apresentados em Vergne (2004) com os croquis de escavação de nível de ambos os setores do sítio. Para identificar os acompanhamentos funerário, além de Vergne (2004), consultamos Dantas e Lima (2014), Silva (2013; 2017) e o acervo do MAX.

Tomando como referência os croquis, buscamos também entender a relação espacial, horizontal e vertical, entre os sepultamentos com tembetás - entre si e entre outros enterramentos ou estruturas, como fogueiras, manchas e concentrações líticas e cerâmicas. Por meio dos dados observados, discorremos sobre a hipótese de haverem áreas específicas de enterramentos de indivíduos com tembetás.

4.1.1 Justino - Setor I

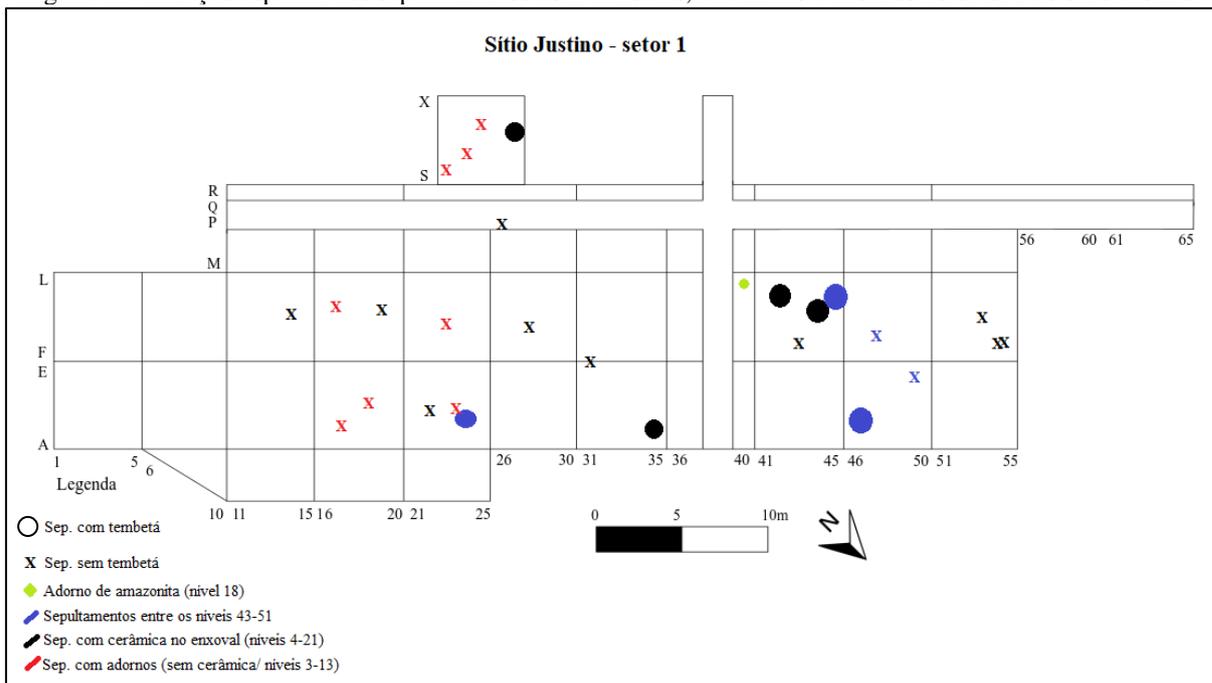
Os oito tembetás analisados do setor I são provenientes de seis sepultamentos, visto que o 109 recebeu três adornos. Esses sepultamentos se distribuem por quatro unidades (AE21/25; AE41/45; FL41/45; SX23/27), com destaque para a FL 41/45 com três sepultamentos da amostra. São todos enterramentos primários, adultos, mostrando uma equidade entre os sexos feminino e masculino. Ao analisar as características desses sepultamentos (Tab. 6), podemos dividi-los em dois grupos: anteriores à presença de cerâmica no sítio e com vasilhames cerâmicos inteiros no enxoval.

Tabela 6 - Características gerais dos sepultamentos estudados do setor I.

Sepultamentos com tembetás - setor I							
Nº Sep	Unid.	Nível	Sexo	Idade	Posição	Acompanhamentos	
						Tembetás	Outros
109	FL 41/45	6 a 10	M	50-59	Dorsal	. 1 tembetá de amazonita . 1 tembetá de quartzo arenito sobre o tórax esquerdo . 1 tembetá de quartzo arenito sobre o tórax direito	. 1 vasilhame cerâmico sobre o crânio
119	ST 23/27	9 a 13	M	50-59	Dorsal	. Tembetá de quartzo arenito abaixo da mandíbula e acima da clavícula direita	. 2 vasilhames cerâmicos . Ossos de um furão . Colar de conchas brancas
116	FL 41/45	11 a 13	F	18-19	Dorsal	. Tembetá de quartzo verde embaixo das falanges superiores esquerdas	. Bracelete e tornozeleira de conchas e colar de ossos . 1 peça cerâmica sobre o crânio
158	AE 41/45	41 a 43	M	40-49	Lateral Direito	. 1 tembetá de amazonita	-
160	AE 21/25	46 a 48	F	40-49	Lateral Direito	. 1 tembetá de quartzo verde	. 1 colar de conchas . 1 recipiente
161	FL 41/45	49 a 51	F	Adulta	Lateral Direito	. 1 tembetá de quartzo verde	-

O primeiro agrupamento é formado por três dos cinco sepultamentos que Vergne (2004) conceituou como “cemitério D”. Com exceção do sep. 160, todos se concentravam à direita da trincheira transversal ao rio São Francisco, entre os níveis 41 e 53 do setor I do sítio (Fig. 41). A datação relativa de pelo menos 8.980 anos A.P. atribuída a esses sepultamentos é proveniente da fogueira 25, que se encontrava na quadra AE 26/30 na camada 40.

Figura 41 - Relação espacial dos sepultamentos com tembetás, cerâmicas e adornos do setor I do sítio Justino.



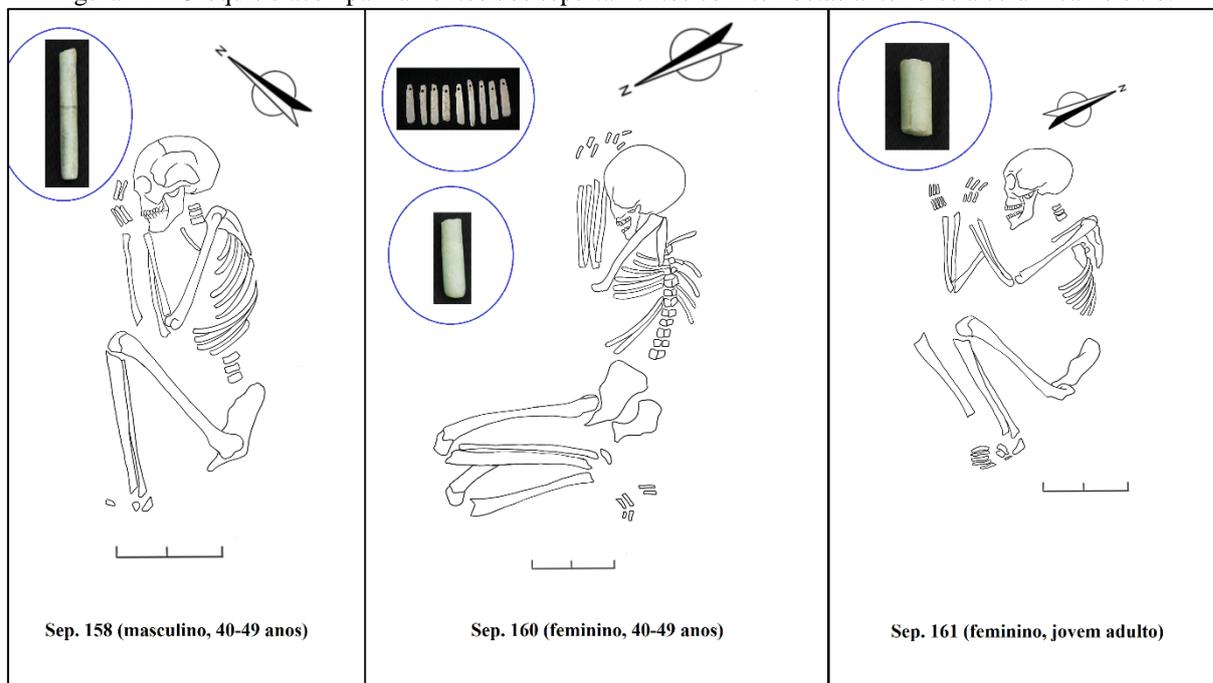
Adaptado pela autora de Barreto, 2020.

Os três sepultamentos com tembetás foram enterrados na mesma posição: decúbito lateral direito com os membros fletidos e mãos à frente do rosto (Fig. 42). No sep. 160, estimado como feminino com idade entre 40 e 49 anos, é notável que os membros superiores estão muito próximos do crânio e os membros inferiores estão hiper fletidos, sugerindo que foram amarrados para mantê-los nessa posição. Esse tipo de tratamento, usando algum material orgânico que não se preservou, já foi observado em outros contextos funerários do Nordeste, como no sítio Furna do Estrago/PE (CISNEIRO, 2003). O sep. 158, masculino, da mesma faixa etária, também se encontra bastante fletido, indicando que pode ter sido envolto com algum tipo de invólucro, como esteira, cestaria ou rede, antes de ser enterrado.

Se removermos do enxoval funerário os líticos associados a esses sepultamentos por Vergne (2004), os acompanhamentos encontrados com esses enterramentos são basicamente os tembetás de quartzo verde ou amazonita (tembetás 6, 7 e 8), mais presentes em sepultamentos estimados como femininos nesse intervalo estratigráfico. O sep. 160 apresenta

ainda contas de conchas polidas e um recipiente (sem imagens ou informações sobre o material do qual é feito).

Figura 42 - Croquis e acompanhamentos dos sepultamentos com tembetás anteriores à cerâmica no sítio.



Restauração digital dos croquis originais apresentados em Vergne (2004) por Karine Velloso. Adaptação pela autora.

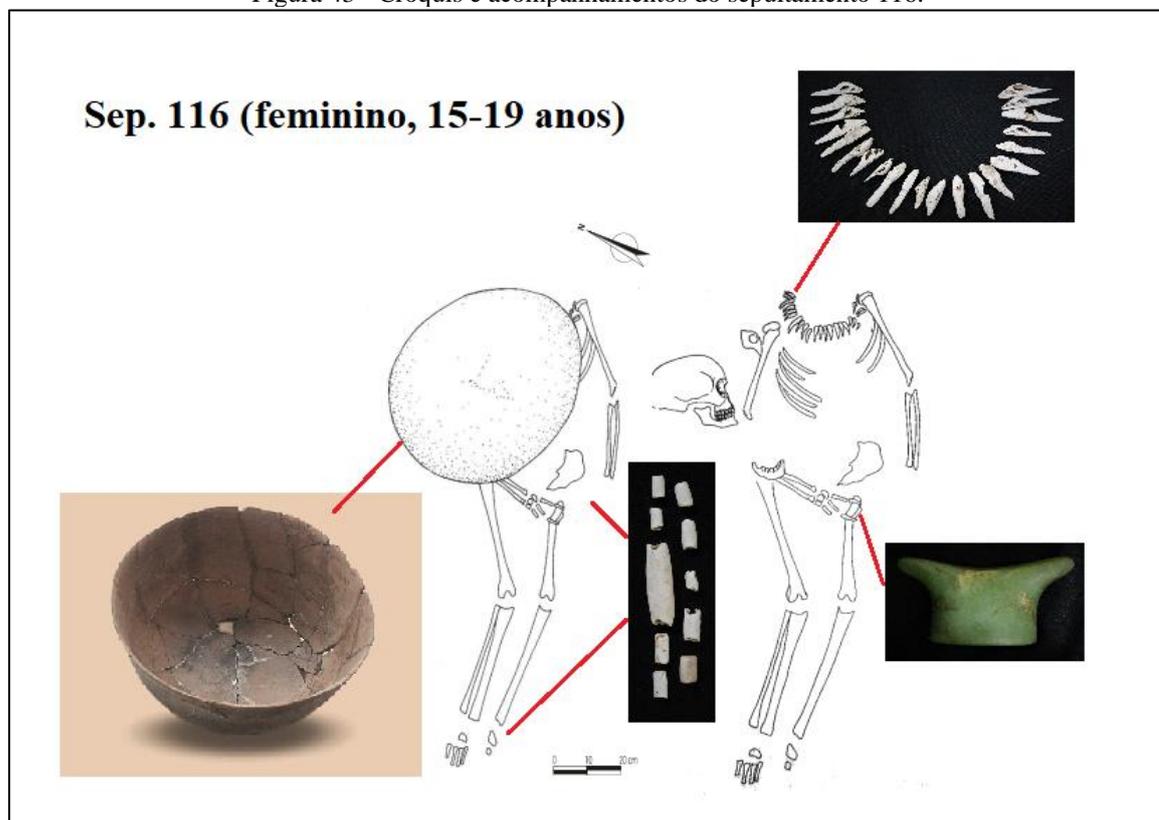
Entre os níveis 42 e 29 não foram encontrados sepultamentos no sítio Justino. Os enterramentos reaparecem entre os níveis 28 e 23, seguidos pelo incremento da cerâmica no sítio a partir do nível 21, em forma de fragmentos e de painéis no enxoval funerário (VERGNE, 2004). Ao todo são vinte e quatro sepultamentos acompanhados de vasilhames cerâmicos no Justino, quatorze estão no setor I (quatro com tembetás) e dez no setor II (sete com tembetás). Cabe mencionar ainda que as pedras verdes reaparecem no sítio no nível 18 com um “adorno de amazonita” sem associação com enxoval funerário (Fig. 41).

Existem três datações do Justino provenientes do nível 20, todas anteriores a 4 mil anos A.P. (Tab. 1). Porém, só temos conhecimento da localização exata da datação de 4790 anos A.P., procedente dos carvões da fogueira 16 na unidade FL 41/45, assegurando que o sep. 161 é anterior a este período, e que os 116 e 109 são posteriores, já que estão na mesma unidade.

O sep. 116 foi identificado entre os níveis 11 e 13 da unidade FL 41/45, é estimado como feminino com idade entre 15 e 19 anos, sendo um dos enterramentos mais adornados do sítio. Além de estar com o tembetá 5 – o maior do sítio –, foi ornamentada ainda com um

colar de conchas, uma pulseira e uma tornozeleira de ossos faunísticos (Fig. 43). Outra característica que a faz se destacar no sítio é que seu crânio foi desarticulado do corpo e depositado ao seu lado direito, sob um vasilhame cerâmico (CARVALHO, 2006). Oliveira e Klokler (2018) dão bastante ênfase a este sepultamento ao desenvolverem uma análise de gênero dentro do Justino, já que essa jovem recebeu um rico enxoval funerário, com elementos geralmente atribuídos ao universo masculino, como o próprio tembetá. Uma hipótese dos autores para essa importância social que ela e outras mulheres com acompanhamentos singulares teriam, é a possível valorização de pessoas com patologias pelas populações do Justino, já que esse indivíduo possuía transtornos de formação nos úmeros e sacralização da 5ª vértebra lombar.

Figura 43 - Croquis e acompanhamentos do sepultamento 116.

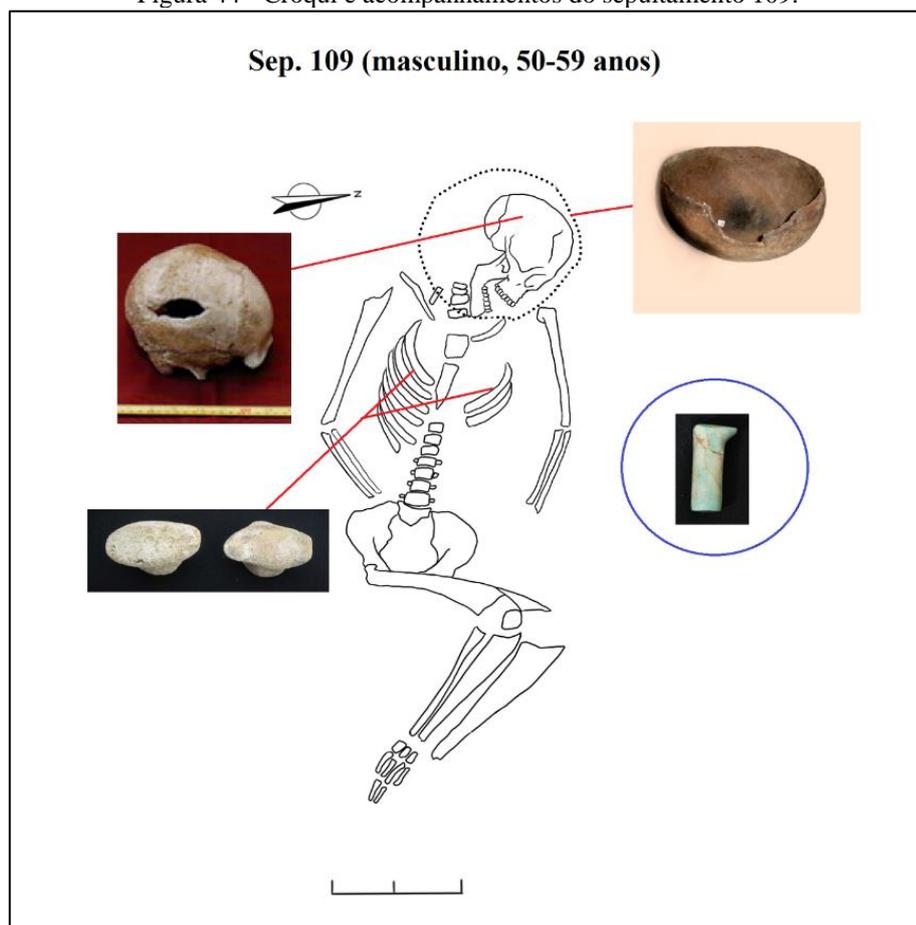


Restauração digital dos croquis originais apresentados em Vergne (2004) por Karine Velloso. Adaptação pela autora.

O sep. 116 estava ao lado do sep. 118, na mesma unidade e níveis, o qual também possui cerâmicas no enxoval, colar de ossos e uma flauta. Imediatamente acima dos enterramentos 116 e 118 estava o sep. 109 (níveis 6-10), que foi colocado entre eles, indicando um conhecimento prévio de que estavam naquele local. O sep. 109 é o único do sítio que possui mais de um tembetá: são dois de quartzo arenito, um sobre cada lado do

tórax, e um de amazonita, sem localização na sepultura indicada (Fig. 44). O indivíduo estimado como masculino, entre 50-59 anos, estava acompanhado também de um vasilhame cerâmico sobre o crânio. A causa da sua morte foi uma fratura no parietal direito, ocasionada por alguma ação violenta.

Figura 44 - Croqui e acompanhamentos do sepultamento 109.



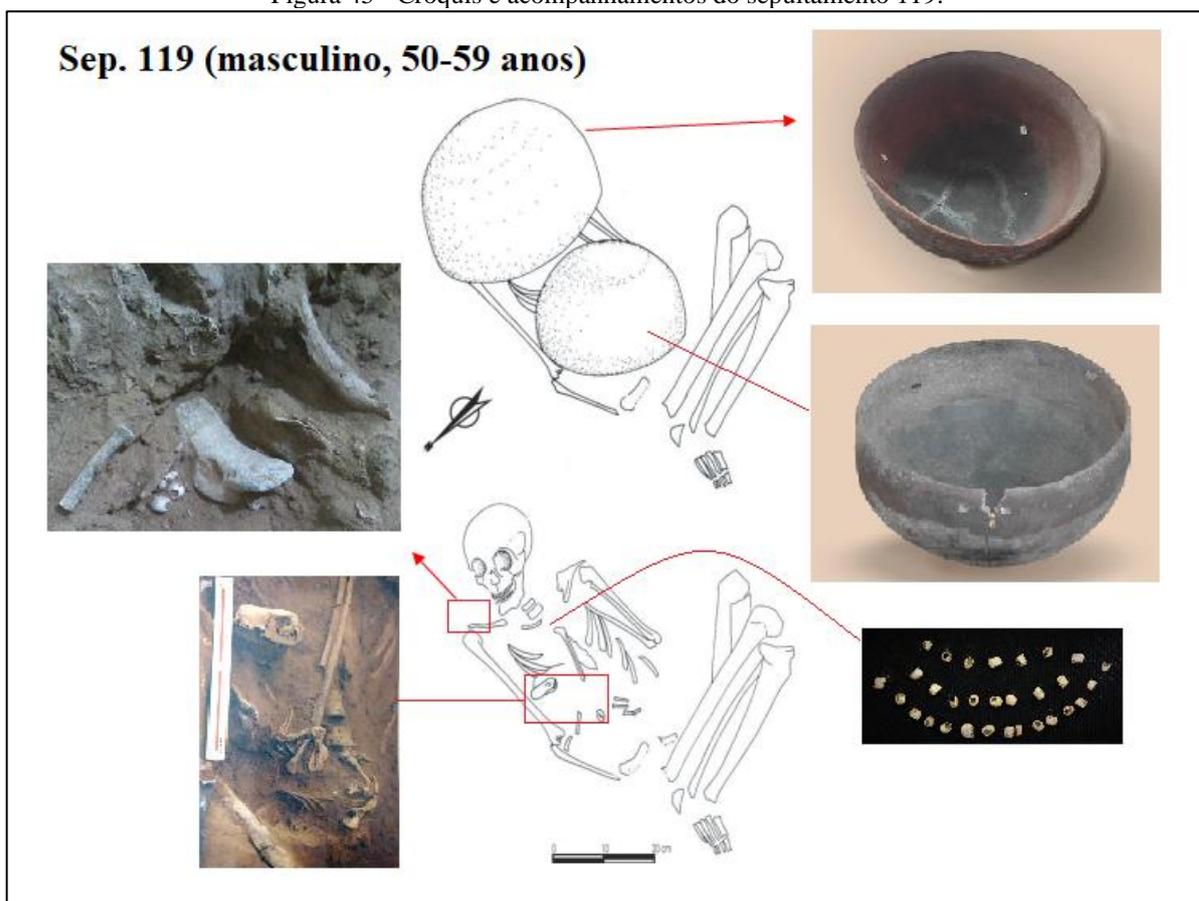
Restauração digital dos croquis originais apresentados em Vergne (2004) por Karine Velloso. Adaptação pela autora.

A partir do nível 10 até o fim do setor, há um aumento significativo da quantidade de sepultamentos no sítio, majoritariamente concentrados no lado direito da trincheira transversal ao rio, oposto ao lado com os tembetás apresentados até agora. Naquela área não há uma aparente concentração de enterramentos com cerâmicas e adornos, encontravam-se bastante espalhados pelo sítio (Fig. 41). Apesar do sep. 119 estar isolado dos demais sepultamentos com tembetá, na unidade ST 23/27, entre os níveis 9 e 13, ele foi identificado muito próximo de outros três enterramentos ornamentados com contas feitas de ossos faunísticos e conchas.

O sep. 119 é um indivíduo estimado como masculino de 50 a 59 anos, enterrado em posição dorsal com os membros inferiores hiper fletidos, sugerindo que foram amarrados para

ficarem nessa posição. Estava adornado com um colar de miçangas pequenas, provavelmente feitas de conchas, que tinha pelo menos três voltas conforme a disposição das contas preservada no sedimento. Provavelmente foi enterrado utilizando o tembetá em quartzo arenito que o acompanhava, pois ele foi encontrado no sedimento abaixo da mandíbula²¹. Estava acompanhado ainda de duas cerâmicas, uma sobre o crânio e outra sobre o ventre, essa com duas perfurações para alças e sobre um esqueleto articulado quase completo de um furão pequeno *Galictis cuja* (*Carnivora, Mustelidae*) (Fig. 45).

Figura 45 - Croquis e acompanhamentos do sepultamento 119.



Restauração digital dos croquis originais apresentados em Vergne (2004) por Karine Velloso. Adaptação pela autora.

Apesar de não ter sido analisado, cabe mencionar o sepultamento 34, que tem um tembetá de amazonita citado por Vergne (2004) e também foi plotado no croqui da escavação ao lado da cerâmica sobre o crânio. Trata-se de um indivíduo estimado como masculino, com idade entre 40 a 49 anos, localizado na quadra AE 31/35 nos níveis 4 a 6, acompanhado também de dois vasilhames cerâmicos - um sobre o crânio e um sobre o ventre - , ossos de

²¹ Informação obtida por participação na escavação em 2018.

aves de rapina e um colar de miçangas brancas, similares as dos sep. 119, mas que não parecem de conchas²². Assemelham-se às contas dos sep. 140 e 138 analisadas por Silva (2017) por Espectroscopia de Energia Dispersiva de Raio-X, identificando serem compostas de silício (~98.5%) e uma pequena quantidade de fósforo (~1.5%). A autora sugere que podem ser de feitas de vidro com técnica *wound*, produzidas após o século XVII em Veneza. Corroborar para essa hipótese o fato de que o sep. 34 se encontra acima do sep. 55, que está localizado na mesma unidade, entre os níveis 9 e 11, e possui diferentes contas de vidro no seu enxoval (SILVA, 2017).

4.1.2 Justino - Setor II

Para apresentarmos os sepultamentos com tembetás do setor II, precisaremos discorrer brevemente sobre esta área de escavação como um todo. Primeiro, porque oito dos quatorze enterramentos do setor têm tembetás (Tab. 7). Segundo, por ele não ter sido muito explorado em pesquisas anteriores, sendo necessário ainda entender quais eram esses sepultamentos e como se distribuíam por essa área.

Tabela 7 - Características gerais dos sepultamentos estudados do setor II.

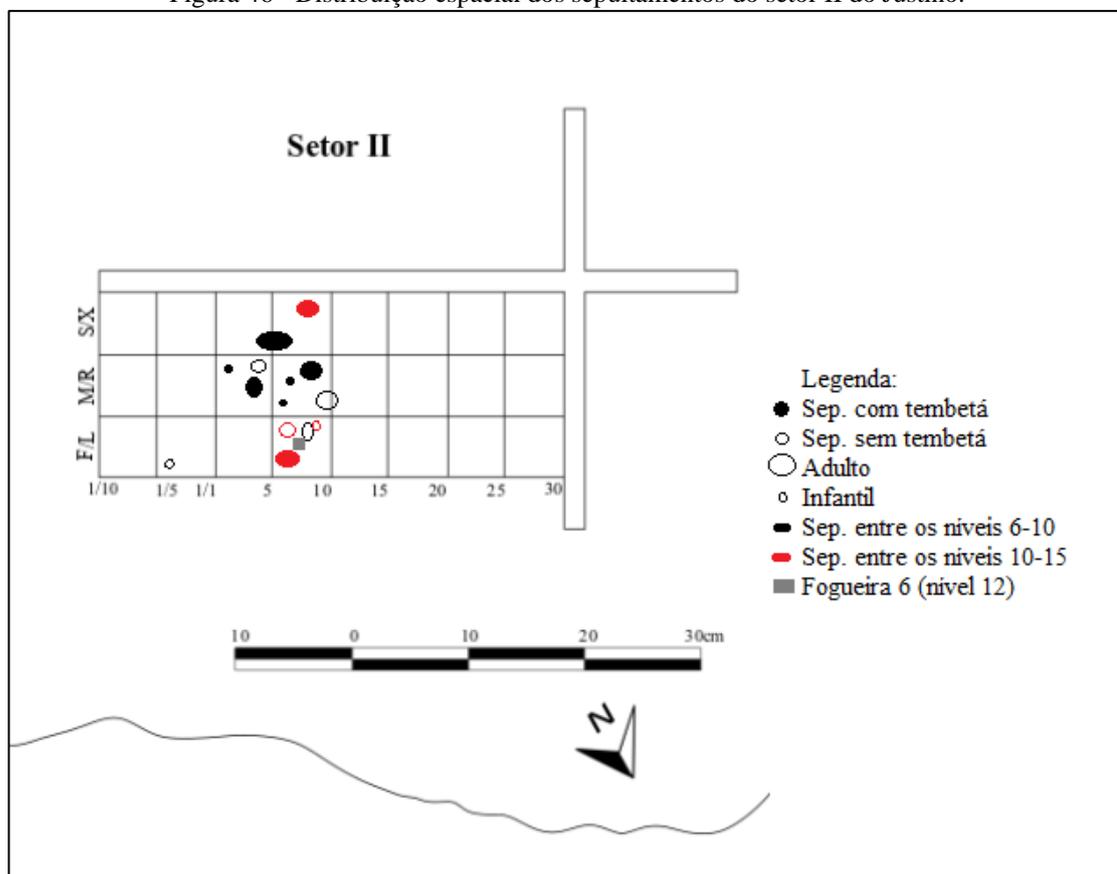
Sepultamentos com tembetás - setor II							
Nº Sep	Unid	Nível	Sexo	Idade	Posição	Acompanhamentos	
						Tembetás	Outros
138	MR 6/10	6 a 8	I	1 a 2	Sentado	. Tembetá de amazonita próximo à região torácica	. 1 cerâmica . Contas de vidro e conchas . Instrumento de sopro de osso . 1 alisador esférico
140	MR 6/10	7 a 9	I	3 a 6	Sentado	. Tembetá em amazonita próximo à articulação fêmur-tíbia	. 1 cerâmica alisada . Contas de vidro e conchas
164	MR 1/5	7 a 10	I	6 a 9	Sentado	. Tembetá de quartzo arenito próximo ao crânio	. 1 cerâmica alisada
132	SX 5/10	7 e 10	M	30-39	Dorsal	. Tembetá de quartzo arenito abaixo da mandíbula e acima da clavícula direita	. 2 cerâmicas alisadas
142	MR 6/10	8 e 10	F	15-19	Dorsal	. Tembetá de quartzo verde	. 1 cerâmica globular . Instrumento de sopro de osso
139	MR 1/5	8 a 10	M	18-29	Lateral Direito	. Tembetá em quartzo-arenito abaixo da mandíbula e acima da clavícula direita	-

²² Informação obtida por participação na escavação em 2018.

131	SX 7/11	8 a 13	M	adulto	Dorsal	. Tembetá de quartzo verde	. 1 cerâmica corrugada . 1 cachimbo piriforme
156	FL 6/10	13 a 14	M	40-49	Dorsal	. Tembetá em quartzo arenito abaixo da mandíbula e acima da clavícula direita	. 1 peça cerâmica alisada . 1 colar de ossos

Apesar de terem sido demarcadas vinte e quatro unidades e duas trincheira nesse setor, os sepultamentos encontrados estavam concentrados em apenas seis quadras: MR 1/5, MR 6/10, MR 11/15, FL 1/1-1/5, FL 6/10, SX 6/10 (Fig. 46). Os detalhes dos croquis dos níveis de escavação das unidades com sepultamentos do setor II estão digitalizados no apêndice VI.

Figura 46 - Distribuição espacial dos sepultamentos do setor II do Justino.



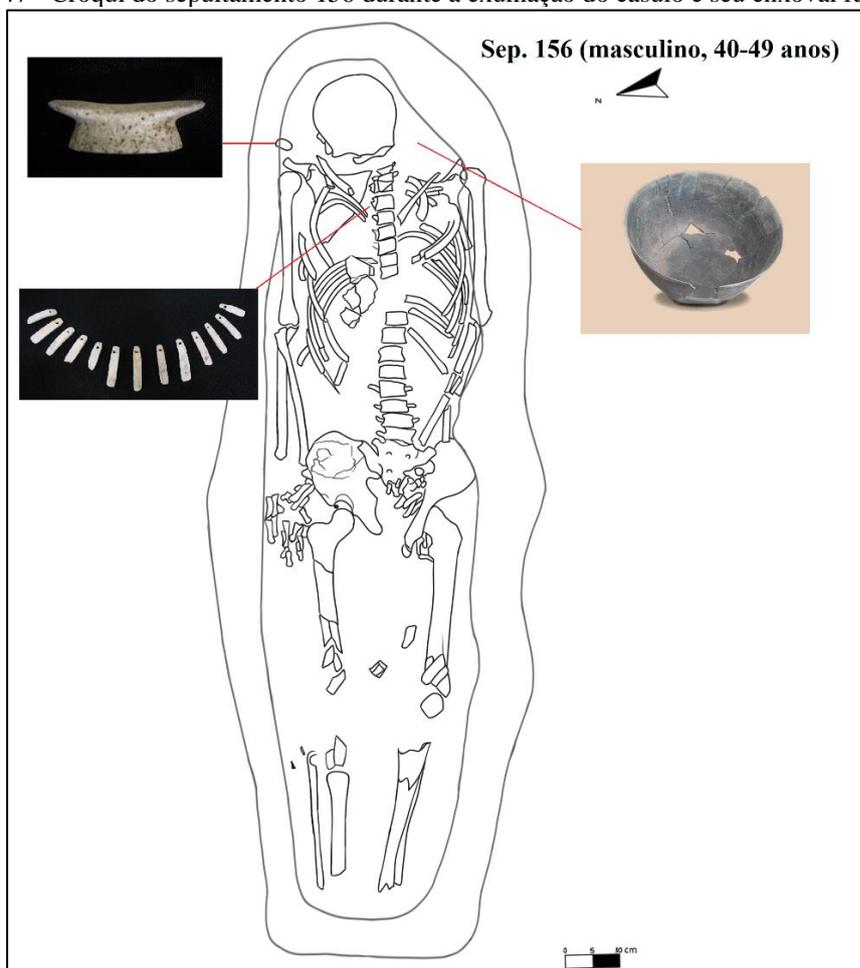
Adaptado pela autora de Barreto, 2020.

Considerando que todos os sepultamentos do setor estão próximos, ao observar os níveis iniciais e finais de cada estrutura funerária é possível distinguir ao menos dois intervalos de enterramentos: I (níveis 6-10) com dez sepultamentos, sendo seis acompanhados de tembetás, com datação relativa mínima do século XVII, em decorrência das contas de

vidro identificadas nos sep. 138, 137 e 140 (SILVA, 2017); II (níveis 10-15) com quatro enterramentos anteriores aos demais, dos quais dois possuem tembetás.

O uso desse setor como cemitério se inicia com os sepultamentos 147, 156 e 152, todos na unidade FL 6/10 dispostos ao redor da fogueira 6 encontrada no nível 12, a qual não sabemos se possui datações. O primeiro sepultamento é uma criança com idade estimada entre 8-12 anos, acompanhada de adornos, ossos de aves e uma cerâmica. Este enterramento ainda está em casulo, não sendo possível saber se possui ou não um tembetá. O 152 estava acompanhado de um cachimbo e foi exumado durante esta pesquisa, ocasião na qual identificamos uma fratura no parietal direito ocasionada por ação violenta assim como no crânio do sep. 109 do setor I, mas não possuía tembetá.

Figura 47 - Croqui do sepultamento 156 durante a exumação do casulo e seu enxoval funerário.



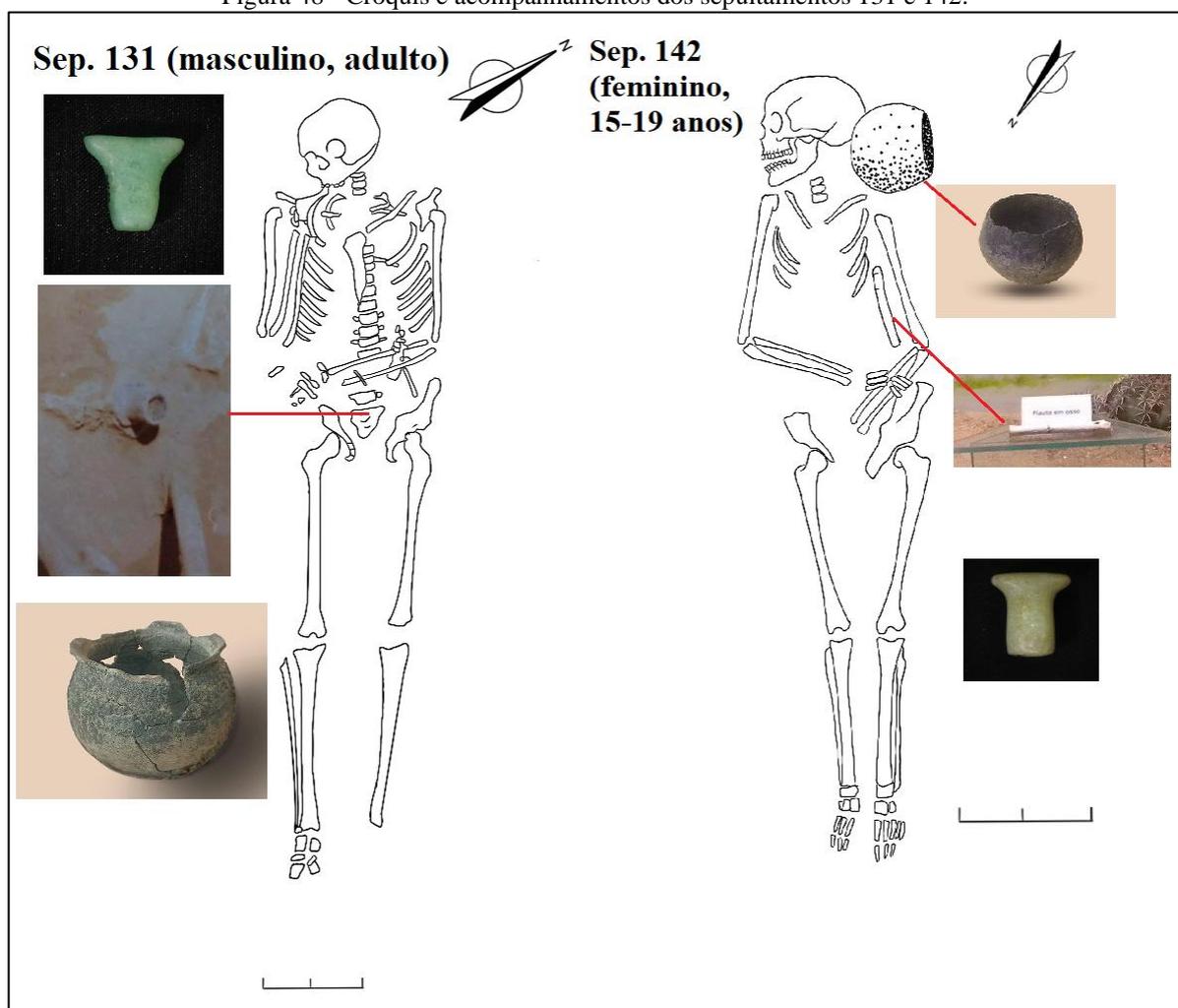
Croqui de escavação feito por Beatriz Velloso, 2019. Adaptação pela autora.

O sep. 156 também foi exumado nesta pesquisa resultando na descoberta de outro tembetá de quartzo arenito próximo à escápula direita sob onde estava a mandíbula, indicando que o indivíduo foi enterrado com o tembetá no lábio. Esse enterramento foi estimado como

masculino, com idade entre 40-49 anos, estava em decúbito dorsal, com uma cerâmica sobre o crânio e adornado com um colar de ossos polidos (Fig. 47).

O sep. 131, que foi encontrado na unidade SX 6/10, trata-se de um indivíduo masculino adulto sem idade estimada, foi enterrado em posição dorsal acompanhado de um tembetá de quartzo verde, um vasilhame cerâmico globular com tratamento de superfície corrugado e um cachimbo provavelmente piriforme (Fig. 48). Toda a estrutura funerária associada a esse sepultamento foi identificada entre os níveis 8 e 13, indicando se tratar de um sepultamento intermediário entre os dois intervalos observados.

Figura 48 - Croquis e acompanhamentos dos sepultamentos 131 e 142.



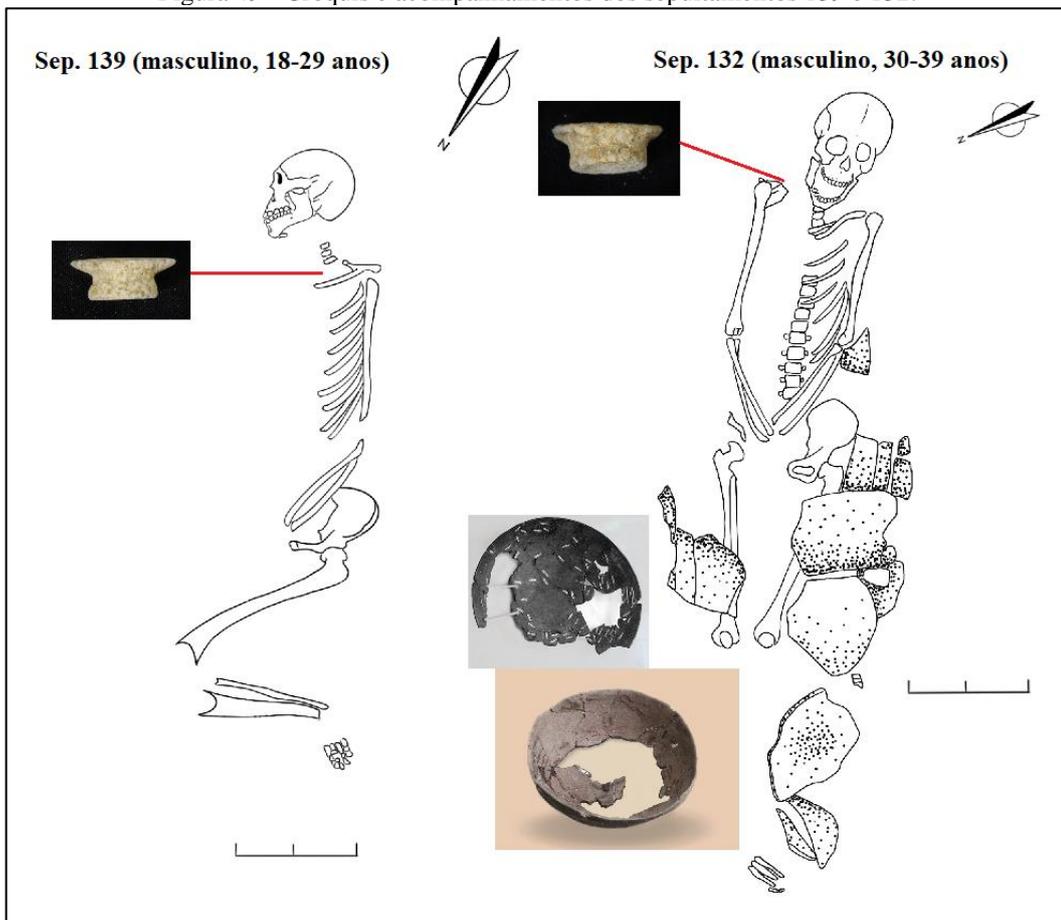
Restauração digital dos croquis originais apresentados em Vergne (2004) por Karine Velloso. Adaptação pela autora.

Outro sepultamento no setor II que também possuía um tembetá de quartzo verde é o 142. Trata-se de um indivíduo estimado como feminino entre 15 e 19 anos, única mulher com

tembetá nesse setor. Também estava em decúbito dorsal, acompanhada de um pote cerâmico globular alisado ao lado esquerdo do seu crânio e um instrumento de sopro feito de osso.

O sep. 142 foi localizado na unidade MR 6/10 entre os níveis 8 e 10 na mesma unidade e níveis próximos que os três sepultamentos enterrados com contas de vidro no enxoval (137, 138 e 140) (SILVA, 2017). Apesar de não estarem na mesma unidade, os outros quatro sepultamentos de indivíduos adultos encontrados entre os níveis 7 e 10 (150, 132, 141, 139) estão muito próximos e dispostos de forma quase oval (ver Apêndice VI).

Figura 49 - Croquis e acompanhamentos dos sepultamentos 139 e 132.



Restauração digital dos croquis originais apresentados em Vergne (2004) por Karine Velloso. Adaptação pela autora.

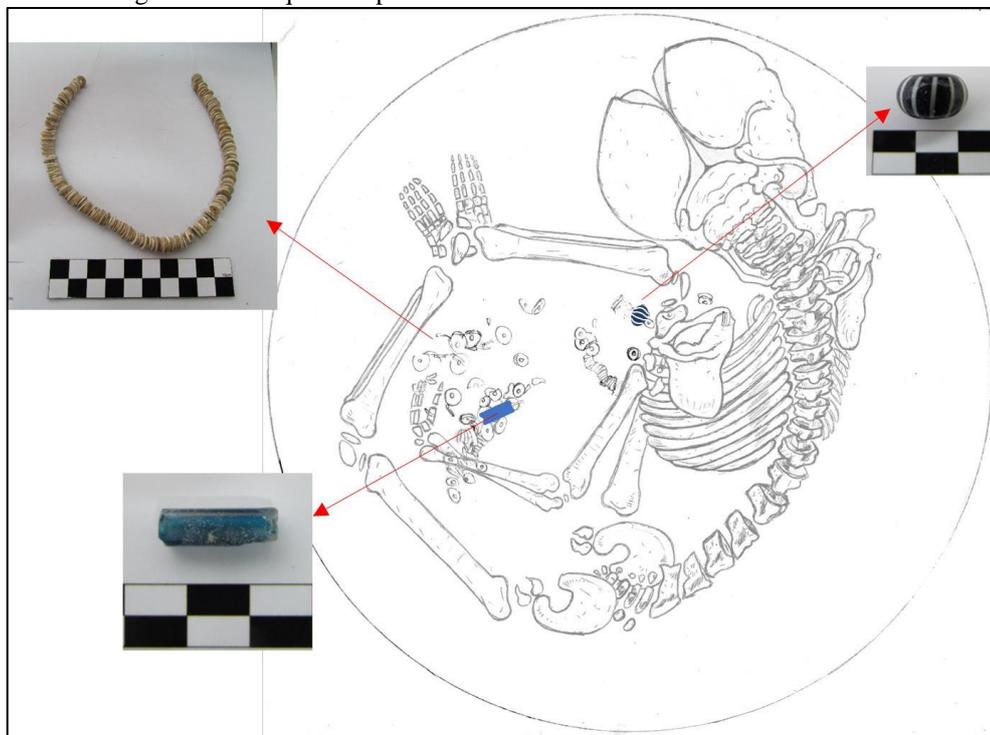
Os sep. 132 e o 139, ambos de indivíduos estimados como masculinos, têm tembetás similares, feitos de quartzo arenito em forma de “T” achatado, encontrados sob a mandíbula e próximos das escápulas direitas igualmente os outros nesse formato e matéria-prima (Fig. 49). O 139 tem idade estimada entre 18 e 29 anos, foi enterrado em decúbito lateral direito, acompanhado somente do seu tembetá. O 132 foi estimado com idade entre 30 e 39 anos, estava enterrado em decúbito dorsal com duas panelas cerâmicas, uma sobre o ventre e outra

sobre as pernas. Uma de suas panelas é a única do sítio que aparentemente foi intensamente utilizada para preparo de alimentos antes de ser transformada em enxoval funerário.

Os demais enterramentos do setor II são todos de crianças, inumadas recobertas por vasilhames cerâmicos ou dentro das panelas com uso secundário como urnas funerárias. O sep. 165, de um bebê com menos de um ano, é o único sem tembetá e que se encontra mais afastado dos demais.

Esses sepultamentos infantis foram inicialmente considerados como secundários, contudo, durante a exumação dos sep. 138 e 140, Silva (2013) observou que essas crianças foram enterradas sentadas e que o tronco tombou sobre a parte inferior do corpo após a decomposição dos tecidos moles (Fig. 50). Dado que sugere também uma cova parcialmente vazia, sem sedimentos que mantivessem o esqueleto articulado (SILVA, 2013). Essa mesma leitura pode ser feita em relação ao sep. 164, uma criança com idade entre 6 e 9 anos, sendo possível notar suas pernas articuladas e cruzadas dentro da panela cerâmica (Fig. 51). Estava acompanhada de um tembetá cônico de quartzo arenito próximo ao crânio. Esse sepultamento foi encontrado na unidade MR 1/5, entre os níveis 7 e 10, ao lado do sep. 139.

Figura 50 - Croqui do sepultamento 138 com contas de vidro associadas.



Fonte: SILVA, 2017, p. 140.

Figura 51 - Sepultamento 164 com tembetá de arenito dentro de vasilha cerâmica.



Fonte: CARVALHO, 2006, p. 499.

Nos outros dois sepultamentos infantis (138 e 140), as crianças foram parcialmente enterradas primeiro e a cerâmica adicionada depois à estrutura funerária. Além da posição, de terem sido identificadas na mesma unidade MR 6/10, esses sepultamentos também têm em comum os tembetás de amazonita em formato de “T” alongado, contas de colar de poliquetas e de vidros feitas com técnicas desenvolvidas a partir do século XVII em Veneza (SILVA, 2017). O sep. 140 era uma criança com idade estimada entre 3 e 6 anos e o sep. 138, que teria entre 12 e 24 meses de idade, foi enterrado ainda com um instrumento de sopro feito de osso e um alisador.

4.2 Uso e reuso dos tembetás: discussão dos resultados

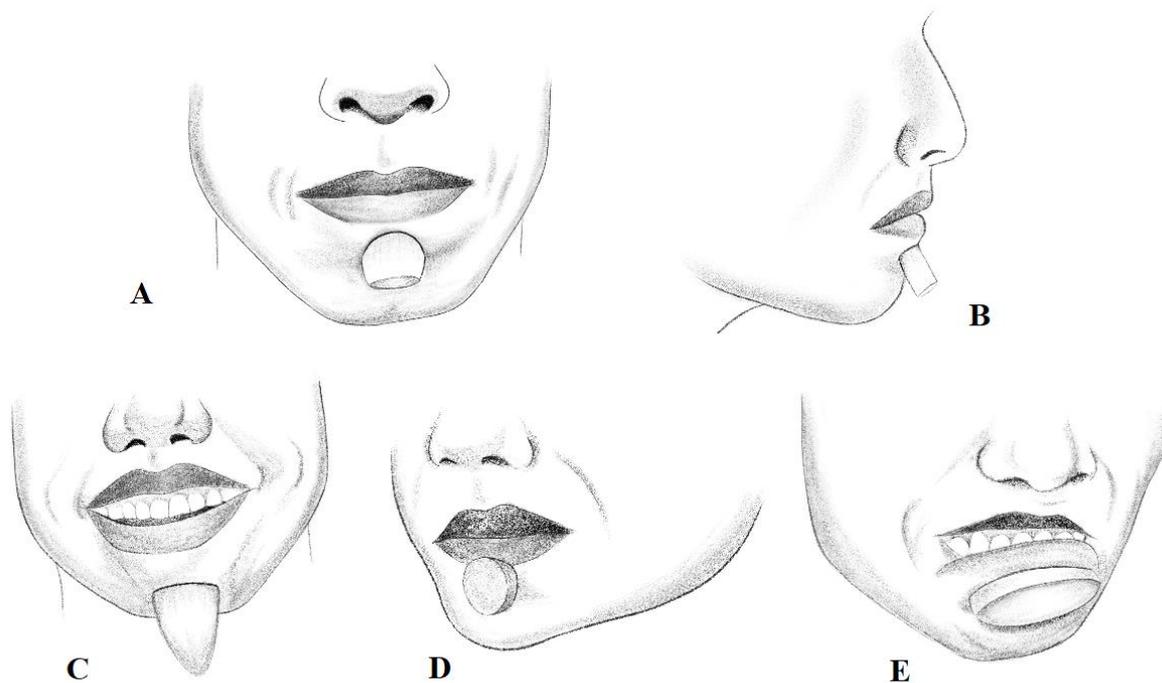
Discorreremos ao longo da dissertação sobre a importância social dos tembetás em termos de identidade, hierarquia e simbolismo. Mas, ao serem escolhidos para compor as estruturas funerárias do Justino, certamente receberam atribuições além das conferidas ao uso labial em vida. Apresentaremos a seguir, algumas interpretações sobre esses distintos usos entre as pessoas que ocuparam e foram enterradas no Justino.

Primeiramente, a presença de tembetás no sítio informa aspectos cosmológicos e sociais regionais envolvendo a elaboração de rituais de perfuração, possivelmente ligados a iniciação e construção de pessoa dentro daquela sociedade (SEEGER *et al.*, 1979). Sugerem

ainda uma valorização da fala e/ou do canto entre esses povos (SEEGER, 1980), fato interessante se considerarmos a presença de instrumentos musicais no Justino e até mesmo em enterramentos com tembetás. Os dados históricos corroboram com a relevância do canto em todos os rituais das populações do baixo São Francisco, sendo até elemento de cura quando entoado pelo pajé (NANTES, 1979), indivíduo que provavelmente carregaria um tembetá nos lábios.

Pensando na estética do uso labial dos tembetás do Justino, os distintos formatos identificados refletem em cinco aparências possíveis quando colocados nos lábios (Fig. 52). Apesar de não termos dados suficientes para afirmar que todas as pessoas que foram enterradas com os tembetás também os utilizou em vida, ao considerar os possíveis desgastes por uso observados em algumas peças e o tempo dedicado para fazer cada adorno, não há motivos para pensarmos que a maioria deles não tenha sido utilizada antes de ser transformado em enxoval funerário, mesmo que por outras pessoas.

Figura 52 - Diferentes aparências que teriam os tembetás do Justino em uso labial.



Descrição: a, b) aparência dos tembetás em formato de “T” alongado, com haste menor (nº 13 e 15) ou maior (nº 1, 9 e 10); c) tembetá cônico como o nº 11 (sep. 164); f) visual dos tembetás em “T” achatado pequenos (nº 4, 12, 14 e 16); e) tembetá em formato de “T” achatado grande, como o nº 5 (sep. 116). Ilustrações de Beatriz Velloso e Karine Velloso.

Conforme já exposto, não foi possível identificar a existência de desgastes dento-mandibulares nos indivíduos inumados com tembetás, nem através dos dados de Carvalho (2006), nem pela revisão do material devido o estado de conservação ou falta de acesso ao

mesmo. Além disso, não existem informações sobre a localização na estrutura funerária de seis dos dezesseis tembetás analisados.

Dessa forma, só temos evidência de quatro sepultamentos que teriam sido inumados com tembetás nos lábios, pois os adornos foram encontrados no sedimento abaixo das mandíbulas dos indivíduos exumados recentemente pela equipe do MAX, pelo PROBASÃO e durante esta pesquisa. Tratam-se todos de indivíduos estimados como masculinos, com tembetás de quartzo arenito em formato de “T” achatado, sendo possível notar que os tembetás aumentam de tamanho conforme a idade da pessoa com a qual estava associado, bem como aumenta a quantidade de objetos no seu enxoval funerário (Tab. 8).

Isso corrobora com os dados etno-históricos de aumento gradual dos adornos labiais conforme maior idade e importância social que um indivíduo adquiria (SEEGER, 1980; STADEN, 1930; TURNER, 2012; entre outros). Todavia, esse tipo de alargamento gradual dos furos geralmente é feito com adornos de materiais orgânicos, sendo os de pedra reservados ao “ornamento final”. Talvez essa fosse a vantagem do quartzo arenito sobre as pedras verdes, por se desbastarem mais rápido, permitiriam que um tembetá mineral fosse substituído por outro maior sem levar meses em sua fabricação. Outra observação é que inverso ao notado entre os enterramentos com adornos de quartzo arenito, no caso dos sepultamentos com tembetás de pedras verdes (no intervalo ligado à invasão europeia), quanto mais novo o indivíduo, mais enxoval lhes foi atribuído.

Tabela 8 - Comparação entre os indivíduos com tembetás achatados de quartzo arenito.

Idade	Sexo	Sep.	Nº do tembetá	Peso (g)	Alt. (mm)	Prox. (larg.)	Larg. distal	Outros acompanhamentos
19-29	M	139	14	5	10	25	17	-
30-39	M	132	12	8	11	27	18	. 2 panelas cerâmicas
40-49	M	156	16	9	11	33	24	. 1 panela cerâmica . 1 colar de ossos
50-59	M	119	4	15	16	43	24	. 2 panelas cerâmicas . 1 colar de conchas . Ossos faunísticos de furão e roedores

Por mais que não seja possível ter certeza que as mulheres do Justino tenham se adornado com os tembetás, isso não tira a relevância de terem sido enterradas com eles, assim como os sepultamentos infantis. Esses casos são raros no contexto arqueológico e merecem atenção, pois mesmo que só houvessem ganhado os tembetás como presente funerário, pode significar que eles fariam parte da nova identidade assumida por essas pessoas no “mundo dos encantados” (BARRETO, 2008; NASCIMENTO, 1994).

Os poucos enfeites labiais registrados com mulheres nas literaturas históricas e etnológica são de material vegetal (GARVE *et al.*, 2012; REIS, 2016). Contudo, as principais documentações sobre os tembetás são relativas a povos Tupi, um universo em que, a princípio, o contexto do Justino não se insere. As referências sobre tembetás Kariri ou Tapuias do Nordeste não especificam um uso exclusivo entre os sexos, exceto pelo relato de Herckman (1639), que apresenta uma visão muito similar à de outros europeus sobre os Tupi.

Como apontam Oliveira e Klokler (2018) em relação ao Justino, não somente os tembetás, mas outros elementos tipicamente associados ao construto masculino, como os cachimbos, estão presentes em enterramentos estimados como femininos também. As evidências apresentadas pelos autores, junto com as pesquisas recentes sobre o protagonismo feminino na preservação de tradições ceramistas (SCHUSTER *et al.*, 2020) e os dados históricos apresentados no segundo capítulo (NANTES, 1979; NANTES, 1698), sugerem uma importância da figura feminina entre os povos originários do baixo São Francisco. Nesse tipo de organização social mais igualitária seria verossímil que mulheres utilizassem o mesmo tipo de adorno que os homens, principalmente nas ocupações mais antigas, sem a interferência do patriarcado colonial europeu.

No caso das crianças enterradas com tembetás no setor II, é improvável que os tivessem utilizado em vida devido a pouca idade, sobretudo o bebê com até dois anos de idade (sep. 138). Ainda que a idade da perfuração labial varie dependendo da tradição de cada povo, é quase um consenso que os tembetás de pedra sejam reservados aos adultos, não só por motivos de hierarquia social, mas também fisiológicos. Entretanto, não significa que esses adornos não pertencessem a elas ou a família, aguardando que viessem a utilizá-los um dia.

Outra evidência de tembetás utilizados como presentes funerários são os dois adornos grandes de quartzo arenito do sep. 109. Ele possuía também um tembetá de amazonita, que provavelmente seria destinado ao seu uso pessoal. Os de quartzo arenito possuem o formato típico de “T”, mas não têm simetria, nem o mesmo acabamento polido regular sobre a superfície, não têm encaixe anatômico na parte proximal e possuem até indícios de picoteamento das etapas de fabricação da peça. Esse conjunto de vestígios sugere que além de não terem sido usados nos lábios, também não tiveram todas as etapas produtivas concluídas, indicando até que podem ter sido fabricados apenas para o ritual funerário, assim como as cerâmicas para o banquete. Isso nos fez questionar o que esses tembetás faziam pelos indivíduos? O que significaria incrementar a um enxoval peças com formatos de tembetá?

Pensando em uma cadeia comportamental (SCHIFFER; SKIBO, 1997), a última etapa da vida de um objeto seria o seu descarte ou reutilização até o descarte. No caso dos tembetás do Justino, o último estágio é a incorporação em uma estrutura funerária na qual, imbuídos de significado, possuem um propósito. Tendo em vista o que foi levantado ao longo da pesquisa, podemos identificar duas histórias de vida distintas até chegarem nesse momento. Primeiro, a dos tembetás produzidos para uso pessoal e que foram ressignificados no ritual funerário; em segundo, a daqueles produzidos para esse fim. Para construirmos algumas hipóteses sobre o papel desses tembetás puramente funerários, precisamos entender primeiro a dinâmica deles no sítio.

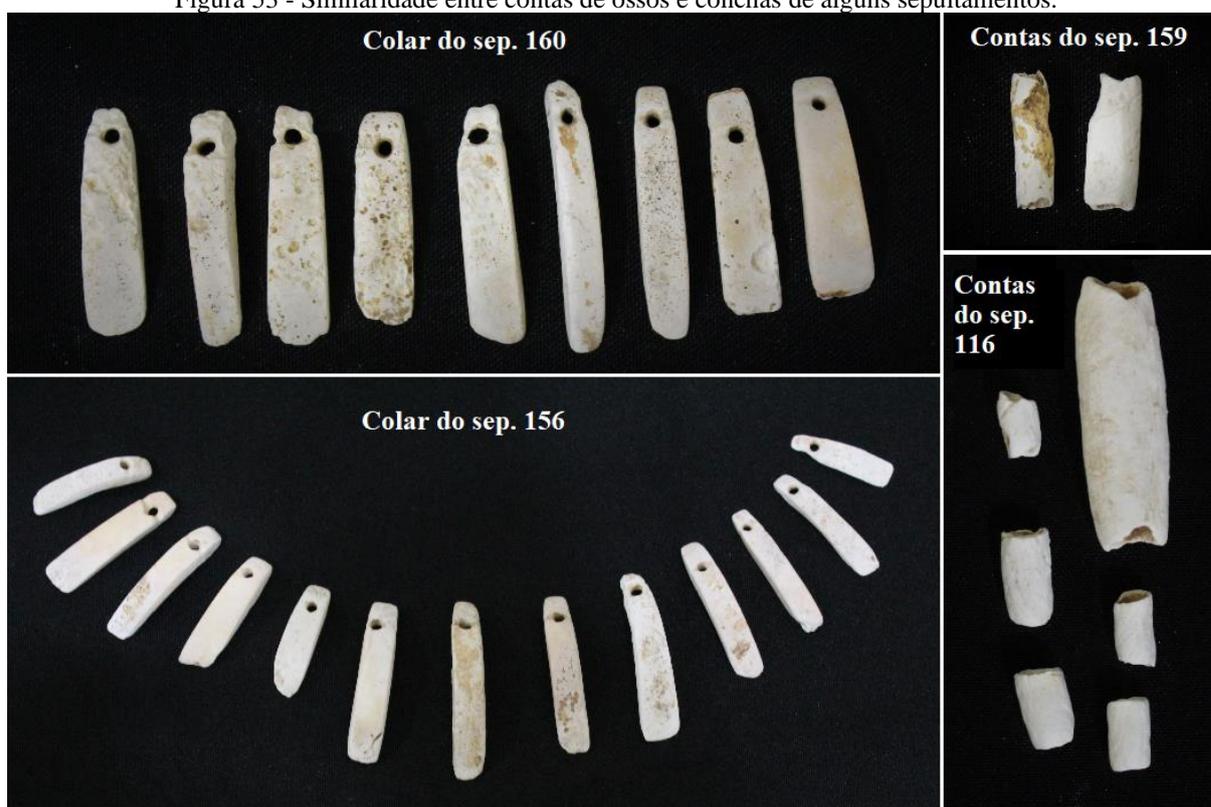
Os tembetás esverdeados aparecem como enxoval funerário desde o início do sítio como cemitério, há pelo menos 4790 anos A.P. (fogueira 16). Esses adornos mais antigos possuem diâmetros menores e são mais compridos que os posteriores feitos também com pedras verdes, mas com acabamentos técnicos muito similares. Sendo assim, os ornamentos do Justino evidenciam a multiculturalidade dos tembetás, já que tanto o adorno labial, quanto as pedras verdes já estavam sendo valorizados pelas populações indígenas do Nordeste antes dos Tupi chegarem nesse território.

Além dos tembetás, esses sepultamentos mais antigos apresentam também contas de conchas e ossos muito semelhantes tecno-morfológicamente com as identificadas junto de enterramentos dos níveis superiores (Fig. 53). Ainda há a convergência na escolha dos locais de enterramento e a possível utilização de material vegetal para amarrar e envolver os corpos em sepultamentos com tembetás do início ao fim do cemitério. A similaridade entre os adornos funerários do sítio não é o suficiente para supor que o mesmo povo que iniciou o uso do Justino como cemitério, continuou enterrando seus mortos ali até o século XVII. Contudo, é o bastante para perceber uma continuidade do fazer artesanal, da importância dos ornamentos na identidade e na cultura das populações que construíram o Justino ao longo dos anos - um lugar persistente (ALMEIDA; KATER, 2017).

Ao analisarmos a distribuição espacial dos sepultamentos com tembetás no sítio, ficou evidente que haviam locais priorizados para os enterramentos com tembetás e que era compartilhado um conhecimento sobre os sepultamentos ancestrais naqueles espaços. No setor I, há uma preferência nas proximidades da unidade FL 41/45, justamente onde se iniciou o cemitério. No setor II, como um todo, há a presença de tembetás em todas as unidades com sepultamentos. Porém, não aparenta haver uma relação do local de enterramento com o tipo de matéria-prima, coloração ou formato específico de tembetá. Inclusive, é observável

adornos labiais distintos identificados em sepultamentos muito próximos. Em decorrência da escassez de informações sobre as datações feitas no sítio, não é possível relacionar a variabilidade dos tembetás com alguma mudança temporal, somente que todas as crianças com adornos labiais foram enterradas no período pós-contato e no setor II.

Figura 53 - Similaridade entre contas de ossos e conchas de alguns sepultamentos.



Fotos: Beatriz Velloso, 2021. Fotos fora de escala.

Tendo em vista os elementos compartilhados entre essas estruturas funerárias - cerâmicas fabricadas para o ritual funerário, locais específicos para sepultar, escolhas semelhantes de posições de enterramento -, pode ser que a variabilidade formal observada entre os tembetás do Justino não seja reflexo de diferentes povos que usavam adornos labiais, mas de uma diversidade ligada às distintas identidades (clânicas, gêneros, posição social) de um mesmo grupo étnico. Dentre os vários povos originários que usaram o sítio Justino, os Kariri são possivelmente aqueles relacionados aos tembetás, conforme sugerem dados arqueológicos, etnológicos, etnolinguísticos e a história oral da região do submédio São Francisco (ETCHEVARNE *et al.*, 2009; LUNA, 2006; PINTO, 1956; URBAN, 1998).

Apesar dos tembetás estarem presentes do início ao fim do sítio, as evidências sugerem um incremento maior dos tembetás nos enxovais funerários em período mais recente, próximos à invasão europeia. Os três sepultamentos com contas de vidro asseguram o fim do

setor II após o contato e os demais enterramentos com tembetás nas mesmas unidades e níveis que eles têm grandes chances de serem do período colonial também (142, 132, 139, 164).

Já no setor I, os sep. 116 e 109 se encontram acima do sep. 118. Por mais que este não seja um enterramento com tembetá, é importante notar que nos seus ossos há marcas ocasionadas por treponematose, que provavelmente foi a causa da sua morte (CARVALHO, 2006). As treponematoses são doenças infecciosas, como a sífilis, geralmente ligadas ao período de contato, já que uma das teorias mais aceitas é de que essa doença foi traga à América do Sul pelos europeus, após as contraírem dos povos nativos da América Central (FILIPPINI, 2012). Isso nos permitiria interpretar os sep. 116 e 109 como enterramentos de contato também. Corroborar para isso que o tembetá de amazonita do sep. 109 tem detalhes técnicos muito semelhantes aos das duas crianças com contas de vidro do setor II, podendo até terem sido feitos pelo mesmo artesão ou artesã. Contudo, só existe esse sepultamento com treponematose em todo o sítio, dificultando realizar maiores interpretações sobre o assunto. Além do mais, ainda que em baixa quantidade, existem indivíduos com marcas de treponematose em sepultamentos de cemitérios pré-coloniais no sul e sudeste do Brasil (FILIPPINI, 2012).

O uso de tembetás como acompanhamentos funerários em menor quantidade antes do contato com europeu pode significar um reaproveitamento dos adornos pelos familiares quando alguém morria, como ocorria entre os Kayapó (TURNER, 2012). Ou ainda a preferência por usar nos enxovais funerários labretes de madeira, plumagens e outros materiais que não se conservaram no sítio. Inclusive, a ausência de tembetás em sepultamentos com características muito similares aos que tem, como o 118 e 152, pode ser explicada pela não preservação de possíveis adornos labiais feitos de materiais vegetais e orgânicos. Existem diversas evidências da existência de outros elementos vegetais no sítio, como os cordões dos colares e invólucros usados nos corpos, que não foram encontrados durante as escavações arqueológicas.

Caso os tembetás do Justino compartilhassem a mesma cosmologia e simbolismo dos adornos Dzubukuá-Kariri (NANTES, 1709), faria sentido que após o início da invasão europeia e as crescentes mortes “por feitiços”, sua dimensão de sorte e de proteção fosse necessária também para auxiliar a passagem dos mortos. Aliado a isso, houve a constante demonização dos tembetás pelos padres e missionários, sob a ideia de protegê-los do pecado e da mutilação labial (NANTES, 1709). A partir do momento que um objeto de tamanha

importância cosmológica passa a ser condenado em vida, ele teria mais relevância protegendo os mortos, que assumiriam a identidade que lhes estava sendo roubada em vida.

Nesse cenário, crianças e adolescentes passaram a ser enterrados com tembetás, possivelmente de seus parentes enlutados que não os utilizariam mais. Já o sep. 109 com três tembetás, trata-se de um dos homens mais velhos enterrados no Justino, que provavelmente seria muito respeitado socialmente. Além disso, sua morte foi ocasionada devido a um dos únicos atos violentos evidenciados no sítio. Dependendo do universo cosmológico ligado à passagem dos mortos nessa sociedade, o tipo de morte que ele teve poderia ser um fator que necessitaria de mais proteção e ajuda dos aspectos simbólicos do tembetá. E por mais que esses tembetás de quartzo arenitos não estivessem aptos para uso labial, eles podem ser considerados prontos para a finalidade com a qual foram fabricados. A matéria-prima, o formato de tembetá e a produção dentro do ritual funerário seriam propriedades suficientes para lhes conceder uma agência de tembetá e objeto funerário (BARRETO, 2008).

Refletindo também sobre a escolha dessa matéria-prima, visto que o uso de quartzo arenito na fabricação de adornos corporais é atípico no contexto arqueológico, uma hipótese para a justificar a seleção desse material é a pressão externa. A gradual interiorização dos invasores europeus no sertão possivelmente dificultou o acesso às jazidas de matérias-primas verdes, já o quartzo arenito está disponível em Xingó.

Para finalizar esta discussão, ressaltamos a quantidade de reflexões que estudar os tembetás proporcionou ao Justino. Ainda que sejam poucas peças em comparação ao tamanho do acervo do sítio, os tembetás são objetos carregados de informações que nos possibilitou uma aproximação das esferas sociais e cosmológicas dos povos do baixo São Francisco. Por serem artefatos intimamente ligados à corporalidade, nos conectam às pessoas e às suas histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos essa pesquisa, em um sítio já bastante estudado, pareceu o caminho certo enfatizar objetos pouco explorados para obter novas informações sobre o Justino e a área de Xingó. Além de um estudo de arqueologia regional, acreditamos que este trabalho possa servir de suporte às pesquisas posteriores envolvendo tembetás.

Ao explorar o universo simbólico que permeia o uso de adornos labiais entre as sociedades indígenas brasileiras, ficou evidente que o viés colonial e patriarcal apresentado pelos cronistas sobre os tembetás Tupi não seriam suficientes para entender o contexto estudado. Mesmo com poucos dados sobre tembetás fora do mundo Tupi, as bibliografias sobre múltiplos adornos labiais nos permitiram refletir sobre vários aspectos que poderiam estar presentes no contexto do Justino.

Além disso, poucos trabalhos arqueológicos haviam feito análises de tembetás, então não haviam modelos analíticos para seguirmos. Foi necessário criarmos as nossas convenções de análise, pautadas em bibliografias variadas. Também testamos possíveis atributos que não sabíamos se seriam aproveitados na pesquisa, como as marcas de etapas de produção e os desgastes por uso na parte proximal dos tembetás, fornecendo resultados promissores. Sendo assim, acreditamos que os métodos apontados neste trabalho e os nossos resultados possam servir de referência futura, mesmo necessitando de adaptações a cada contexto.

Ao concluir a análise tecnológica dos tembetás, observamos distintas técnicas possivelmente empregadas nas confecções desses adornos relacionadas a cada matéria-prima selecionada, que por sua vez influenciava no formato final da peça. Também ficou perceptível existir um conhecimento técnico especializado na confecção dos tembetás, destoante da indústria lítica utilitária regional com matéria-prima local. O nível de detalhamento, simetria, distância da busca de matéria-prima, conhecimento e técnica empregados indicam um ofício de artesões voltados à elaboração de adornos labiais.

Além das discussões sobre tembetá e sua tecnologia lítica, interpretamos os adornos junto ao contexto do Justino. Apesar do foco da pesquisa ser nos tembetás, não pensamos neles como elementos isolados do sítio. Um dos pontos relevantes dessa dissertação foi explorar o setor II do Justino, pois oito dos dezesseis tembetás estudados foram identificados nesse setor. Essa área aparenta ser uma expansão mais recente do setor I, pois tem poucos enterramento e contas de vidro em alguns deles. Até o presente, as pesquisas sobre o sítio não distinguiam os dois setores, causando alguns conflitos entre os dados.

Ao cruzar os dados obtidos sobre tembetás, com informações biológicas dos esqueletos aos quais eles estavam associados, outros elementos dos enxovais funerários e os contextos espaciais desses sepultamentos, foi possível chegar às seguintes observações:

1. Identificamos escolhas de determinadas áreas nos dois setores do sítio para realizar enterramentos com tembetás;
2. Notamos uma recorrência nas posições de enterramento escolhidas para esses sepultamentos (dorsal/decúbito lateral direito entre os adultos e sentado entre as crianças) e uma frequente associação com as cerâmicas fabricadas para o banquete funerário;
3. Consideramos a similaridade entre adornos e a escolha dos locais de enterramentos entre os sepultamentos mais antigos e os mais recentes do sítio como indicativos da continuidade de tradições, histórias e saberes entre as populações que usaram o Justino;
4. A proximidade ou associação direta dos tembetás com contas de vidro nos levaram a interpretar que oitos dos quatorze sepultamentos estudados podem ter sido inumados no início da invasão europeia.

Sendo assim, este estudo ajudou também a caracterizar melhor o cenário dos sepultamentos do sítio durante o contato com os europeus, que até então era restrito aos quatro sepultamentos com contas de vidro no enxoval. Notamos que nesse período houve um incremento maior dos tembetás nos sepultamentos e sua atribuição como presente funerário a pessoas que não os teriam utilizado em vida, como crianças. Isso sugere a existência de uma dimensão simbólica dos tembetás capaz de auxiliar na passagem do morto ao mundo dos encantados. A existência de três tembetás no sep. 109, dos quais dois aparentemente foram feitos para o ritual funerário, indicam que certos tipos de morte poderiam dificultar a passagem e por isso exigiram maior proteção dos tembetás. Esse aspecto já poderia existir desde o início do cemitério, mas se manifestou mais em sepulturas possivelmente do contato.

É importante salientar ainda que pesquisas mais recentes sobre o baixo São Francisco vêm apontando uma sociedade indígena em que mulheres teriam um papel de destaque na região. A associação de tembetás com sepultamentos femininos que observamos no Justino, caso pouco comum na arqueologia e na etnografia, soma-se a essas interpretações.

Para estudos futuros, indicamos complementar os dados tecnológicos com análises químicas e mineralógicas para confirmar as classificações das matérias-primas identificadas e testar as cadeias operatórias propostas por meio de experimentações. Um outro caminho para

ampliar os dados sobre os tembetás do submédio-baixo São Francisco seria explorar a possível relação de troca dessas pedras e adornos na região e se os contextos funerários em que são encontrados corroboram com as reflexões sobre o Justino ou apresentam novas interpretações.

Por fim, acreditamos que essa pesquisa seja de relevância para diferentes públicos. Para aqueles interessados no Justino, por apresentar interpretações sobre seus enterramentos e por se dispor a trazer o setor II do sítio para discussão. E para os interessados em tembetás e adornos do Nordeste no geral, demonstrando outras possibilidades além da descrição dos ornamentos corporais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBEVILLE, Claude d'. História da Missão dos padres Capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas. Tradução de Sérgio Milliet. Brasília: Edição do Senado Federal, 2008.

AB'SÁBER, Aziz. **O homem dos terraços de Xingó**. São Cristóvão: UFS/CHESF/Petrobrás, 1997. (Cadernos de Arqueologia 6).

ALMEIDA, F. O.; KATER, T. As cachoeiras como bolsões de histórias dos povos indígenas das terras baixas sul-americanas. **Revista Brasileira de História**, v. 37, n. 75, p. 39-67, 2017.

ALMEIDA, W.C.P. **O mōg como instrumento pedagógico na educação escolar indígena: uma experiência Laklãñ/Xokleng**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

AMÂNCIO-MARTINELLI, Suely. G. **L'arte rupestre della città di Canindé di São Francisco – SE: Interrelazione dei simboli - Brasile - Italia**. Relatório de Pós-Doutorado, Università di Pisa, Pisa, Itália, 2013.

AMARAL, A. Márcio. **Contextualização espacial, histórica e tecnológica dos muiraquitãs amazônicos**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2017.

ARAÚJO, A. G. de M. As propriedades físicas dos arenitos silicificados e suas implicações na aptidão ao lascamento. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 2, p. 63-74, 1992.

AZPILCUETA, Padre João de. Carta do Padre João de Azpilcueta escrita de Porto Seguro a 24 de junho de 1555. *In: Cartas Jesuíticas II: Cartas Avulsas 1550-1568*. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Graphica, 1931. p. 146-151.

BALDUS, Herbert. **Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira**. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo; Serviço de Comemorações Culturais, 1954. (Vol. 1).

BALDUS, H.; WILLEMS, E. **Dicionário de Etnologia e Sociologia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

BARRETO, Amanda S. **Pessoas, Corpos e Lugares: Estudo de Gênero no Baixo São Francisco Pré-Colonial**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2020.

BARRETO, Cristiana. **Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga**. 2008. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2008.

BUENO, L. ; DIAS, A. Povoamento inicial da América do Sul: contribuições do contexto brasileiro. **Estudos Avançados**, vol. 29 (83), p. 119-147, 2015.

CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta de Pêro Vaz de Caminha**. Brasil: Ministério da Cultura, 2000 [1500].

CAMPOS, Sandra Maria C. T. L. **Bonecas Karajá: modelando inovações, transmitindo tradições**. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais - Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARDIM, Fernão. **Tratado da terra e gente do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia, 1925 [textos originais escritos entre 1583 e 1601].

CARVALHO, Olivia A. **Contribution à l'Archéologie brésilienne: Étude paléanthropologique de deux nécropoles de la région de Xingó, état de Sergipe, Nord-est du Brésil**. 2006. Tese (Doutorado em Ciências, menção antropológica) – Université de Genève, Genève, Suíça, 2006.

CARVALHO, Rizelda R. **Origem e proveniência da sequência siliciclástica inferior da Bacia do Jatobá**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geociências) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

CASTRO, Viviane M. C. **Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil**. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

CAVALCANTI, Ely B. A. L. **Ocorrência de quartzito verde-esmeralda no município de Lajes/RN e sua viabilidade como rocha ornamental**. 2008. Dissertação (Mestrado em Engenharia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

CIRIACO, Reyna Beatriz S. Escuelas artesanales em el material lapidario de la Cuenca de México durante el periodo pósclasico. **Clio Arqueológica**, v. 35, n. 2, p. 223-251, 2020.

COOK, D. C.; SOUZA, S. M. de. Tocas do Gongo, São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil: uma bioarqueologia retrospectiva. **Revista de Arqueologia**, v. 24, n. 2, p. 30-49, dez. 2012.

CORREIA, Angelo A. Cadeias operatórias Tupi. **Habitus**, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 221-238, jul./dez. 2011.

DANTAS, V. J.; LIMA, T. A. **Pausa para um Banquete: Análise de marcas de uso em vasilhames cerâmicos pré-históricos do Sítio Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe**. Museu de Arqueologia de Xingó, 2014.

DANTAS, Beatriz Góis. Os índios em Sergipe. In: DINIZ, Diana M. F. L. (org.). **Textos para a História de Sergipe**. 2 ed., São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2013. p. 25-74.

DANTAS, Beatriz Góis. **Xokó: Grupo Indígena em Sergipe**. Aracaju: Opção Gráfica, 1997.

DANTAS, B. G.; SAMPAIO, J. A. L.; CARVALHO, M. R. G. de. Os povos indígenas no Nordeste brasileiro: um esboço histórico. In: CUNHA, Manuela C. da (org.). **História dos índios no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1998. p. 431-456.

EVREUX, Ives D'. **Viagem ao norte do Brasil feita nos anos de 1613 a 1614**. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro, 1929.

ETCHEVARNE, Carlos. A ocupação humana do Nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa. **Revista USP**, n. 44, p. 112-141, dez./fev. 1999/2000.

ETCHEVARNE, C.; FERNANDES, L.; BEZERRA, A. Pesquisa arqueológica nos sítios: Serrote do Velho Chico – Fazenda Salão – Município de Curaçá-BA. **Relatório Final**. 2009

FAGUNDES, Marcelo. **Sistema de assentamento e tecnologia lítica**: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil. 2007. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FAGUNDES, M.; SILVA, L. A. da; CORDEIRO, I. M.; BANDEIRA, A. M. Conjuntos líticos de horticultores ceramistas associados à tradição Aratu-Sapucaí: estudo de caso dos sítios Mato Seco e Canoas, Médio Vale do São Francisco, Minas Gerais. **Revista Tarairiú**, Campina Grande - PB, ano VI, v.1, n.9, p. 7-40, fev. 2015.

FALCI, C. G.; RODET, M. J. Adornos corporais em Carajás: a produção de contas líticas em uma perspectiva regional. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 11, n. 2, p. 481-503, maio-ago. 2016.

FALCI, C. G.; KNAF, A. C. S.; VAN GIJN, A.; DAVIES, G. R.; HOFMAN, C. L. Lapidary production in the eastern Caribbean: a typo-technological and microwear study of ornaments from the site of Pearls, Grenada. **Archaeological and Anthropological Sciences**, 12:53, p. 1-16, 2020.

FERNANDES, Florestan. **A função social da guerra na sociedade tupinambá**. Prefácio Roque de Barros Laraia. 3 ed. São Paulo: Globo, 2006.

FERNANDES, Henry Luydy A. **As lâminas de machado lascadas Aratu de Piragiba – BA**. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

FERRARI, Alfonso T. **Os Kariri, o crepúsculo de um povo sem história**. São Paulo: Publicações avulsas da revista sociologia, 1957.

FIGUEIREDO FILHO, O. A. de; ARAUJO, A. G. de M.; SANTOS JUNIOR, V. dos; MARQUES, M.; OLIVEIRA, D. L. de; MUTZENBERG, D. Que Pedra é Essa? A Natureza do Material Lítico na Pré-história do Rio Grande do Norte. **Fundamentos**, v. 11, p. 26-47, 2014.

FILIPPINI, José. **Treponematoses e outras paleopatologias em sítios arqueológicos pré-históricos do litoral sul-sudeste do Brasil**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências – Genética) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

FRAYER, D. W.; NAVA, A.; TARTAGLIA, G.; VIDALE, M.; COPPA, A.; BONDIOLI, L. Evidence for Labret Use in Prehistory. **Bulletin of the International Association for Paleodontology**, v. 14, n. 1, p. 1-23, 2020.

GARVE, R.; GARVE, M.; TÜRP, J. C.; MEYER, C. G. Labrets in Africa and Amazonia: medical implications and cultural determinants. **Tropical Medicine and International Health**, vol. 22, n. 2, p. 232-240, feb. 2017.

GHIGGI, Vani P. **Fazenda Mundo Novo**: Abrigo Dom Helder – espaço de ocupação humana pré-colonial. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2013.

GUZZO, Pedro Luiz. Quartzo. In: LUZ, A. B.; LINS, F. A. F. (ed.). **Rochas e Minerais Industriais**: Usos e Especificações. Rio de Janeiro: Editora do CETEM, 2008. p. 681-721.

HASEMAN, J. D. Some notes on the Pawumwa Indians of South America. **American Anthropologist**, Lancaster, XIV, p. 333-349, 1912.

HOHENTHAL Jr, William D. As tribos indígenas do médio e baixo São Francisco. **Revista do Museu Paulista**, Nova Série, Volume XII, São Paulo, p. 37-91, 1960.

IBGE, **Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú** / Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em colaboração com a Fundação Nacional Pró-Memória. Rio de Janeiro, IBGE, 1981.

KEDDIE, Grant. Symbolism and context: the world history of the labret and cultural diffusion on the pacific rim. In: **Circum-Pacific Prehistory Conference Session**, VIII Prehistoric Trans-Pacific Contacts, Seattle Washington, U.S.A., august 1-6, 1989.

KISTNER, J. **Os Grupos Jê em Blumenau**: Cultura Material Laklãnõ/Xokleng e Kaingang. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) - Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2016.

KOZÁK, Vladimir. Os índios Héta: peixe em lagoa seca. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**, Curitiba, v. 38, p. 11-120, 1981.

LEMONNIER, Pierre. **Elements for an Anthropology of Technology**. Michigan, Museum of Anthropological Research (88), University of Michigan, 1992.

LEMONNIER, Pierre. The Study of Material Culture Today: Toward and Anthropology of Technical Systems. **Journal of Anthropological Archaeology**, 5, p. 147-186, 1986.

LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Tradução e notas de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército – Editora, 1961 [1576].

LEROI-GOURHAN, André. **Les fouilles préhistorique**: techniques et méthodes. Paris: Picard, 1950.

LIMA, André S. Pedras verdes, piedras hijadas ou spleen stones: o comércio de pedras na Amazônia indígena sob o olhar dos europeus. **Revista Amazônica**, Belém, v. 2 n. 2, p. 342-357, 2010.

LIMA, Carlos F. M. de. **Padrão de assentamento em sítios arqueológicos na Zona da Mata Norte de Alagoas e Sul de Pernambuco**. 2006. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

LINS DE CARVALHO, Fernando. **Relatório Final do Projeto Arqueológico de Xingó**. São Cristóvão: UFS; Petrobrás, CHESF; MAX, 2000.

LIRA, H. L.; NEVES, G. A. Feldspatos: conceitos, estrutura cristalina, propriedades físicas, origem e ocorrências, aplicações, reservas e produção. **Revista Eletrônica de Materiais e Processos**, v.8.3, p. 110-117, 2013. Disponível em: www.dema.ufcg.edu.br

LOPES DE OLIVEIRA, Larissa. **A ineficiência da classificação dos cemitérios do sítio Justino – Sergipe**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2021.

LOWIE, Robert H. The Cariri. In: STWEARD, Julian H. (ed.). **Handbook of South American Indians** volume 1: The Marginal Tribes. Washington: Government Printing Office, 1946, p. 557-559.

LUNA, Suely. A. **As Populações Ceramistas Pré-Históricas do Baixo São Francisco - Brasil**. 2001. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

LUNA, Suely C. A. As pesquisas arqueológicas sobre cerâmicas no Nordeste do Brasil. **Revista Canindé**, Xingó, n. 8, p. 167-207, dez. 2006.

MAMIANI, Luis Vincencio. **Arte de Gramática da Língua Brasilica da Naçam Kiriri**. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1699.

MARTIN, Gabriela. A coleção arqueológica do Museu de Mossoró (RN). **Clio: Revista de Pesquisa Histórica**, UFPE, v. 3, n. 1, p. 73-87, 1980.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 5 ed., Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008.

MARTIN, Gabriela. O povoamento pré-histórico do Vale do São Francisco (Brasil). **Clio: Série Arqueológica**, UFPE, v. 1, n. 13, p. 9-41, 1998.

MEDEIROS, P. R. P.; SANTOS, M. M.; CAVALCANTE, G. H.; SOUZA, W. F. L. de; SILVA, W. F. da. Características ambientais do Baixo São Francisco (AL/SE): efeitos de barragens no transporte de materiais na interface continente-oceano. **Geochimica Brasiliensis**, vol. 28 (1), p. 65-78, 2014.

MELLO, A. C. **Uma perspectiva tecnológica para o estudo da indústria lítica dos sítios cemitérios da região de Xingó**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2005.

MÉTRAUX, Alfred. **A religião dos Tupinambás e suas relações com as demais tribos Tupi-guaranis**. Tradução de Estevão Pinto. Brasileira, 1950. (Série 5º, vol. 267)

NANTES, Frei Bernardo de. **Katecismo Indico da língua Kariris**: acrescentados de várias práticas, doutrinas e Moraes, adaptadas ao gentio e capacidades dos índios do Brasil. Lisboa: Officina de Valentim da Costa, 1896 [1709].

NANTES, Padre Martinho de. **Relação de uma Missão no Rio São Francisco**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1979 [1706]. (Brasiliana, v. 368).

NASCIMENTO, Marcos Tromboni. **“O tronco da Jurema”**: Ritual e etnicidade entre os povos indígenas do Nordeste - o caso Kiriri. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994.

NAVARRO, Alexandre G. Modos de fabricar o corpo nas estearias: estudo arqueológico das estatuetas dos povos palafíticos do Maranhão. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 17, n. 1, p. 1-30, 2022.

NAVARRO, A. G.; COSTA, M. L. da; SILVA, A. S.; ANGÉLICA, R. S.; RODRIGUES, S. S.; GOUVEIA NETO, J. C. O muiraquitã da estearia da Boca do Rio, Santa Helena, Maranhão: estudo arqueológico, mineralógico e simbólico. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 12, n. 3, p. 869-894, set.-dez. 2017.

NETTO, Landislau. Apontamentos sobre os Tembetás (Adornos labiaes de pedra) da Collecção Archeologica do Museu Nacional. **Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, UFRJ, Vol. 2, p. 105-164, 1877.

NOGUEIRA, E.; SÁ, M. (org.). **A pesca artesanal no Baixo São Francisco**: atores, recursos, conflitos. Petrolina: Sociedade Brasileira de Ecologia Humana, 2015.

NOGUEIRA, Mônica A. A. **A cerâmica Tupinambá na Serra de Santana-RN**: o sítio arqueológico Aldeia da Serra de Macaguá I. 2011. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

NUNES, M. Sandra. **Variabilidade cerâmica e história indígena no Baixo São Francisco, SE**: os sítios Porto Belo I e II. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, Sergipe, 2019.

OLIVEIRA, L.; KLOKER, D. M. Corpos, oferendas, rituais e gênero no sítio Justino, baixo São Francisco. **Revista Habitus**, Goiânia, v. 16, n.1, p. 103-124, jan./jun. 2018.

OSTROUMOV, Mikhail. Algunas consideraciones mineralógicas y geoquímicas sobre la amazonita del estado de Chihuahua, México. **Revista Mexicana de Ciencias Geológicas**, v.29, n.1, p. 221-232, 2012.

OTT, Carlos F. Contribuição à arqueologia baiana. **Boletim do Museu Nacional**, Antropologia, n. 5, Rio de Janeiro, p. 1-73, nov. 1944.

PAIVA, Beatriz C. **Tecnologia lítica dos grupos ceramistas da área arqueológica de São Raimundo Nonato - PI**: um estudo de caso aplicado ao sítio Canabrava. 2011. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

PARAISO, Maria Hilda B. Os Botocudos do Leste na ótica dos viajantes do século XIX (1815-1820). In: ALMEIDA, L. S. de; GALINDO, M. (ed.). **Índios do Nordeste: temas e problemas 3**. Maceió: EDUFAL, 2002. p. 97-128.

PETTIJOHN, F. J.; POTTER, P. E.; SIEVER, R. **Sand and Sandstone**. New York; Heidelberg; Berlin: Springer; Verlag, 1973.

PINTO, Estevão. **Etnologia Brasileira: Fulniô - os últimos tapuias**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1956. (Brasiliana, Série 5ª, v. 285).

PRADO, Ruth A. A. Contribuição para o estudo do “tembetá”. **Revista do Arquivo**, ano 7, v. 84, p. 139-154, 1942.

PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ. **Salvamento Arqueológico de Xingó: relatório final**. Xingó: UFS; CHESF, 1998.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: editora da UnB, 1991.

REIS, P. G. V. dos. **Vladimir Kozák, as câmeras e os Xetá**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

RIBEIRO, Berta G. **Dicionário do Artesanato indígena**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. 344 p.

RODET, M. J.; DUARTE-TALIM, D.; GUAPINDAIA, V.; MATTOS, A. Cadeia Operatória, Lâminas de Machado Polidas e Imaginário Amazônico no Sítio Arqueológico Boa Vista, Pará. **Teoria E Sociedade**, Número Especial: Antropologias e Arqueologias, hoje, p. 307-332, 2014.

RODRIGUES-CARVALHO, C.; SOUZA, S. M. de. Uso de adornos labiais pelos construtores do sambaqui de Cabeçuda, Santa Catarina, Brasil: uma hipótese baseada no perfil dento-patológico. **Revista de Arqueologia**, v. 11, p. 43-55, 1998.

SANTOS-GRANERO, Fernando. Introducción. In: SANTOS-GRANERO, F. (ed.). **La vida oculta de las cosas: Teorías indígenas de la materialidad y la personidad**. Quito, Ecuador: Smithsonian; Ediciones Abya-Yala, 2012. p. 13-50.

SANTOS, R. A. dos; MARTINS, A. A. M.; NEVES, J. P. das; LEAL, R. A. (org.). **Geologia e Recursos Minerais do Estado de Sergipe**: texto explicativo do mapa geológico do estado de Sergipe. Brasília: CPRM; CODISE, 1998.

SCHAAN, Denise P. A arte da cerâmica Marajoara: encontros entre o passado e o presente. **Revista Habitus**, Goiânia, v. 5, n.1, p. 99-117, jan./jun. 2007.

SCHIFFER, M. B.; SKIBO, J. M. The Explanation of Artifact Variability. **American Antiquity**, v. 62, n. 1, p. 27-50, Jan. 1997.

SCHUSTER, Adriana J. **Variabilidade Cerâmica do Sítio Cipó-AL, Xingó**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, Sergipe, 2018.

SCHUSTER, A. J.; GARCIA, L. G.; ALMEIDA, F. O. Da Pré-História para a História no Baixo São Francisco: arqueologia do período de contato dentro de um contexto Kariri. **Revista Habitus**, Goiânia, v. 18, n.1, p. 179-206, jan./jun. 2020.

SEGEER, A.; DA MATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. B. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. **Boletim do Museu Nacional**, Antropologia nº 32, Rio de Janeiro, p. 2-29, 1979.

SEGEER, Antony. **Os índios e nós**: Estudos sobre sociedades tribais brasileiras. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

SENE, Glaucia A. M. **Indicadores de gênero na pré-história brasileira**: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social - O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais. 2007. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, A. P. **O Rio de Janeiro continua índio**: território do protagonismo e da diplomacia indígena no século XIX. Tese (Doutorado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SILVA DOS SANTOS, Victor. **As Fogueiras do Sítio Justino**: (Re)construindo uma Arqueologia do fogo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018.

SILVA, Fabíola A. As tecnologias e seus significados. **Revista Canindé**, Sergipe, v.2, p. 119-138, 2002.

SILVA, Jaciara A. **O corpo e os adereços**: Sepultamentos Humanos e as especificidades dos adornos funerários. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2013.

SILVA, Jaciara A. **Ambientes funerários e a contribuição para novas leituras arqueológicas**: adornos em sepulturas humanas do sítio Justino/SE, como evidência do contato nativo americano/europeu. 2017. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2017.

SILVA, J. A.; CARVALHO, O. A.; QUEIROZ, A. N. A cultura material associada a sepultamentos no Brasil: arqueologia dos adornos. **Revista Clio**–Arqueológica, 45-82. 2014.

SIMÕES, Fernanda Libório R. **Arqueologia da paisagem nas dunas Holocênicas**: o estudo de caso do sítio Cardoso (Lagoa Redonda, Pirambu, SE). 2014. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2014.

SIQUEIRA, Baptista. Os Cariris do Nordeste. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1978.

SOARES DE SOUSA, Gabriel. Tratado descritivo do Brasil em 1587. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1971.

SOUZA, Gustavo Neves de. Cronistas, arqueólogos e os seu distanciamento desnecessário: as ricas informações dos cronistas sobre os artefatos polidos. **Revista de Arqueologia**, v. 24, n. 2, p. 102-123, 2012.

SOUZA, Gustavo Neves de. **O material lítico polido do interior de Minas Gerais e São Paulo**: entre a matéria e a cultura. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

STADEN, Hans. **Viagem ao Brasil**. Revisão e notas de Theodoro Sampaio. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1930 [1557].

STRADELLI, Ermano. Vocabulários da língua geral português-nheêngatú e nheêngatú-português. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, tomo 104, v. 158, p. 9-768, 1929.

TENÓRIO, Roberto L. Q. **Aspectos da organização social**: um estudo cerâmico e espacial dos sítios Rosas e dos Teto, Serra da Barriga, União dos Palmares, Alagoas. 2010. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

THEVET, André. **Singularidades da França Antártica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944 [1558].

TÍSOC, E. R. M.; CIRIACO, R. B. S. Caracterización mineralógica y tecnológica de la lapidaria de Xalla. *In*: MANZANILLA, L. R. (ed.). **El Palacio de Xalla en Teotihuacan**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2019. p. 359-400.

TORRES, Luiz B. **Os índios Xukuru e Kariri em Palmeira dos Índios**. 4ª ed. ampliada e revisada. Palmeira dos Índios: Ed. do autor, 1974.

TURNER, Turner. The social skin. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, p. 486-504, 2012.

URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. *In*: CUNHA, Manuela C. da (org.). **História dos índios no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1998. p. 87-102.

VELLOSO, Beatriz S. **Um olhar arqueológico sobre traços Macro-Jê**: comparação entre iconografias cerâmicas e rupestres do baixo São Francisco. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2020.

VERGNE, M. Cleonice. **Arqueologia do Baixo São Francisco**: Estruturas funerárias do sítio Justino- região de Xingó, Canindé do São Francisco, Sergipe. 2004. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

VERGNE, M. Cleonice. Os rituais funerários dos cemitérios D e C – sítio Justino, Canindé de São Francisco, área arqueológica de Xingó, Sergipe. **Revista Canindé**, Xingó, n. 5, p. 11-50, jun. 2005.

VERGNE, M. Cleonice. **Relatório final das escavações e análises laboratoriais dos sítios Barracão, Cipó e Barragem**. Canindé do São Francisco: MAX; UFS, 2007.

VIDAL, Lux. Parakanã. *In*: FUNARTE (vários autores). **Arte e corpo**: Pintura sobre a pele e adornos de povos indígenas brasileiros. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Funarte/INAP, 1985. p. 52-55.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. A fabricação do corpo na sociedade xinguana. **Boletim do Museu Nacional**, Antropologia nº 32, Rio de Janeiro, p. 40-49, 1979.

ZANETTINI ARQUEOLOGIA. Programa de Monitoramento Arqueológico, Educação Patrimonial e Resgate de Sítios Arqueológicos nas Áreas de Influência do Complexo Eólico Fortim - Município de Fortim, Estado do Ceará. **Relatório Final de Resgate Arqueológico** (volume I). 2019.

SITES CONSULTADOS

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú: <http://www.etnolinguistica.org>

CPRM (Serviço Geológico do Brasil) – Mapa Geológico do Estado de Sergipe:
http://www.cprm.gov.br/publique/media/geologia_basica/plgb/sergipe/sergipe_geologia.pdf

ISA. Instituto Socioambiental: <https://www.socioambiental.org/pt-br>

LISA-USP. Laboratório da Imagem e do Som em Antropologia da Universidade de São Paulo: <https://lisa.fflch.usp.br/en>

Museu Virtual Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira:
<http://www3.ufpe.br/carlosestevao/museu-virtual-item.php?id=1297>

Seção de Materiais Didáticos do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo (IGC-USP), disponível em: <https://didatico.igc.usp.br>

APÊNDICES

Apêndice I – Levantamento dos tembetás arqueológicos identificados na região Nordeste do Brasil.

UF	Cidade	Sítio	Tipo de adorno lítico	Qty.	Matéria-prima	Ref. Geográfica	Ref. Bibliográfica	Contextualização
BA	Rodela	Surubabel	Tembetá	3	Mármore e Quartzito esverdeado	-	Etchevarne, 1992; 1999; Luna, 2006.	Contexto funerário sobre dunas fluviais.
BA	Curaçá	-	Tembetás	-	Amazonita	-	Luna, 2006.	Contextos funerários da fase Curaçá.
BA	Curaçá	Fazenda Salão	Tembetás	4	Quartzito esverdeado	24 L 401162 8990470	Etchevarne <i>et al.</i> , 2009.	Contexto funerário.
BA	Sento Sé	Gameleirinha 7	Tembetá	1	-	24L 261981 8910031	Cavalcante Ribeiro; Lima Filho, 2016.	Próximo a pinturas rupestres da tradição São Francisco
BA	Muquém de São Francisco	Praça de Piragiba	Tembetá e contas	-	caulinita silicificada	-	Fernandes, 2011.	Acompanhamento funerário em cemitério de urnas Aratu.
BA	Morro do Chapéu	-	Tembetá	1	-	-	Comunicação oral	-
BA	Amargosa	-	Tembetá	3	amazonita azulada e berilo	-	H. Von Ihering, 1904.	Contexto funerário.
BA	Marcionílio Souza	-	Tembetá	1	Quartzito verde	Povoado Machado Portela	H. Von Ihering, 1904.	Coleta descontextualizada.
BA	Campo Formoso	-	Tembetá	2	-	-	OTT, 1944.	Coleta descontextualizada.
BA	Conquista (?)	-	Tembetá	1	Alabastro branco	-	OTT, 1944.	Coleta descontextualizada.
BA	Itiúba	-	Tembetá	1	Amazonita	-	OTT, 1944.	Coleta descontextualizada.
BA	Remanso	-	Tembetá	1	Quartzito verde	-	OTT, 1944.	Coleta descontextualizada.
BA	Areia (?)	-	Tembetá	1	Quartzo branco	Fazenda Uruçu	OTT, 1944.	Coleta descontextualizada.
BA	Poções	-	Tembetá	1	Quartzo verde	-	OTT, 1944.	Coleta descontextualizada.

SE	Canindé de São Francisco	Justino	Tembetás e contas	18	Amazonita, quartzo verde e arenito quartzoso	24L 627561E 8938881N	Acervo MAX	Contexto funerário em terraço fluvial.
AL	Jacuípe	Ocorrência 34	Tembetá	1	Amazonita	8°51'44" lat. Sul 35°26'40" lat. Oeste	Lima, 2006	Aldeia a céu aberto com presença de cerâmicas e cachimbos.
AL	União dos Palmares	SB1	Tembetá	1	-	-	Allen, 2006 <i>apud</i> Tenório, 2010.	Aldeia a céu aberto.
PE	Bom Jardim	Pedra do Caboclo	Tembetás e contas	-	Esteatita e amazonita (contas)	-	Leite <i>et al.</i> , 2014; Martin, 2013.	Contexto funerário em abrigo sob rocha.
PE	Ipojuca	RNEST-29	Tembetá	1	Quartzo	25L 275000E 9071000N	Luna; Nascimento, s/d.	Contexto funerário.
PB	Serra Grande	Moconha	Tembetás fragmentado	6	Amazonita, arenito silicificado e mármore	-	Comunicação oral prof. Juvandi Santos (UEPB)	Sítio a céu aberto com urnas funerárias.
RN	Tenente Laurentino Cruz	Aldeia da Serra de Macaguá I	Contas e tembetá	3	Amazonita e quartzo verde	Área da Serra de Santana	Nogueira, 2011.	Aldeia a céu aberto.
RN	Senador Georgino Avelino	Papeba	Tembetá e contas	3	Amazonita (tembetá)	-	Miller, 2009.	Aldeia com cerâmicas Aratu.
RN	Santana do Matos	-	Tembetás	4	Basalto	-	Figueiredo Filho <i>et al.</i> , 2014.	Coletas descontextualizadas.
RN	*Coleção do Museu de Mossoró		Tembetá e pingentes	4	Amazonita e quartzo verde	-	Martin, 1980.	Coletas descontextualizadas.
CE	Brejo Santo	Baixio dos Lopes	Tembetás fragmentados	13	Amazonita	-	Corrêa, 2011.	Oficina lítica de tembetá com plaquetas e fragmentos de amazonita.
CE	Fortim	Tembetá	Tembetá fragmentado	1	Amazonita	24M 628309 9509832	Zanettini, 2019.	Aldeia à céu aberto, próxima de sítios com lascas e fragmentos de amazonita com polimento.
PI	Coronel José Dias	Aldeia da Queimada Nova	Tembetá	2	Quartzito verde	Lat. Sul 8°48'04" Lat. Oeste 42°27'18"	Paiva, 2011.	Aldeia lito-cerâmica à céu aberto.
PI	Coronel José Dias	Barreirinhos	Tembetá	6	Quartzito verde e amazonita ou jadeíta	8° 49' 26" S 42°30'58" O	Paiva, 2011.	Aldeia lito-cerâmica à céu aberto com machados semilunares.

Apêndice II – Sepultamentos do sítio Justino (Setor I)

Legenda: (A) adulto com idade indeterminada; (DLD) decúbito lateral direito; (DLE) decúbito lateral esquerdo; (-) ausente ou sem informação; (*) tembetá não encontrado no MAX. Destaque azul: sepultamentos com tembetás analisados.

SÍTIO JUSTINO - SETOR I														
Sep.	Níveis		Unidade	Deposição	NMI	Sexo biológico	Faixa etária	Posição	Enxoval funerário					
	Inicial	Final							Adorno			Cachimbo	Cerâmica (panela)	Fauna
									Osso/ Concha	Tembetá	Contas de vidro			
7	2	-	AE 16/20	Primária	1	Indeterminado	-	-	-	-	-	-	-	-
8	2	-	AE 16/20	Primária	1	Indeterminado	-	-	-	-	-	-	-	-
14	2	4	AE 21/25	Primária	1	Indeterminado	15-19	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	sim
15	2	4	AE 21/25	Secundária	1	Masculino	18-29	-	-	-	-	-	-	-
17	2	5	AE 11/15	Secundária	1	Indeterminado	30	-	-	-	-	-	-	-
20	3	5	AE 11/15	Primária	1	Indeterminado	2 a 3	Fetal (DLE)	-	-	-	-	-	-
21	3	5	AE 11/15	Primária	1	Feminino	40-49	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
9	3	5	AE 16/20	Primária	1	Masculino	30-39	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
11	3	5	AE 16/20	Secundária	1	Masculino	30-39	-	-	-	-	-	-	-
12	-	5	AE 16/20	Secundária	2	Indeterminado	30-35	-	-	-	-	-	-	sim
13	3	5	AE 16/20	Primária	1	Masculino	30-39	Fetal (DLE)	-	-	-	-	-	-
16	3	5	AE 21/25	Secundária	1	Masculino	40-49	-	-	-	-	-	-	-
22	3	5	AE 21/25	Primária	1	Indeterminado	20-25	DLE	-	-	-	-	-	-
23	3	8	AE 21/25	Primária	1	Indeterminado	A	Dorsal	-	-	-	-	-	-
63	-	5	AE 21/25	Secundária	1	Masculino	50-59	-	-	-	-	-	-	-
64	-	5	AE 21/25	Secundária	3	Masculino	35	-	-	-	-	-	-	-
65	-	5	AE 21/25	Secundária	1	Indeterminado	A	-	-	-	-	-	-	-
27	3	5	FL 6/10	Secundária	1	Feminino	30-39	-	-	-	-	-	-	-

37	3	4	FL 11/15	Primária	2	Indeterminado	A	DLD	-	-	-	-	-	-
53	3	5	FL 11/15	Primária	1	Indeterminado	5 a 9	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
153	3	10	MN 30/32	Primária	1	Indeterminado	A	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
154	3	10	MN 30/32	Primária	1	Indeterminado	A	Fetal (DLE)	-	1*	-	1	-	-
155	3	10	MP 31/35	Primária	1	Indeterminado	A	DLD	-	-	-	-	-	-
41	-	6	P 34/35	Secundária	1	Indeterminado	35	-	sim	-	-	-	-	sim
1	4	6	AE 16/20	Primária	1	Masculino	A	Fetal (DLE)	-	-	-	-	-	-
2	4	6	AE 16/20	Secundária	2	Indeterminado	32 e 35	-	-	-	-	-	-	-
3	4	6	AE 16/20	Secundária	1	Feminino	A	-	-	-	-	-	-	-
4	4	6	AE 16/20	Primária	1	Indeterminado	5 a 9	Dorsal	-	-	-	-	-	-
5	-	6	AE 16/20	Secundária	1	Masculino	A	-	1	-	-	-	-	-
28	4	6	AE 21/25	Secundária	1	Masculino	30-39	-	-	-	-	-	-	-
34	4	6	AE 31/35	Primária	1	Masculino	40-49	Dorsal	-	1*	sim	-	2	sim
35	4	6	FL 11/15	Secundária	1	Masculino	30-39	-	-	-	-	-	-	-
36	4	6	FL 11/15	Primária	1	Masculino	A	Sentado	-	-	-	-	-	-
10	4	7	FL 16/20	Primária	1	Feminino	30-39	DLD	-	-	-	-	-	-
29	4	6	FL 16/20	Primária	1	Indeterminado	10 a 14	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
31	4	7	FL 16/20	Primária	1	Indeterminado	A	DLE	sim	-	-	-	2	sim
43	4	6	FL 21/25	Primária	1	Feminino	50-59	Fetal (DLE)	1	-	-	-	-	-
25	4	8	AE 11/15	Primária	1	Indeterminado	25	Sentado	-	-	-	-	-	-
24	5	7	AE 11/15	Secundária	1	Masculino	50-59	-	-	-	-	-	-	-
26	5	7	AE 11/15	Primária	1	Indeterminado	1 a 4	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
33	5	7	FL 26/30	Primária	1	Masculino	40-49	Dorsal	-	-	-	-	2	-
30	5	7	FL 16/20	Primária	1	Indeterminado	1 a 4	DLE	-	-	-	-	-	-
32	5	8	FL 16/20	Primária	1	Indeterminado	35	DLE	-	-	-	-	-	-
45	5	6	FL 16/20	Secundária	1	Masculino	18-29	-	-	-	-	-	-	sim
49	5	7	FL 21/25	Primária	1	Masculino	18-29	DLD	-	-	-	-	-	-
39	5	7	FL 26/30	Secundária	1	Masculino	A	-	-	-	-	-	-	-
40	5	7	FL 26/30	Primária	1	Feminino	A	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-

50	6	8	FL 11/15	Primária	1	Feminino	40-49	Fetal (DLE)	-	-	-	-	-	-
71	6	8	FL 11/15	Primária	1	Indeterminado	A	Sentado	-	-	-	-	-	-
19	6	8	FL 16/20	Primária	1	Indeterminado	5	DLE	-	-	-	-	-	-
61	6	7	R 23/25	Secundária	1	Masculino	A	-	-	-	-	-	-	-
62	6	7	R 23/25	Primária	1	Indeterminado	A	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
89	6	7	FL 41/45	Primária	1	Indeterminado	1 a 4	Dorsal	-	-	-	-	-	sim
109	6	10	FL 41/45	Primária	1	Masculino	50-59	Dorsal	-	3	-	-	1	-
6	7	8	AE 16/20	Primária	1	Feminino	40-49	Fetal (DLD)	1	-	-	-	-	-
48	7	9	FL 11/15	Primária	1	Indeterminado	5 a 9	Fetal (DLE)	-	-	-	-	-	-
44	7	9	FL 26/30	Primária	1	Masculino	35	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
46	7	10	FL 26/30	Primária	1	Feminino	A	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
56		9	FL 31/32	Primária	1	Indeterminado	5 a 9	DLD	-	-	-	-	-	-
54	7	9	FL 31/35	Primária	1	Masculino	35	DLD	-	-	-	-	-	-
90	7	9	FL 31/35	Primária	1	Masculino	30-39	Dorsal	-	-	-	-	-	-
91	7	9	FL 31/35	Primária	1	Masculino	A	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
93	7	9	FL 31/35	Primária	1	Masculino	18-29	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
18	9	10	AE 11/15	Primária	1	Masculino	40-49	Sentado	-	-	-	-	-	-
51	9	12	FL 26/30	Primária	1	Feminino	A	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
52	9	10	FL 26/30	Primária	1	Feminino	A	Dorsal	-	-	-	-	-	-
58	9	10	FL 26/30	Primária	1	Indeterminado	1 a 4	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
59	9	10	FL 26/30	Primária	1	Indeterminado	A	Fetal (DLE)	-	-	-	-	-	-
55	9	11	AE 31/35 FL 31/32	Primária	2	Indeterminado	-	DLD	-	-	sim	-	1	sim
92	9	10	FL 31/35	Primária	1	Indeterminado	A	DLE	-	-	-	1	-	-
94	9	14	FL 31/35	Secundária	3	Indeterminado	A	-	-	-	-	-	-	-
95	9	9	FL 31/35	Primária	1	Masculino	40-49	DLD	-	-	-	-	-	-
127	9	19	FL 51/55	Primária	2	M e M	26/32	Dorsal e DLD	-	-	-	-	1	-
166	-	10	FL 51/55	Secundária	1	Indeterminado	A	-	-	-	-	-	1	sim
167	-	10	FL 51/55	Secundária	1	Indeterminado	A	-	-	-	-	-	1	-

98	9	9	MP 31/35	Secundária	1	Indeterminado	A	-	-	-	-	-	-	-
57	9	9	PQ 27/28	Primária	1	Indeterminado	15-20	Dorsal	-	-	-	-	-	-
38	-	10	P 26/27	Primária	1	Masculino	30-39	DLE	-	-	-	-	1	-
60	9	10	PQ 21/25	Primária	1	Indeterminado	A	DLE	-	-	-	1	-	-
67	9	10	Q 28	Primária	1	Masculino	40-49	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
69	9	10	PQ 26/30	Secundária	5	Feminino	40-49	-	-	-	-	-	-	-
70	9	10	QR 26/30	Primária	1	Feminino	18-29	DLE	-	-	-	-	-	-
73	9	11	QR 28	Primária	1	Masculino	A	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
66	9	10	PQ 31/32	Primária	1	Masculino	40-49	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
68	9	10	QR 31/35	Primária	1	Indeterminado	5 a 9	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
72	9	10	Q 35/36	Primária	1	Masculino	A	DLD	-	-	-	-	-	-
85	9	10	PQ 33/34	Primária	1	Masculino	18-29	DLD	-	-	-	-	-	-
80	9	10	R 26/30	Secundária	3	Indeterminado	A	-	-	-	-	-	-	-
81	9	10	R 26/27	Primária	1	Masculino	18-29	DLE	-	-	-	-	-	-
82	9	11	R 26/30	Primária	1	Indeterminado	30	DLE	-	-	-	1	-	-
87	9	11	R 29/30	Primária	1	Masculino	30-39	DLD	-	-	-	-	-	-
76	9	9	RS 25/26	Primária	1	Masculino	30-39	DLD	-	-	-	-	-	-
88	9	9	SX 26/27	Primária	1	Indeterminado	40	DLD	-	-	-	-	-	-
99	9	10	S 24/25	Secundária	1	Masculino	30-39	-	1	-	-	-	-	-
110	9	9	U 26/27	Primária	1	Indeterminado	5 a 9	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
111	9	11	VX 26/27	Primária	1	Masculino	30-39	DLD	1	-	-	-	-	-
112	9	12	TU 24/25	Primária	2	F e I	30-39I	Dorsal	1	-	-	-	-	-
117	9	11	ST 26/27	Primária	1	Indeterminado	A	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
119	9	13	ST 23/27	Primária	1	Masculino	50-59	Dorsal	1	1	-	-	2	sim
47	10	11	FL 26/30	Primária	1	Indeterminado	15-18	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
74	10	11	PQ 27/29	Primária	2	Indeterminado	35 A	DLD	-	-	-	-	-	-
75	10	11	PQ 28/29	Primária	1	Feminino	15-19	DLD	-	-	-	-	-	-
86	10	11	PQ 27/28	Primária	1	Masculino	30-39	DLD	-	-	-	-	-	-
103	10	12	Q 26	Secundária	1	Feminino	30-39	-	-	-	-	-	-	-

100	10	12	QR 31	Primária	1	Indeterminado	30-39	DLD	-	-	-	-	-	-
42	11	13	AE 16/20	Secundária	3	M e I	AAA	-	-	-	-	-	-	-
104	11	13	PQ 30	Secundária	1	Indeterminado	30	-	-	-	-	-	-	-
134	11	-	PQ 26/30	-	1	Indeterminado	-	-	-	-	-	-	-	-
113	11	12	TU 24/25	Primária	1	Masculino	30-39	DLD	sim	-	-	-	-	-
114	11	13	ST 23/24	Primária	1	Feminino	18-29	DLD	1	-	-	-	-	-
116	10	13	FL 41/45	Primária	1	Feminino	15-19	Dorsal	3	1	-	-	1	-
118	10	14	FL 41/45	Primária	1	Masculino	50-59	Dorsal	1	-	-	-	2	sim
101	12	13	PQ 30/31	Primária	1	Indeterminado	A	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
102	12	13	PQ 33/34	Primária	1	Indeterminado	A	DLE	-	-	-	1	-	-
97	-	16	FL 26/30	Secundária	1	Masculino	40-49	-	-	-	-	-	-	-
108	-	16	FL 51/55	Primária	1	Masculino	18-29	DLE	-	-	-	-	-	-
77	-	17	FL 11/15	Primária	1	Indeterminado	A	DLE	-	-	-	-	-	-
83	-	18	AE 16/20	Secundária	1	Masculino	18-29	-	-	-	-	-	-	-
84	-	18	AE 16/20	Primária	1	Indeterminado	5	Dorsal	-	-	-	-	-	-
79	-	19	FL 11/15	Primária	1	Indeterminado	1 a 4	Dorsal	-	-	-	-	-	-
105	-	19	FL 31/35	Secundária	1	Masculino	30-39	-	-	-	-	-	-	-
120	-	19	AE 21/25	Primária	1	Indeterminado	4 a 5	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
125	-	19	FL 16/20	Primária	1	Indeterminado	A	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
135	-	19	FL/M 36/40	Primária	1	Indeterminado	A	Dorsal	-	-	-	-	-	-
134	17	19	AE 21/25	Primária	1	Feminino	18-29	Dorsal	-	-	-	-	-	-
78	17	18	FL 11/15	1ª.2ª.2ª	3	M, M e F	AAA	DLE	-	-	-	-	-	-
96	17	19	FL 31/35	Secundária	1	Masculino	50-59	-	-	-	-	-	-	-
128	17	18	FL 31/35	Primária	1	Masculino	30-39	DLE	-	-	-	-	-	-
129	17	18	FL 31/35	Secundária	2	Indeterminado	35/8m	-	-	-	-	-	-	-
145	17	19	PQ 33/34	Primária	1	Indeterminado	18-19	DLD	-	1*	-	1	-	-
144	17	19	R 31	Primária	1	Masculino	A	Fetal (DLE)	-	-	-	1	-	-
107	18	19	FL 31/35	Secundária	1	Masculino	50-59	-	-	-	-	-	-	-

121	18	19	AE 21/25	Primária	1	Indeterminado	1 a 4	DLE	-	-	-	-	-	-
115	19	20	AE 31/35	Primária	1	Indeterminado	1 a 4	DLD	-	-	-	-	-	-
122	19	21	AE 21/25	1ª.2ª	2	F e I	30-35/5	DLE	-	-	-	-	1	-
123	19	21	AE 21/25	Primária	1	Feminino	50-59	DLE	-	-	-	-	-	sim
106	20	20	FL 31/35	Primária	1	Indeterminado	1 a 4	DLD	-	-	-	-	-	-
126	20	20	FL 46/50	Primária	1	Feminino	A	Fetal (DLE)	-	-	-	-	-	-
146	20	20	PQ 36/40	Secundária	1	Indeterminado	A	-	-	-	-	-	-	-
148	14	20	PQ 37/28	Primária	1	Indeterminado	5	Dorsal	-	-	-	-	-	-
124	21	21	AE 21/25	Primária	1	Indeterminado	0 a 5	Dorsal	-	-	-	-	-	-
130	21	22	FL 31/35	Primária	1	Indeterminado	12 a 13	Fetal (DLD)	-	-	-	1	-	-
151	21	21	PQ 39/40	Primária	1	Indeterminado	A	Fetal (DLE)	-	-	-	-	-	-
149	21	21	Q 41/45	Secundária	1	Feminino	18-29	Fetal	-	-	-	1	-	-
143	-	21	R 36/37	Primária	1	Indeterminado	A	Fetal (DLD)	-	-	-	-	-	-
133	21	23	FL 31/35	Primária	1	Indeterminado	5 a 6	Fetal (DLD)	-	-	-	1	-	-
136	23	23	AE 31/35	Primária	1	Indeterminado	7 a 8	Fetal (DLE)	-	-	-	-	-	-
157	24	25	PQ 41/45	Primária	1	Indeterminado	6 meses	Dorsal	-	-	-	-	-	-
162	27	28	AE 26/30	Primária	1	Indeterminado	5 a 6	Dorsal	-	-	-	-	-	-
158	41	43	AE 41/45	Primária	1	Masculino	40-49	DLD	-	1	-	-	-	-
163	45	47	AE 46/50	Secundária	1	Masculino	18-29	-	-	-	-	-	-	-
160	46	48	AE 21/25	Primária	1	Feminino	40-49	DLD	1	1	-	-	-	-
161	49	51	FL 41/45	Primária	1	Feminino	A	DLD	-	1	-	-	-	-
159	50	52	AE 21/25	Primária	1	Masculino	30-39	DLE	-	-	-	-	-	-

Apêndice III – Sepultamentos do sítio Justino (Setor II)

Legenda: (A) adulto com idade indeterminada; (DLD) decúbito lateral direito; (-) ausente ou sem informação. Destaque azul: sepultamentos com tembetás analisados.

SÍTIO JUSTINO - SETOR II														
Sep.	Níveis		Unidade	Deposição	NMI	Sexo biológico	Faixa etária	Posição	Enxoval funerário					
	Inicial	Final							Adorno			Cachimbo	Cerâmica (panela)	Fauna
									Osso/Concha	Tembetá	Contas de vidro			
138	6	8	MR 6/10	Primária	1	Indeterminado	1 a 2	Sentado	sim	1	sim	-	1	sim
140	7	9	MR 6/10	Primária	1	Indeterminado	3 a 6	Sentado	sim	1	sim	-	1	
164	7	10	MR 1/5	Primária	1	Indeterminado	6 a 9	Sentado	-	1	-	-	1	-
165	7	10	MN 1/5	Primária	1	Indeterminado	0 a 1	-	-	-	-	-	1	-
132	7	10	SX 5/10	Primária	1	Masculino	30-39	Dorsal	-	1	-	-	2	-
137	7	10	MR 6/11	Primária	1	Masculino	A	Dorsal	sim	-	sim	-	1	-
142	8	10	MR 6/10	Primária	1	Feminino	15-19	Dorsal	-	1	-	-	1	sim
150	8	10	FL 6/10	Secundária	1	Indeterminado	A	-	-	-	-	-	-	-
139	8	10	MR 1/5	Primária	1	Masculino	18-29	DLD	-	1	-	-	-	-
141	9	10	MR 1/5	Primária	1	Masculino	A	Dorsal	-	-	-	2	-	-
131	8	13	SX 7/11	Primária	1	Masculino	A	Dorsal	-	1	-	1	1	-
152	12	14	FL 6/10	Primária	1	Masculino	18-21	Dorsal	-	-	-	1	-	-
156	13	14	FL 6/10	Primária	1	Masculino	40-49	Dorsal	sim	1	-	-	1	-
147	13	15	FL 6/10	Primária	1	Indeterminado	5 a 9	Dorsal	sim	-	-	-	1	sim

Apêndice IV – Tabela de análise dos tembetás do Justino

Identificação								Composição		Produção				
Nº	Sep.	Sexo	Idade	Localização na estrutura funerária	Setor	Unidade	Níveis	Matéria-prima	Cor	Técnicas de transformação	Marcas de picoteamento	Estrias de alisamento	Marcas de polimento	Local das marcas
T1	109	Masculino	50-59	-	I	FL 41/45	6 a 10	Amazonita	Verde azulado e branco	Lascamento, alisamento e polimento	-	sim	sim	Estrias transversais e diagonais no corpo e garganta. Um dos lados do corpo tem polimento fino.
T2				Sobre o tórax (direito ou esquerdo)	I			Quartzo arenito	Branco	Lascamento, picoteamento, alisamento e polimento	sim?	-	-	Prováveis marcas de picoteamento na parte distal.
T3				Sobre o tórax (direito ou esquerdo)	I			Quartzo arenito	Branco	Lascamento, picoteamento, alisamento e polimento	sim?	sim	-	Prováveis marcas de picoteamento na parte distal. Estrias de alisamento abaixo das abas da parte proximal transversais à parte proximal.
T4	119	Masculino	50-59	Abaixo da mandíbula (enterrado em uso)	I	ST 23/27	9 a 13	Quartzo arenito	Branco	Lascamento, picoteamento, alisamento e polimento	-	-	-	-
T5	116	Feminino	18-19	Sob as falanges da mão esquerda	I	FL 41/45	11 a 13	Quartzo	Verde	Lascamento, alisamento e polimento	-	-	sim	Superfície rugosa resultante de polimento fino.

T6	158	Masculino	40-49	-	I	AE 41/45	41-43	Amazonita	Verde	Lascamento, alisamento e polimento	-	sim	-	Estrias longitudinais ao corpo.
T7	160	Feminino	40-49	-	I	AE 21/25	46-48	Quartzo	Verde	Lascamento, alisamento e polimento	-	-	sim	Superfície rugosa resultante de polimento fino.
T8	161	Feminino	-	-	I	FL 41/45	49-51	Quartzo	Verde	Lascamento, alisamento e polimento	-	-	sim	Superfície rugosa resultante de polimento fino.
T9	138	Infantil	1 a 2	Próximo à região torácica	II	MR 6/10	6 a 8	Amazonita	Verde e branco	Lascamento, alisamento e polimento	-	sim	sim	Estrias da parte proximal longitudinal à parte proximal. Estrias transversais e diagonais no corpo e na parte distal. Apresenta riscos bem finos de polimento e outros mais profundos de alisamento.
T10	140	Infantil	4 a 6	Próximo às articulações fêmur-tíbia	II	MR 6/10	7 a 9	Amazonita	Verde e branco	Lascamento, alisamento e polimento	-	sim	-	Estrias na parte proximal transversais e longitudinais à parte proximal. Estrias nas laterais do corpo, abaixo das abas da parte proximal.
T11	164	Infantil	6 a 10	Próximo ao crânio	II	MR 1/5	7 a 10	Quartzo arenito	Branco	Lascamento, picoteamento, alisamento e polimento	-	?	-	Riscos multidirecionais. Marcas de polimentos ou da rocha?

T12	132	Masculino	30-39	Abaixo da mandíbula (enterrado em uso)	II	SX 5/10	7 a 10	Quartzo arenito	Branco	Lascamento, picoteamento, alisamento e polimento	-	?	-	Riscos multidirecionais. Marcas de polimentos ou da rocha?
T13	142	Feminino	15-19	-	II	MR 6/10	8 a 10	Quartzo	Verde	Lascamento, alisamento e polimento	-	sim	sim	Estrias diagonais na parte interna da parte proximal. O resto do corpo tem superfície rugosa resultante de polimento fino.
T14	139	Masculino	18-29	Abaixo da mandíbula (enterrado em uso)	II	MR 1/5	8 a 10	Quartzo arenito	Branco	Lascamento, picoteamento, alisamento e polimento	-	-	-	-
T15	131	Masculino	-	-	II	SX 7/11	10 a 13	Quartzo	Verde	Lascamento, alisamento e polimento	-	-	sim	Superfície rugosa resultante de polimento fino.
T16	156	Masculino	40-49	Abaixo da mandíbula (enterrado em uso)	II	FL 6/10	13 e 14	Quartzo arenito	Branco	Lascamento, picoteamento, alisamento e polimento	-	-	-	-

Nº	Morfologia								Uso		Estado de Preservação	
	Comp. (mm)	Parte prox. (mm)	Garganta (mm)	Parte distal	Espessura (mm)	Peso (g)	Forma	Curvatura parte proximal	Desgaste	local do desgaste	Preservação	Fragmentação
T1	45	22*	17	15	16	24	T alongado	Convexo	-	-	Fragmentado	Aba lateral da parte proximal em zona de clivagem da amazonita.
T2	26	61	35	37	41	76	T achatado	Reto	-	-	Inteiro	-
T3	30	64	36	45	39	94	T achatado	Reto	-	-	Inteiro	-
T4	16	43	24	24	22	15	T achatado	Côncavo	-	-	Inteiro	-
T5	32	63	38	38	33	77	T achatado	Côncavo	sim	Parte interna da parte proximal se encontra mais lisa do que o corpo e parte distal. Parece mais liso também pelo toque.	Inteiro	-
T6	53	8	7	8	8	8	Cilíndrico*	-	-	-	Fragmentado	Haste decorativa fragmentada e colada no meio

T7	46	-	-	9	11	11	Cilíndrico*	-	-	-	Fragmentado	Corpo sem parte proximal, fragmentado em duas partes e colados no meio.
T8	31	-	-	-	15	17	Cilíndrico*	-	-	-	Fragmentado	Sem parte proximal e parte distal.
T9	37	21	13	12	13	13	T alongado	Reto	-	-	Inteiro	-
T10	41	30	21	19	19	28	T alongado	Reto	sim?	Parte proximal parece mais lisa ao toque.	Inteiro	-
T11	53	31	25	5	27	43	Cônico	Convexo	-	-	Fragmentado	Parte distal fragmentada em uma intrusão de quartzo.
T12	11	27	19	18	18	8	T achatado	Reto	-	-	Inteiro	-
T13	28	26	15	15	15	16	T alongado	Convexo	sim	Parte central da parte proximal convexo, onde teria maior contato com a gengiva, não tem estrias e parece mais liso também pelo toque.	Inteiro	-

T14	10	25	15	17	16	5	T achatado	Reto	-	-	Inteiro	-
T15	21	22	22	8	11	6	T alongado	Reto	sim	Parte proximal parece mais lisa ao toque e visualmente mais lisa que o resto do corpo.	Inteiro	-
T16	11	33	21	24	23	11	T achatado	Côncavo	-	-	Inteiro	-

* Dados imprecisos devido à fragmentação da peça analisada.

Apêndice V – Descrição dos sepultamentos analisados

Justino - Setor I

Sepultamento 109 (masculino, 50 a 59 anos)

Estrutura funerária

7. Tipo de Tratamento: primário individual;
8. Posição: dorsal com os membros inferiores flexionados;
9. Unidade: quadra FL 41/45;
10. Níveis: 6 ao 10;
11. Acompanhamentos Funerários:
 - a. Tembetás: (1) de amazonita em formato de “T” alongado, fragmentado na parte proximal, com acabamento polido e estrias de alisamento nas laterais do corpo (sem localização onde foi encontrado na estrutura funerária); (2 e 3) tembetás de grande dimensão feitos em quartzo arenito, formato de “T” achatado, não são simétricos, possuem marcas de picoteamento e alisamento, cada um estava sobre um lado do tórax;
 - b. Cerâmica: um vasilhame semiesférico depositado sobre o crânio. Foi utilizado em sua capacidade máxima para cozinhar alimentos, porém com pouca frequência (DANTAS; LIMA, 2014);
12. Estruturas associadas: ao lado do sep. 89 (níveis 6-7) e entre os sep. 118 e 116 (níveis 10-13).

Dados osteológicos

5. Idade: 50 a 59 anos, de acordo com o fechamento das suturas cranianas (CARVALHO, 2006);
6. Sexo biológico: masculino, com base em indicativos no crânio, mandíbula e osso íliaco (CARVALHO, 2006);
7. Patologias ósseas: há marcas de traumatismo craniano causado por um acidente vascular cerebral, provavelmente em decorrência da fratura localizada no parietal esquerdo, resultante de uma ação violenta, sendo a causa da morte (CARVALHO, 2006);
8. Patologias e desgastes dentários: não foram encontrados restos dentários (CARVALHO, 2006);

Sepultamento 119 (masculino, 50 a 59 anos)

Estrutura funerária

1. Tipo de Tratamento: primário individual;
2. Posição: dorsal com os membros inferiores hiper fletidos e o braço esquerdo flexionado;
3. Unidade: quadra ST23/27;
4. Níveis: 9 ao 13;
5. Acompanhamentos Funerários:
 - a. Tembetá (4): feito de quartzo arenito branco em formato de “T” achatado. Encontrado próximo à clavícula direita, sob onde estava a mandíbula, que se desarticulou do crânio durante o processo de decomposição;
 - b. Adornos de material faunístico: contas de colar pequenas, provavelmente de concha. Pela disposição preservada no sedimento, era um colar com pelo menos três voltas²³.
 - c. Cerâmicas: dois vasilhames semiesféricos utilizados para cozinhar alimentos, porém com pouca frequência (DANTAS; LIMA, 2014). Um deles possui dois orifícios para amarração e marcas de picoteamento, tendo sido utilizado para cozer alimentos somente uma vez. Foram colocados um sobre o crânio do indivíduo e outro sobre o ventre;
 - d. Ossos faunísticos: esqueleto quase completo e articulado de um furão pequeno *Galictis cuja* (*Carnivora, Mustelidae*) sobre o lado direito do tórax, abaixo de um vasilhame cerâmico;
6. Estruturas associadas: na mesma unidade e níveis que os sep. 76, 80, 81, 88, 111, 112, 113 e 114.

Dados osteológicos

1. Idade: 50 a 59 anos, de acordo com o fechamento das suturas cranianas (CARVALHO, 2006);
2. Sexo biológico: masculino, com base em indicativos no crânio, mandíbula e osso íliaco (CARVALHO, 2006);
3. Patologias ósseas: dano articular nas vértebras lombares (CARVALHO, 2006);
4. Patologias e desgaste dento-mandibular: perda dentária ante morte de dentes mandibulares, hipoplasia do esmalte e abscesso apical (CARVALHO, 2006);

²³ Informação obtida por participação na escavação em 2018.

Sepultamento 116 (feminino, 18 a 19 anos)

Estrutura funerária

1. Tipo de Tratamento: primário individual com crânio secundário;
2. Posição: dorsal com membros superiores e inferiores estendidos. Crânio depositado ao lado do úmero direito - sem marcas de decapitação – e a mandíbula sobre o rádio e a ulna direita. Carvalho (2006) sugere ser uma movimentação posterior à decomposição dos tecidos moles, devido pequenas perturbações na estrutura funerária que podem ter origem antrópica;
3. Unidade: quadra FL 41/45;
4. Níveis: 11 ao 13;
5. Acompanhamentos Funerários:
 - a. Tembetá (5): grande tembetá de quartzo verde em formato de “T” achatado. Possui acabamento polido e desgaste por uso. Foi encontrado sob as falanges superiores;
 - b. Adornos de material faunístico: colar de conchas em volta da cabeça, pulseira e tornozeleira de ossos de aves e/ou mamíferos polidos;
 - c. Cerâmica: um vasilhame cerâmico semiesférico, foi utilizado para cozinhar alimentos, porém com pouca frequência (DANTAS; LIMA, 2014). Cobria o crânio e parte do tórax;
6. Estruturas associadas: sep. 118 (níveis 10-13) e uma grande mancha escura. Sep. 89 imediatamente acima (níveis 6-7).

Dados osteológicos

1. Idade: 15 a 19 anos, com base no fusionamento das epífises (CARVALHO, 2006);
2. Sexo biológico: feminino, com base no crânio, mandíbula e osso ilíaco (CARVALHO, 2006);
3. Patologias ósseas: presença de transtorno de desenvolvimento nos úmeros e sacralização da quinta vértebra lombar (CARVALHO, 2006);
4. Patologias e desgaste dento-mandibular: baixo desgaste dentário (CARVALHO, 2006);

Sepultamento 158 (masculino, 40 a 49 anos)

Estrutura funerária

1. Tipo de Tratamento: primário individual;
2. Posição: decúbito lateral direito com membros inferiores e superiores hiper fletidos (fetal), indicando que pode ter sido envolto com esteira, cestaria ou rede antes de ser enterrado;
3. Unidade: quadra AE 41/45;
4. Níveis: 41 ao 43;
5. Acompanhamento Funerário:
 - a. Tembetá (6): de amazonita com acabamento polido e presença de algumas estrias de alisamento longitudinais ao corpo. Formato cilíndrico alongado e estreito; fragmentado, colado no meio e sem parte proximal. Sem localização exata registrada;
6. Estruturas associadas: nenhuma.

Dados osteológicos

1. Idade: 40 a 49 anos, com base nas suturas cranianas (CARVALHO, 2006);
2. Sexo biológico: masculino, com base no crânio, mandíbula e osso ilíaco (CARVALHO, 2006);
3. Patologias ósseas: sem informações devido ao estado de conservação (CARVALHO, 2006);
4. Patologias e desgastes dentários: perda dentária *ante mortem*, sem mais informações devido ao estado de conservação (CARVALHO, 2006).

Sepultamento 160 (feminino, 40 a 49 anos)

Estrutura funerária

1. Tipo de Tratamento: primário individual;
2. Posição: decúbito lateral direito com membros inferiores e superiores fletidos. As pernas estão super fletidas indicando algum tipo de amarração nos membros inferiores para que mantivessem essa posição.
3. Unidade: quadra AE 21/25;
4. Níveis: 46 ao 48;
5. Acompanhamentos Funerários:
 - a. Tembetá (7): de quartzo verde com acabamento polido. Formato cilíndrico alongado, fragmentado e sem parte proximal. Sem localização exata registrada;
 - b. Adornos de material faunístico: 1 colar polido de conchas com marcas de desgaste perto da perfuração (similar ao colar do sep. 156);
 - c. Outros: um recipiente (VERGNE, 2004);
6. Estruturas associadas: nenhuma.

Dados osteológicos

1. Idade: 40 a 49 anos, com base nas suturas cranianas (CARVALHO, 2006);
2. Sexo biológico: feminino, com base no crânio, mandíbula e osso ilíaco (CARVALHO, 2006);
3. Patologias ósseas: sem informações devido ao estado de conservação (CARVALHO, 2006);
4. Patologias e desgastes dentários: forte desgaste em dentes superiores e nos pré-molares e molares inferiores (CARVALHO, 2006).

Sepultamento 161 (feminino, adulto)

Estrutura funerária

1. Tipo de Tratamento: primário individual;
2. Posição: decúbito lateral direito com membros inferiores e superiores fletidos (fetal);
3. Unidade: quadra FL 41/45;
4. Níveis: 49 ao 51;
5. Acompanhamento Funerário:
 - a. Tembetá (8): de quartzo verde com acabamento polido. Formato cilíndrico alongado, fragmentado nas partes distal e proximal. Sem localização exata registrada;
6. Estruturas associadas: sep. 159.

Dados osteológicos

1. Idade: jovem adulta, com algumas suturas fusionadas (CARVALHO, 2006);
2. Sexo biológico: feminino, com base no crânio, mandíbula e osso ilíaco (CARVALHO, 2006);
3. Patologias ósseas: sem informações devido ao estado de conservação (CARVALHO, 2006);
4. Patologias e desgastes dentários: sem informações devido ao estado de conservação (CARVALHO, 2006).

Justino - Setor II

Sepultamento 138 (infantil, 1 a 2 anos)

Estrutura funerária

1. Tipo de Tratamento: primário individual (SILVA, 2017);
2. Posição: sentado (SILVA, 2017);
3. Unidade: MR 6/10;
4. Níveis: 6 ao 8;
5. Acompanhamentos Funerários:
 - a. Tembetá (9): um de amazonita em formato de T alongado, com estrias de alisamento por todo o corpo. Foi encontrado próximo à região torácica da criança (SILVA, 2017);
 - b. Adornos de material faunístico: um colar com 91 contas feitas de poliquetas (SILVA, 2017);
 - c. Adorno de vidro: 2 contas azuis de técnica *drawn-speo*, 17 contas azul de técnica *drawn*, 432 contas brancas pequenas, possivelmente feitas com a técnica *wound* (todas técnicas desenvolvidas originalmente em Veneza a partir do século XVII) (SILVA, 2017).
 - d. Cerâmica: um vasilhame semiesférico recobrimdo todo o esqueleto. Foi utilizado para cozinhar alimentos, porém com pouca frequência (DANTAS; LIMA, 2014);
 - e. Outros: um instrumento de sopro feito de osso longo e um alisador esférico;
6. Estruturas associadas: na mesma unidade e níveis estão os sep. 140 e 137, os quais também têm contas de vidro no enxoval, e sep. 142, que também está acompanhado de um instrumento de sopro.

Dados osteológicos

1. Idade: 1 a 2 anos, com base na erupção dos dentes (SILVA, 2017);
2. Sexo biológico: indeterminado, já que crianças não apresentam indicativos de dimorfismo sexual nos ossos;
3. Patologias ósseas: ausente;
4. Patologias dentárias: ausente.

Sepultamento 140 (infantil, 3 a 6 anos)

Estrutura funerária

1. Tipo de Tratamento: primário individual (SILVA, 2017);
2. Posição: sentado (SILVA, 2017);
3. Unidade: quadra MR 6/10;
4. Níveis: 7 ao 9;
5. Acompanhamentos Funerários:
 - a. Tembetá (10): um de amazonita em formato de T alongado, com estrias de alisamento por todo o corpo. Foi encontrado próximo à articulação fêmur-tíbia da criança (SILVA, 2017);
 - b. Adornos de material faunístico: possui algumas contas feitas de poliquetas (SILVA, 2017);
 - c. Adorno de vidro: 1 conta azul, 6 contas âmbar, 234 contas pretas e 783 contas brancas de técnica *wound* e 41 contas azul de técnica *drawn* (todas técnicas desenvolvidas originalmente em Veneza a partir do século XVII) (SILVA, 2017).
 - d. Cerâmica: um vasilhame semiesférico recobrimdo todo o esqueleto. Foi utilizado para cozinhar alimentos, porém com pouca frequência. Há lascamentos nas bordas que sugerem intencionalidade (DANTAS; LIMA, 2014);
6. Estruturas associadas: na mesma unidade e níveis estão os sep. 137, 138, os quais também têm contas de vidro no enxoval, e sep. 142.

Dados osteológicos

1. Idade: 3 a 6 anos, com base na erupção dos dentes (SILVA, 2017);
2. Sexo biológico: indeterminado, já que crianças não apresentam indicativos de dimorfismo sexual nos ossos;
3. Patologias ósseas: ausente;
4. Patologias e desgastes dentários: ausente.

Sepultamento 164 (infantil, 6 a 9 anos)

Estrutura funerária

1. Tipo de Tratamento: primário individual;
2. Posição: sentado com as pernas cruzadas;
3. Unidade: quadra MR 1/5;
4. Níveis: 7 ao 10;
5. Acompanhamentos Funerários:
 - a. Tembetá (11): um de quartzo arenito branco em formato cônico, próximo ao crânio;
 - b. Cerâmica: uma panela semiesférica com uso secundário como urna funerária, na qual o indivíduo foi colocado sentado. Foi utilizada para cozinhar alimentos em dois momentos distintos, um em sua capacidade total e outro na metade da capacidade (DANTAS; LIMA, 2014);
6. Estruturas associadas: Sep. 139 (níveis 8-10) e 141 (níveis 9-10).

Dados osteológicos

1. Idade: 6 a 9 anos, com base na erupção dos dentes permanentes (CARVALHO, 2006);
2. Sexo biológico: indeterminado, já que crianças não apresentam indicativos de dimorfismo sexual nos ossos;
3. Patologias ósseas: ausente;
4. Patologias e desgastes dentários: ausente.

Sepultamento 132 (masculino, 30 a 39 anos)

Estrutura funerária

1. Tipo de Tratamento: primário individual;
2. Posição: dorsal estendido com as mãos sobre o ventre;
3. Unidade: quadra SX 1/5 e SX 6/10;
4. Níveis: 7 ao 10;
5. Acompanhamentos Funerários:
 - a. Tembetá (12): um de quartzo arenito branco em formato de “T” achatado, encontrado abaixo da mandíbula e acima da clavícula direita, indicando estar sendo usado pelo morto quando enterrado e tendo caído nessa região durante a decomposição²⁴;
 - b. Cerâmica: dois vasilhames colocados sobre o ventre e os membros inferiores. Um em formato semiesférico com marcas de foi utilizado com muita intensidade para cozinhar alimentos em sua capacidade máxima. O outro em formato de meia calota, também foi utilizado para cozinhar alimentos em sua capacidade máxima, mas sem indícios suficientes para confirmar uso contínuo (DANTAS; LIMA, 2014);
6. Estruturas associadas: Ao lado da fogueira 6 (nível 12) e dos sepultamentos 147 e 156.

Dados osteológicos

1. Idade: 30 a 39 anos, com base no fusionamento das suturas cranianas (CARVALHO, 2006);
2. Sexo biológico: masculino, com base no crânio, mandíbula e osso ilíaco (CARVALHO, 2006);
3. Patologias ósseas: possuía displasia congênita no úmero direito. Apresenta sinais de infecção na clavícula e tíbia direita (CARVALHO, 2006);
4. Patologias e desgaste dento-mandibular: desgaste médio nos molares superiores (CARVALHO, 2006).

²⁴ Informação obtida por participação na escavação em 2018.

Sepultamento 142 (feminino, 15 a 19 anos)

Estrutura funerária

1. Tipo de Tratamento: primário individual;
2. Posição: dorsal com os membros superiores sobre a pélvis;
3. Unidade: quadra MR 6/10;
4. Níveis: 8 ao 10;
5. Acompanhamentos Funerários:
 - a. Tembetá (13): de quartzo verde em formato de “T” alongado, sem localização exata registrada na estrutura funerária;
 - b. Cerâmica: um vasilhame globular colocado ao lado esquerdo do crânio. Há marcas de que foi utilizado para cozinhar alimentos, sem indícios suficientes para confirmar uso diário e contínuo (DANTAS; LIMA, 2014);
 - c. Outros: um instrumento de sopro feito de osso longo, junto ao úmero esquerdo;
6. Estruturas associadas: Sep. 137, 138 e 140 na mesma unidade e níveis, todos com contas de vidro no enxoval.

Dados osteológicos

5. Idade: 15 a 19 anos, com base no fusionamento das epífises (CARVALHO, 2006);
6. Sexo biológico: feminino, com base no osso íliaco (CARVALHO, 2006);
7. Patologias ósseas: ausente;
8. Patologias e desgaste dento-mandibular: baixo desgaste dentário (CARVALHO, 2006);

Sepultamento 139 (masculino, 18 a 29 anos)

Estrutura funerária

1. Tipo de Tratamento: primário individual;
2. Posição: decúbito lateral direito com os membros inferiores fletidos;
3. Unidade: quadra MR 1/5;
4. Níveis: 8 ao 10;
5. Acompanhamento Funerário:
 - a. Tembetá (14): de quartzo arenito branco em formato de “T” achatado, encontrado abaixo da articulação escápula-úmero direito, indicando que estava sendo usado pelo morto quando enterrado e tendo caído nessa região durante a decomposição²⁵;
6. Estruturas associadas: Sep. 141 (níveis 9-10) e 164 (níveis 7-10) na mesma unidade.

Dados osteológicos

5. Idade: com base no fusionamento das suturas cranianas (CARVALHO, 2006);
6. Sexo biológico: masculino, com base no crânio, mandíbula e osso ilíaco (CARVALHO, 2006);
7. Patologias ósseas: sem informações devido ao estado de conservação (CARVALHO, 2006);
8. Patologias e desgastes dentários: baixo desgaste nos molares inferiores e superiores, forte desgaste nos caninos e incisivos superiores (CARVALHO, 2006).

²⁵ Informações retiradas do relatório das escavações do MAX.

Sepultamento 131 (masculino, adulto)

Estrutura funerária

1. Tipo de Tratamento: primário individual;
2. Posição: dorsal com a mão esquerda sobre o ventre junto ao cachimbo;
3. Unidade: quadra SX 6/10;
4. Níveis: 8 ao 13;
5. Acompanhamentos Funerários:
 - a. Tembetá (15): de quartzo verde em formato de “T” alongado com acabamento de superfície polido. Sem localização exata registrada na estrutura funerária;
 - b. Cerâmica: um vasilhame globular com tratamento de superfície corrugado na face externa. Há marcas de que foi utilizado para cozinhar alimentos, porém com pouca frequência (DANTAS; LIMA, 2014). Um cachimbo provavelmente piriforme sobre o ventre do indivíduo. Tanto a cerâmica, quanto o cachimbo foram plotados no croqui no nível 8, sobre a localização do indivíduo;
6. Estruturas associadas: Sep. 132 na mesma unidade entre os níveis 7 a 10.

Dados osteológicos

1. Idade: adulto indeterminado, com algumas suturas fusionadas (CARVALHO, 2006);
2. Sexo biológico: masculino, com base no crânio, mandíbula e osso ilíaco (CARVALHO, 2006);
3. Patologias ósseas: apresenta patologia na articulação da tíbia e do tálus direitos (CARVALHO, 2006);
4. Patologias e desgaste dento-mandibular: sem informações devido ao estado de conservação (CARVALHO, 2006).

Sepultamento 156 (masculino, 40 a 49 anos)

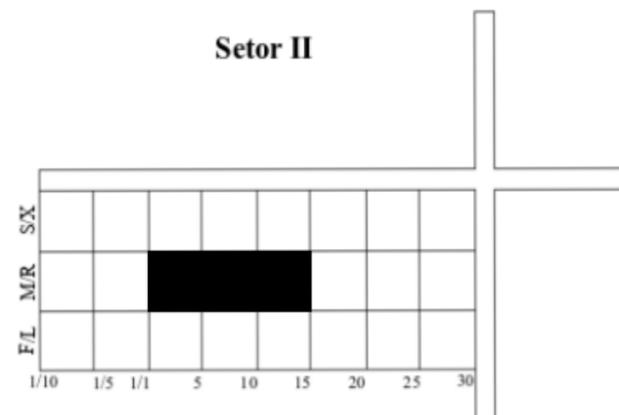
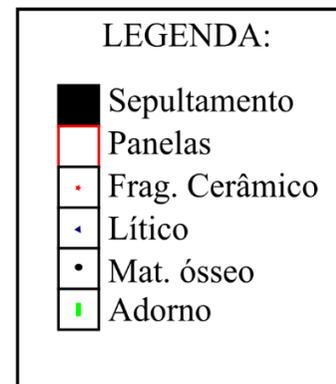
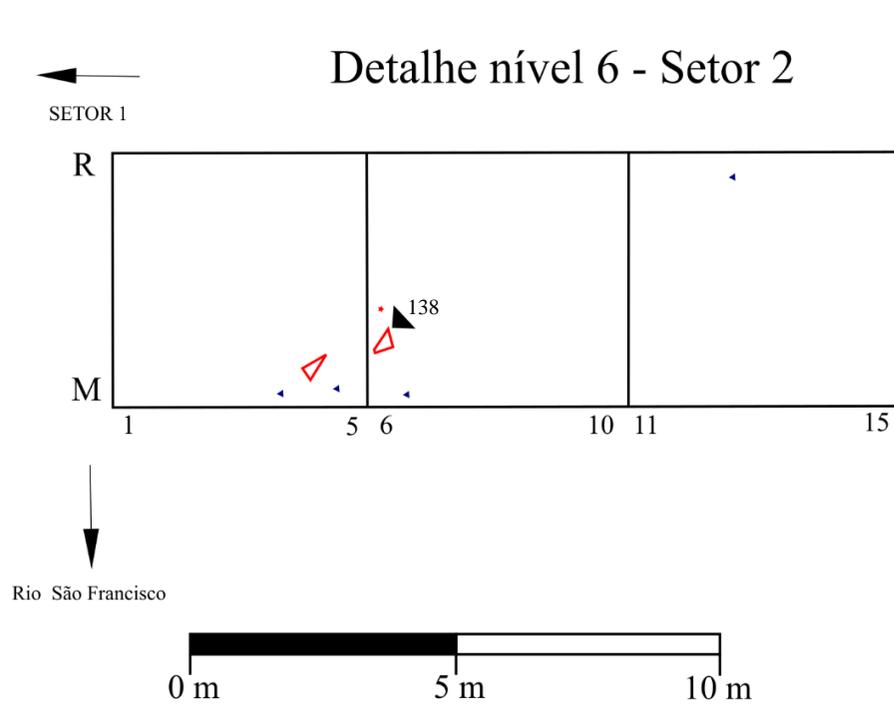
Estrutura funerária

1. Tipo de Tratamento: primário individual;
2. Posição: dorsal;
3. Unidade: quadra FL 6/10;
4. Níveis: 13 ao 14;
5. Acompanhamentos Funerários:
 - a. Tembetá (16): de quartzo arenito branco em formato de “T” achatado, encontrado abaixo da mandíbula e da escápula direita, indicando estar sendo usado pelo morto quando enterrado e tendo caído nessa região durante a decomposição;
 - b. Adornos de material faunístico: um colar de ossos de aves ou mamíferos polidos similar ao do sep. 160;
 - c. Cerâmica: um vasilhame cerâmico semiesférico com lascamentos na parede interna que Dantas e Lima (2014) acreditam serem intencionais. Foi utilizada para cozinhar alimentos, porém com pouca frequência (DANTAS; LIMA, 2014);
6. Estruturas associadas: Sep. 147 (13-15) e 152 (12-14) na mesma unidade e níveis ao redor da fogueira 6 (nível 12).

Dados osteológicos

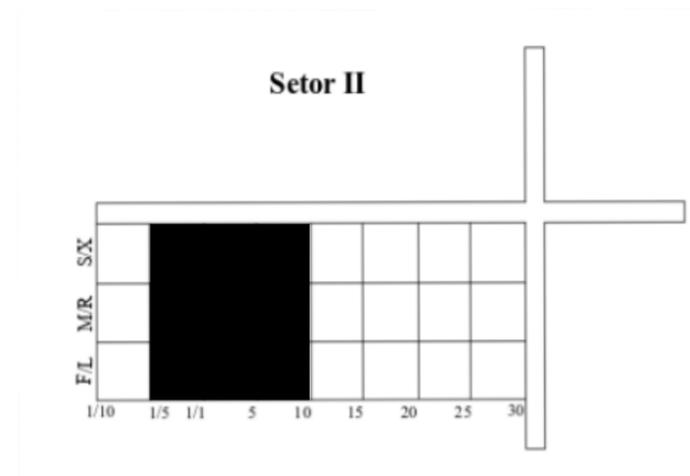
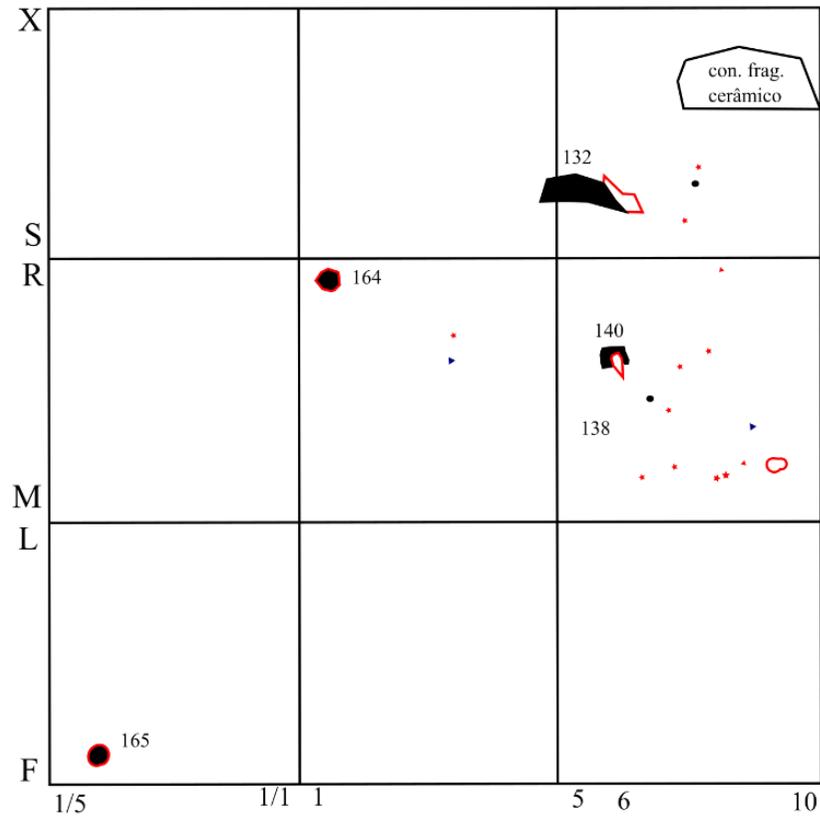
9. Idade: 40 a 49 anos, com base no fusionamento das suturas cranianas (CARVALHO, 2006);
10. Sexo biológico: masculino, com base no crânio, mandíbula e osso ilíaco (CARVALHO, 2006);
11. Patologias ósseas: transtorno de desenvolvimento nas três primeiras cervicais e hiperostose entesopática (patologia nas articulações) (CARVALHO, 2006);
12. Patologias e desgaste dento-mandibular: desgastes médios, cárie e perda ante mortem de dentes inferiores (CARVALHO, 2006).

Apêndice VI - Croquis de escavação do setor II do sítio Justino - detalhes dos níveis em que aparecem sepultamentos

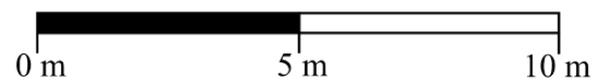


Detalhe nível 7 - Setor 2

←
SETOR 1

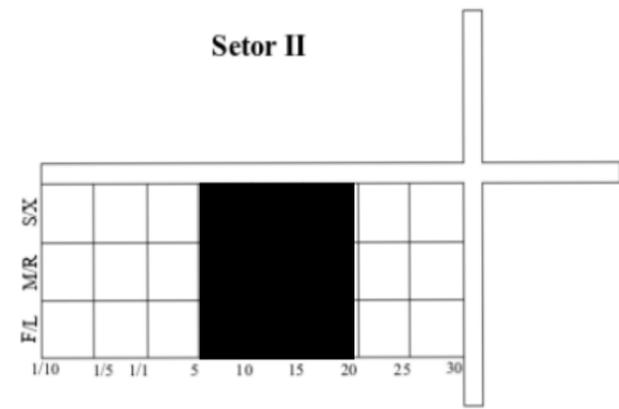
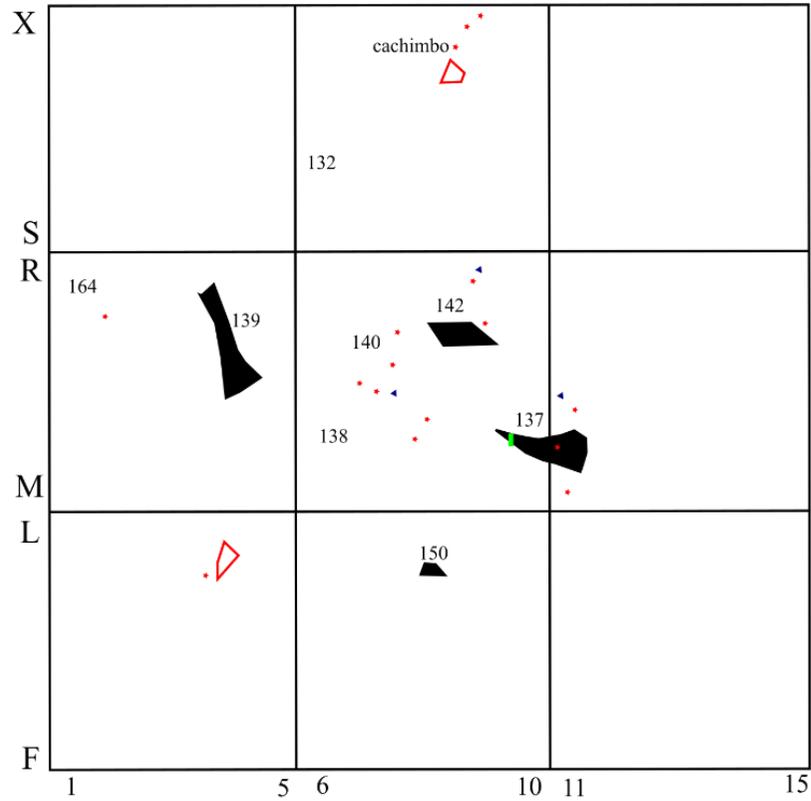


↓
Rio São Francisco

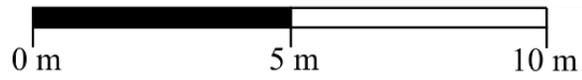


←
SETOR I

Detalhe nível 8 - Setor 2

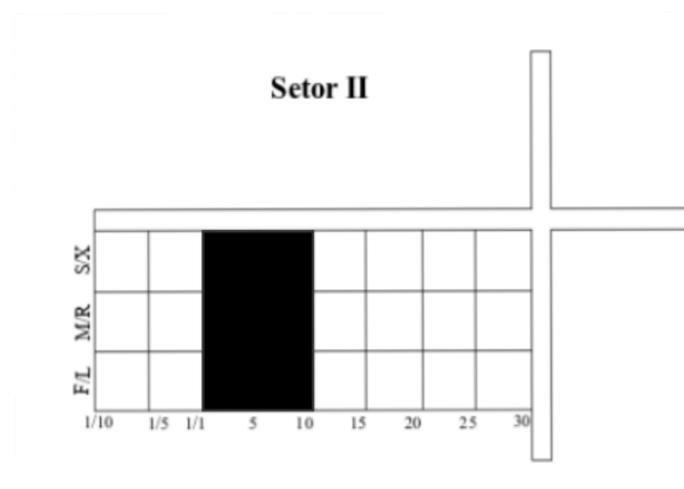
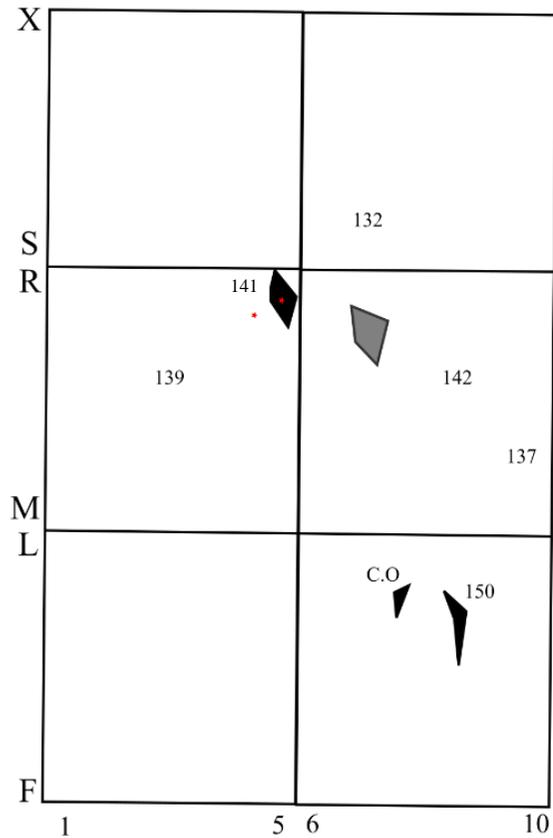


↓
Rio São Francisco

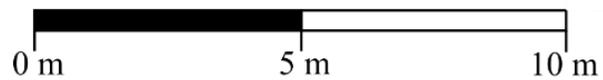


Detalhe nível 9 - Setor 2

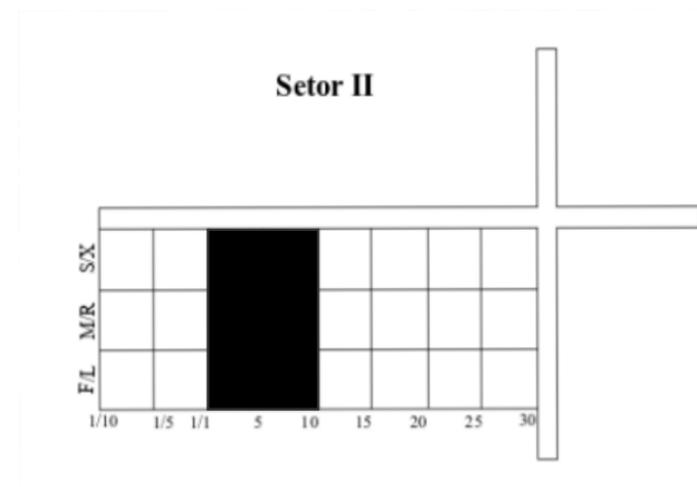
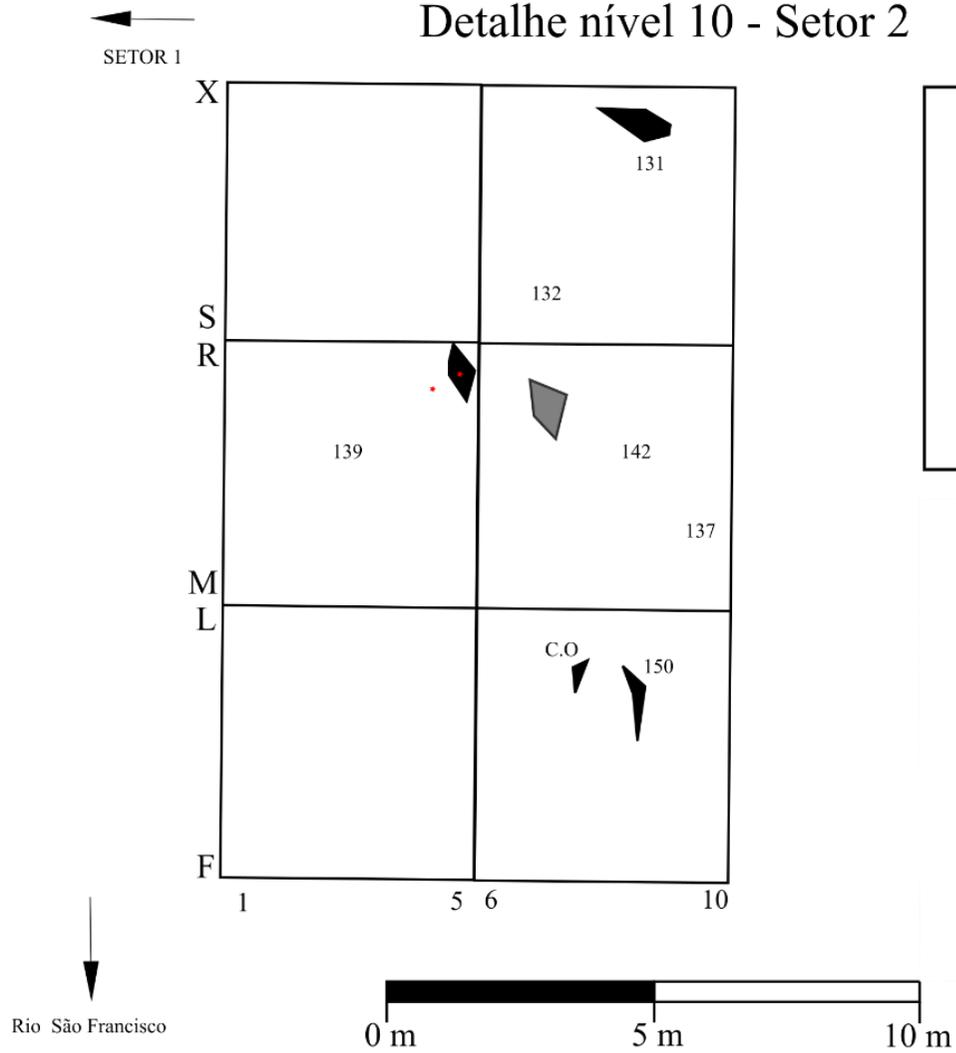
←
SETOR I



↓
Rio São Francisco

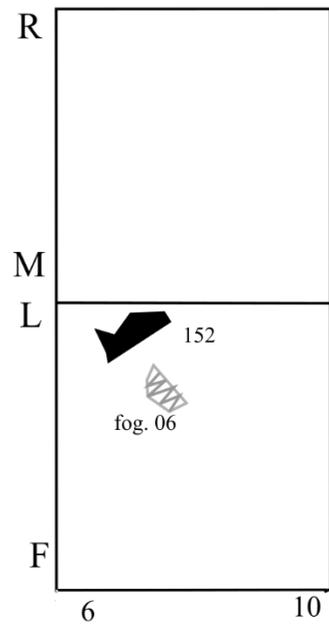


Detalhe nível 10 - Setor 2



Detalhe nível 12 - Setor 2

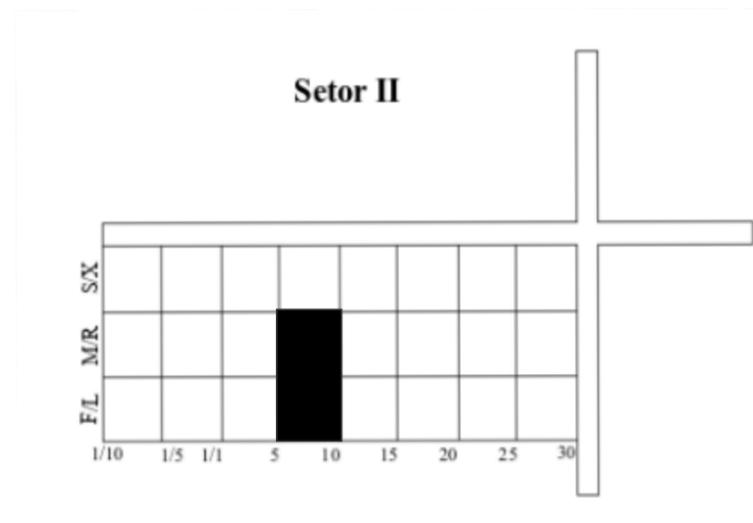
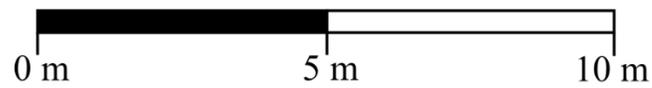
←
SETOR 1



LEGENDA:

-  Sepultamento
-  Panelas
-  Frag. Cerâmico
-  Lítico
-  Mat. ósseo
-  Adorno

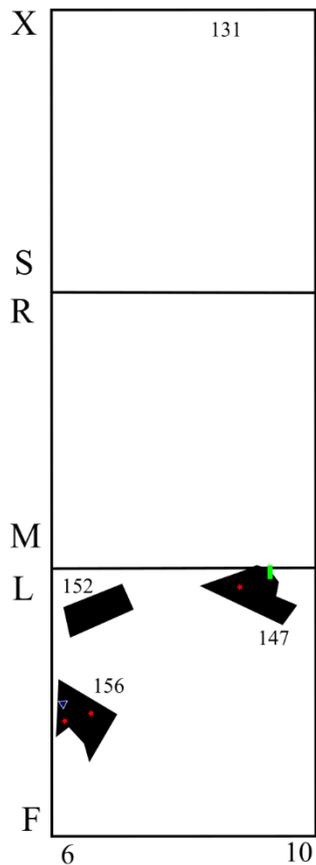
↓
Rio São Francisco



Detalhe nível 13 - Setor 2

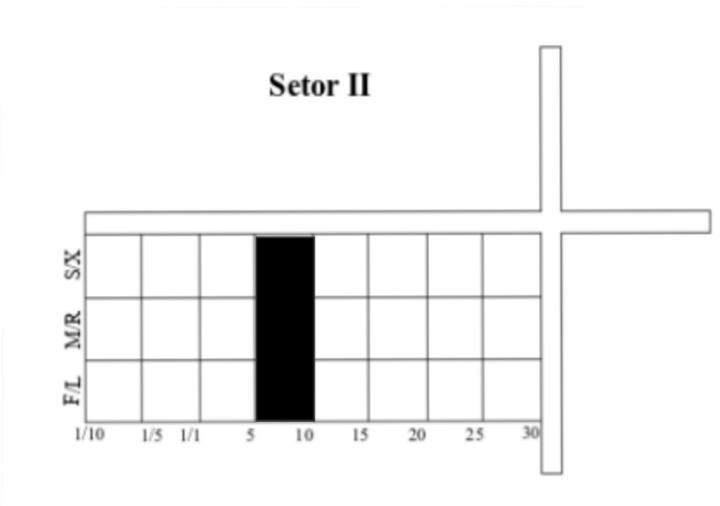


SETOR 1



LEGENDA:

- Sepultamento
- Painelas
- Frag. Cerâmico
- Lítico
- Mat. ósseo
- Adorno



Rio São Francisco

